



le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





# O Assassinato

DO

# Coronel Gentil José de Castro

*(Subsidios para  
a historia do regimen republicano no Brazil)*

POR

**AFFONSO CELSO**

Vibre em cada palavra um  
tom de heroica verdade.

MARCO AURELIO

---

PARIS







**O Assassinato**

**DO**

**Coronel Gentil José de Castro**



# O Assassinato

DO

# Coronel Gentil José de Castro

*(Subsidios para  
a historia do regimen republicano no Brazil)*

POR

**AFFONSO CELSO**

Vibre em cada palavra um  
tom de heroica verdade.

MARCO AURELIO

---

PARIS



## Fins deste opusculo

Sobre o assassinato do coronel Gentil José de Castro, gerente da “*Liberdade*” e proprietario da “*Gazeta da Tarde*”, só se tem publicado até agora noticias inexactas.

Procuraram alguns jornaes attenuar a gravidade do attentado, attribuindo á victima o papel de provocador.

Estamparam outros algo de verdadeiro, no meio de pormenores imaginarios.

Ligeiramente, terceiros se occuparam do facto, como se fôsse um incidente sem importancia, indigno de demorada attenção.

Constrangimento, cautela, receio de desgostar os potentados do dia, — eis a nota dominante de todas as versões. Folhas houve que nem sequer ousaram alludir ao occorrido.

Trata-se, entretanto, de um dos crimes mais revoltantes dos nossos fastos, de uma das nodos mais vergonhosas do regimen republicano no Brazil. Não pôde ficar sem protesto, sob pena de se

attestar que o 15 de Novembro eliminou da nossa terra quaesquer noções do honesto e do justo.

Fui amigo intimo do coronel Gentil; as ultimas horas da sua existencia, passou-as elle em minha companhia; quasi assisti ao seu trucidamento, perpetrado a poucos passos de distancia do logar onde me achava.

Significa este folheto o cumprimento de um dever. Dedico-o não só aos meus correligionarios, como a todos os brasileiros, monarchistas ou republicanos, de consciencia e criterio. Viso com elle os seguintes intuitos :

- Restabelecer a verdade;
- Defender-me de arguições malevolas que se me irrogaram, em consequencia do meu procedimento, durante a execução do delicto;
- Render á memoria da victima a homenagem de respeito e admiração, a que ha jus;
- Fornecer ao historiador futuro alguns elementos para que ajuize da maneira como o systema republicano garantiu entre nós a propriedade, a liberdade e a vida dos cidadãos.

Muito de industria, deixei de escrever logo em seguida aos acontecimentos. Quiz evitar o influxo da paixão.

Fazendo-o presentemente, de longe, volvidos mezes, sinto que se me agrava a tristeza produzida pela horrivel tragedia.

Acho-me, porém, nas possiveis condições de calma e isempção.

## II

### Na vespera do crime

Todo o domingo, 7 de Março de 1897, estive o coronel Gentil no Alto da Serra de Petropolis, onde se installára para o verão e onde, ha annos, eu fixei domicilio.

Eramos vizinhos. Eu havia chegado de uma viagem a S. Paulo, — viagem cujo fim fôra tratar de negocios commerciaes do mesmo Gentil com o coronel José Ferreira de Figueiredo. Achava-se no Rio de Janeiro meu pai, que, durante a quadra calmosa, costuma residir em predio tambem proximo ao meu. Molestia em pessoa da familia retinha-o na capital. Identico motivo lhe determinára uma excursão a Minas, pouco antes.

Dias atraz, a habitação do coronel Gentil havia sido assaltada. Dois ou mais individuos arrombaram, alta noite, as venezianas do quarto em que elle dormia, fugindo ao serem percebidos. — Não eram gatunos, pois deixaram intactos objectos de valor de que facilmente poderiam ter-se apoderado. Demais, são quasi desconhe-

cidos em Petropolis casos de furto ou roubo dessa natureza. Relataram o facto a "*Liberdade*" e a "*Gazeta da Tarde*". Não lhe ligaram importancia as outras folhas, procedimento igualmente seguido, ao que parece, pelas autoridades. Todavia, tudo instiga a crer que já se tratava de uma tentativa contra a vida de Gentil!

Receber esclarecimentos sobre os negocios de que me encarregára, conversar ácerca do mallogrado assalto e dos recentes successos politicos levaram-no varias vezes á minha casa no correr daquelle domingo. Parecia uma despedida.

Ainda o vejo alegre, animado, transbordante de vida, todo vestido de brim branco, sem o menor presentimento de que menos de 48 horas o separavam do tumulo!

Havendo subido do Rio sabbado á tarde, não tendo ido ao centro de Petropolis, onde se sabem as novidades, ignoravamos que já corriam boatos relativos ao desastre de Canudos. Em virtude de razões que não cabe aqui explicar, eu nunca penetrára no escriptorio da "*Gazeta da Tarde*". No da *Liberdade* apparecera apenas tres vezes, emquanto durou o jornal, escrevendo mui escassamente para elle, embora á sua eminente redacção me unisse, em materia politica, intima solidariedade de vistas.

Pedi minuciosidades ácerca do ataque, por parte de uma horda de exaltados, de que fôra

objecto a “*Gazeta*”, a 9 de Fevereiro, quando eu estava em S. Paulo.

Narrou-me Gentil despreocupadamente o acontecido, commentando :

— Não receio que a brutalidade se reproduza. Com quanto desprevenidos e em numero insignificante, os meus empregados souberam resistir. A policia pôz-se álerata. De agora em diante hão de encontrar maiores difficuldades os nossos inimigos, que sahiram escabriados. E’ falso que possuamos na redacção grande copia de armamento e meios defensivos, mas fala-se nisso e é quanto basta para nos garantir. Accresce que a violencia da tarde de 9 despertou geral indignação. A cada instante recibo de pessoas qualificadas e influentes, muitas das quaes republicanas, protestos de sympathia e promessas de auxilio, no caso de nova refrega. Conto com bons amigos no exereito, na armada, nas camaras. Bem vê que não me faltam elementos de defeza.

Veu á baila a expedição de Morcira Cesar na Bahia.

— Attribuem-me, como vocè terá lido, — continuou Gentil, — ligações com a gente do Conselheiro, affirmando que este obedece a um plano monarchista. Nasceu essa ballela de uma pilheria do *Filhote* na “*Gazeta de Noticias*”, pilheria maldosa, oriunda de que a “*Gazeta*” não me perdoou a violenta polemica travada com a “*Liberdade*” e procurou assim vingar-se, chamando contra mim

o odio dos jacobinos. Elles proprios, em consciencia, devem ter a certeza de que eu e os monarchistas somos absolutamente alheios ao Conselheiro e sua turba. Combato a republica, ás claras, pelas vias legais. A ballela cahirá por si. Quem não deve, não teme; acho-me perfeitamente tranquillo. A “*Republica*”, como é natural, tem tirado da historia todo o partido possivel, explorando com habilidade, em detrimento nosso, as suppostas relações entre o Conselheiro e os monarchistas. Chegaram a asseverar que eu remetti ao chefe dos fanaticos armas e dinheiro. Como essa imputação envolvia calumnia, promovi processo crime contra a “*Republica*”, desafiando o redactor principal a provar em juizo a sua asserção. Aguardo o resultado, repito, perfeitamente tranquillo.

— Quanto a mim, — retorqui, — não partilho a sua tranquillidade. O tom cathgorico com que o redactor da “*Republica*” respondeu á sua interpellação judicial, assegurando peremptoriamente que você, na qualidade de emissario dos monarchistas, se entendia com o Conselheiro e o ajudava, convenceu-me de que se prepara cousa seria. Releia o editorial da “*Republica*” de hoje. Sem embargo da sua innocencia, você não continuará tão sosegado. Armam-lhe, pelo menos, uma cilada. Não ha jornalista intelligente que avance proposições gravissimas e decisivas, como o da “*Republica*” avançou, sem se apoiar em algum fundamento.

— Mas que fundamento, se nada, absolutamente nada, existe, nem nunca existiu, entre mim e o Conselheiro?! A verdade ha de se impôr, afinal de contas.

— Não sei... talvez depoimentos falsos, documentos mal interpretados, ou forjados. Em summa, o tal artigo dá que pensar.

O alludido artigo rezava assim :

## O Processo da “ Republica ”

### A 2ª AUDIENCIA

« Pouco depois do meio-dia, encerradas a sessão da Camara Civil e Criminal e a audiencia do Sr. Dr. Afonso de Miranda, abriu-se a audiencia do Sr. Dr. Lima Drummond, Juiz da Camara Criminal do Tribunal Civil e Criminal, para a qual havia sido citada a “ Republica ” na pessoa do nosso companheiro Aleindo Guanabara, que na anterior audiencia se apresentára como responsavel pelo artigo que o Sr. coronel Gentil José de Castro se deu ao luxo de reputar calumnioso á sua pessoa.

À audiencia de hontem havia sido chamado o nosso collega para dar explicações ao Sr. coronel Gentil José de Castro, como noticiámos.

Aberta a audiencia, encheu-se a sala.

O nosso collega Aleindo Guanabara entrou na sala acompanhado dos nossos illustres correligionarios Drs. Xavier da Silveira, Frederico Borges e Luiz Domingues tomando todos assento á esquerda do Juiz. Em face, sentava-se o Sr. Dr. Cavalcanti Mello, que veiu

substituir o Dr. André Fleury, ao que parece, demittido do officio de advogado do Sr. coronel Gentil de Castro.

— Está aberta a audiencia do Sr. Dr. João da Costa Lima Drummond, Juiz da Camará Criminal! annunciou ao toque da campainha o porteiro, Sr. Carvalho.

O SR. DR. CAVALCANTI MELLO — Peço a palavra.

O SR. JUIZ — Tem a palavra.

O SR. DR. CAVALCANTI MELLO — Por parte do Sr. coronel Gentil José de Castro, capitalista e proprietario dos jornaes “*Liberdade*” e “*Gazeta da Tarde*” accuso a citação feita a Alcindo Guanabara, na qualidade de gerente da Sociedade Anonyma *União* e principal redactor da “*Republica*” ... (*interrupção do Sr. Juiz*).

O PORTEIRO, apregoando :

— Alcindo Guanabara !

O SR. ALCINDO GUANABARA — Está presente.

O SR. CAVALCANTI MELLO (*continuando e lendo a intimação escripta*)... para nesta audiencia vir declarar se o trecho publicado naquelle periodico n° 97, de 20 de Fevereiro, com o titulo *Bond Electrico*, em que se lê o seguinte : « Tamanha pobreza doe a alma sensivel dos *gentis* da “*Gazeta da Tarde*” e “*Liberdade*”, que resolveram, por caridade, já se vê, enviar-lhes algumas armas mais aperfeiçoadas e as competentes munições, e nisto cifra-se o caso das Sete-Lagôas », se se refere ao coronel Gentil José de Castro, isto é, se, escrevendo-o e publicando-o, Alcindo Guanabara pretendeu dizer que o supplicante fez remessas de armas a Antonio Conselheiro, bem assim de munições, via Sete-Lagôas e Curvello, sob pena de, não comparecendo ou recusando-se ás explicações pedidas, deixar de existir equivoco e ficar sujeito ás penas que no caso couberem.

O Sr. Cavalcanti Mello calou-se.

O Sr. Alcindo Guanabara levantou-se para responder. O Sr. Juiz ordenou que o escrivão escrevesse o que havia lido o Sr. C. Mello.

Acabado o trabalho, o escrivão leu-o e o Sr. C. Mello approvou-o.

O Sr. Juiz — Tem a palavra o Sr. Alcindo Guanabara.

O Sr. ALCINDO GUANABARA (*profundo silencio*) — Diz que comparece a esta audiencia pelo respeito que deve á justiça da republica e pela deferencia pessoal que tributa ao Sr. Dr. Juiz que preside á audiencia, não porque julgue necessario dar qualquer explicação ao Sr. coronel Gentil José de Castro.

No trecho incriminado não ha ambiguidades, nem equívocos; antes o que nelle se lê claramente foi em numeros da “*Republica*”, subsequentes ao dia em que recebem a intimação para se ver processar, dito claramente com todas as letras. Todavia, como reconhece que ha pessoas de cabeça dura que custam a entender o que têm, repete aqui em presença do Sr. Juiz o que está dito neste trecho a saber: que o Sr. coronel Gentil José de Castro, mandatario dos chefes monarchistas, que têm a responsabilidade do movimento que preparam, tem enviado armas e munições aos facciosos que perturbam a paz publica do paiz; assim como tem igualmente dito, e elle o repete agora para o uso que convier ao Sr. coronel Gentil José de Castro, ou a seu patrono aqui presente, que o mesmo Sr. coronel Gentil José de Castro em conluio com os chefes monarchistas...

VOZES NAS GALERIAS — Muito bem!

O Sr. Juiz — Silencio! Não admitto nenhuma mani-

festação do publico! Se continuarem, usarei de todo o rigor. *Restabelece-se promptamente o silencio.* Tem a palavra o Sr. Alcindo Guanabara.

O SR. ALCINDO GUANABARA (*continuando*) — ... tem procurado perturbar essa paz em todo o territorio da republica por todos os meios. É escusado declarar que isto dizendo em presença do Sr. JUIZ assume dessas palavras plena e inteira responsabilidade para todos os effeitos legais, reiterando agora a declaração já feita em audiencia anterior de que desiste de qualquer immuniidade que venha a ter na qualidade de deputado eleito que é. Claro é que se reserva para em tempo opportuno, se assim approuver ao Sr. coronel Gentil José de Castro, ou a quem quer que seja, provar cumpridamente neste juizo todos os factos que tem affirmado.

O Sr. Cavalcanti Mello mais não disse.

O Sr. JUIZ (*ao porteiro*). — Veja se ha quem queira requerer.

O PORTEIRO — Não ha mais quem queira requerer? Segue-se outro processo.

A audiencia é encerrada poucos minutos depois.

É de suppôr que o Sr. coronel Gentil José de Castro queira afinal permittir a prova.

Esperemos... »

— Parece-me, — proseguí, — que você não andou bem intentando acção contra a “*Republica*”.

— Porque?! inquiriu Gentil.

— Em primeiro lugar, homem da imprensa, como você se tornou, só deve oppôr á imprensa a propria imprensa. Em segundo lugar, não acredito que o orgão do partido dominante venha a ser condemnado, em ultima instancia, como calumniador. Admittindo a possibilidade da condemnação, qual o proveito? Transformaria ella o accusador em victima, attrahir-lhe-hia sympathias, proporeionar-lhe-hia um triumpho. E' o que costuma succeder entre nós nessas questões. Por ultimo, o processo emprestará larga e inconveniente repercussão á mentira de que você remetteu subsidios ao Conselheiro.

— Tem razão em alguns pontos, — redarguiu. Mais acertado houvera sido desprezar a mentira, não contribuindo para que ella se espalhe e corra mundo. Mas, ausentes, seu pai e você não me aconselharam sobre o processo. O que está feito, está feito. E que remedio me restava senão o que adoptei? Accusado de patrocinar a sedição de Canudos, protestei. Insistiram. Protestei de novo; protestou repetidamente a “*Liberdade*”. Insistiram ainda. Recorri então aos tribunaes. Mostrei assim a minha inteira boa-fé. Quem não deve, não teme, repito. Se, como você suspeita, a increpação se estriba em documento torcido ou forjado, cumpre tiral-a a limpo, para destruir a trama. Não gosto de me furtar ao combate. porém sim de arrastar o adversario á arena, agar-

rando o touro pelos cornos. Sinto-me forte e sem apprehensões, porque me anima a certeza de que me tenho portado com a maior lealdade e correção.

Occorreu esta conversa pela manhã, antes de recebermos do Rio as folhas do dia. Às 11 horas chegaram ellas. A leitura d' "*O Paiz*" persuadiu-me de que a expedição de Moreira Cesar fôra batida. Em termos habeis e velados, fazia esse jornal presentir o grande desastre. Por amigos, que mais tarde me visitaram, soube que corriam boatos concernentes ao assumptò em Petropolis, cujo centro está situado mais de dois kilometros além da minha habitação.

O coronel Gentil voltou a palestrar commigo. Não se mostrava jubiloso com a derrota das armas republicanas.

— Entre os officiaes ha amigos meus, e, sinceramente, causa-me tristeza que uma columna do exercito nacional seja destroçada por bandos de fanaticos desordenados. Imagine uma invasão de força regular estrangeira! Vou providenciar para que a "*Liberdade*" e a "*Gazeta da Tarde*" se pronunciem nesse sentido. Surprehende-me a derrota, apesar de que a indisciplina da tropa e a ineptia com que organisaram a expedição permittiam vaticinal-a.

— Não haverá perigo, a se confirmar a noticia, de manifestações no Rio de Janeiro hostis ás folhas monarchistas?

— E' natural até que taes manifestações se produzam, pois os jornaes republicanos não discutem comnoso, mas vivem a excitar paixões contra nós. Não faltará quem nos assaque a responsabilidade da catastrophe.

— E então?!

— Que fazer? Conto com os elementos de segurança que já enumerei. A policia está de sobreaviso. O general Argollo, ministro da guerra, conhece-me, mostra-se meu amigo desde Ilhéus, onde, ainda capitão, esteve, bem como você, em 1886, quando os meus inimigos me intentaram o processo em que fui afinal por elles proprios unanimemente absolvido. Hei de vencer agora, como então. A "*Gazeta da Tarde*" e a "*Liberdade*" têm fortes sympathias no exercito e na armada. Varios generaes de mar e terra visitam frequentemente o nosso escriptorio e sabem que não nos regozijaremos com a desgraça dos seus camaradas.

— E se renovarem o ataque de 9 de Fevereiro?

— A gente que se achar no escriptorio das duas folhas defender-se-ha, como podér, até que a socorra a policia. Em ultimo caso, deixaremos que tomem e arrazem o escriptorio da rua do Ouvidor. Existem lá objectos de valor, mas o essencial é a typographia. Reconstituirei o escriptorio num dia, sem interromper a publicação dos dois jornaes.

— E a typographia?

— Está situada na rua do Sacramento, fóra

do centro, em face do Thesouro, cuja numerosa guarda obstará, de certo, a qualquer attentado contra as machinas. Se a massa de assaltantes fôr avultada, virá reforço do Quartel-General, que é perto. Persisto tranquillo, não obstante comprehender que as noticias da Bahia aggravaram a situação.

Não se alteraram, no percurso do dia, estas disposições do espirito de Gentil. Podem attestal-o varias pessoas que com elle se encontraram em minha casa e em outras do Alto da Serra, onde tambem esteve.

Choveu bastante, do cahir da tarde até cêrca de 8 horas da noite. Em consequencia disso, nenhuma informação mais tivemos de Petropolis ácerca das occorrencias.

Ás 9 horas, entregaram-me uma carta de meu pai, trazida pelo trem, que sahe de S. Francisco Xavier ás 5.

Dizia-me elle :

« Vieram avisar-me de que reina grande agitação na cidade, em virtude de boatos relativos á derrota do governo na Bahia. Não sahi hoje á rua, por incommodado e porque tua mãe está igualmente enferma. Não posso, por isso, aquilatar a importancia da agitação. Referem-me que ha viva animosidade contra o nosso amigo Gentil. Previne-o e impede-o de descer amanhan. Se elle, entretanto, teimar em descer, que venha para aqui, pois, longe da cidade, ficará menos exposto. »

Meu pai escrevera ás 4 horas, de sua chácara, na rua Oito de Dezembro, perto da estação da Mangueira.

Fui immediatamente comunicar a carta a Gentil. Não se amedrontou, reiterando as anteriores observações.

Resolvemos ir á residencia do nosso vizinho e amigo, major Alexandre Barreto, que, official do exercito, talvez nos esclarecesse. Eram mais de 10 horas. O major, já accommodado, levantou-se da cama para amavelmente nos abrir a porta. Nada adiantou, mas coadjuvou-me em demover Gentil de descer ao Rio no dia seguinte.

— Commetterá grave imprudencia se descer, — ponderou repetidamente o major.

— Mas como saberei, com exactidão, das noticias? — objectou Gentil. Preciso inteirar-me de tudo, para providenciar.

— Descerei eu, — contravim. Vou visitar meus pais, que estão doentes e trazel-os para cá, porque, além de tudo, faz no Rio calor insupportavel. Darei os passos que você indicar, ministrando-lhe até pelo telegrapho informações completas.

— Você também correrá risco...

— Não, — porquanto não me acho em evidencia politica, como você, e contra mim, ao que parece, não se accumulam tantas prevenções. Sou, de resto, mais prudente.

Depois de prolongada reluctancia, cedeu Gentil ás minhas razões.

Assentámos em que elle se conservaria em casa todo o dia immediato, partindo eu para o Rio no trem das 6 da manhan e devendo regressar, com meus pais, no da tarde.

Separámo-nos cêrca de meia-noite. Sempre vivaz e bondoso, procurou elle, quando deixámos o major Barreto, dissipar a tristeza que, máo grado meu, invadira-me o animo, narrando-me casos galhofeiros, pontilhados das originaes reflexões, que constituíam um dos muitos encantos da sua attrahente personalidade.

---

## No dia do crime

De madrugada, vestia-me eu, quando ouvi a voz de Gentil no jardim da minha casa.

— Resolvi ir também, annunciou —. Não me é possível passar aqui o dia inteiro sem notícias : morreria de impaciência. A “*Liberdade*” e a “*Gazeta da Tarde*” estão ameaçadas. Ha nellas consideraveis capitaes confiados á minha direcção. Como abandonal-as no momento do perigo? Tenho até importantes pagamentos a effectuar hoje, para o que levo isto, — e mostrou-me um grosso rolo de notas bancarias, representando alguns contos de réis, que metteu no bolso da calça.

— Mas você prometten formalmente que ficaria.

— É inutil insistir. Você sabe que, quando eu decido uma cousa, realiso-a. Preciso descer. Já minha mulher se zangou commigo e empregou quasi a força para me reter. Se eu fôsse supersticioso, não iria. Ao sahir do quarto, prendeu-se-me de tal

fôrma á porta a aba do paletot, que me custou a arrancar-a. Vista-se depressa. Vão sendo horas.

— E se você fôr aggreddido?

— Evitarei os pontos frequentados e tomarei as possiveis precauções. Em caso extremo, defender-me-hei. Levo um excellente revólver, comprado ha dias, e um respeitavel punhal. Deste geito arredarei os provocadores.

Exhibiu-me as armas, indagando :

— Você tambem vai armado?

— Não, — respondi. Quasi nunca ando armado. Atacado por um ou dois, reagirei como Deus permittir. Contra um grupo numeroso de que servem seis tiros ou uma pequena lamina? Demais, você conhece o meu modo de pensar. Entre morrer e matar, para conservar a vida; prefiro morrer, mórmente na angustiosa quadra actual, em que a existência dir-se-hia arduo sacrificio.

— Não penso assim, protestou elle. Julgo preciosa a minha vida e resguardal-a-hei energicamente, não tanto por mim, como pelos interesses de outros a ella adherentes. Vamos...

Em caminho da estação, encontrámos meu sogro, o' barão de Itahype, que partia para Minas. Debalde, tentou tambem o barão dissuadir Gentil de ir ao Rio. Por fim, pediu :

— Vou fixar-me durante algumas semanas em S. João del Rei, por cáusa de negocios. Queira transferir para lá as minhas assignaturas da "*Gazeta da Tarde*" e da "*Liberdade*".

O coronel tomou nota na carteira. Mal suspeitava elle que dos dois jornaes apenas subsistia áquella hora um montão de ruínas e cinzas, pois haviam sido saqueados, incendiados, destruidos na noite da vespera!

Na estação, o agente informou-nos da morte de Moreira Cesar, que até então ignoravamos, e de graves perturbações da ordem publica, havidas no Rio. Não precisou, porém, detalhe algum. Ainda insistimos com Gentil, — o agente, meu sogro e eu, — para que adiasse a viagem. A nada attendeu, sorrindo desdenhoso ante os nossos conselhos.

Nisto, chegou de Petropolis o trem, repleto de passageiros.

Com difficuldade, encontrámos logar, — o coronel ao lado do commendador Domingos Theodoro de Azevedo Junior, e eu, um banco adiante, perto do digno funcionario da Secretaria dos estrangeiros, Eugenio de Abreu, meu amigo. Censuraram ambos (o ultimo só de vista conhecia Gentil) a temeridade deste, comparecendo á capital naquelle dia. Sobre elle convergiu no vagão a curiosidade geral.

Durante o trajecto, conversou Gentil longa e amistosamente com o commendador Domingos Theodoro, que accentuou os seus velhos sentimentos republicanos, mas reprovou os excessos praticados, sob pretexto de consolidar a republica. Palestraram em seguida sobre lavoura,

observando e criticandõ os terrenos que margeiam a linha.

Em Merity, parou o comboio menos de dois minutos, pois se atrazára.

Precipitadamente, comprámos os jornaes. Patenteou-nos a leitura as condições extraordinarias em que iamõs achar o Rio de Janeiro : — a anarchia nas ruas, o governo, na melior hypothese, impotente para a reprimir, a devastação das typographias da “*Liberdade*”, “*Gazeta da Tarde*”, “*Apostolo*” e “*Commercio de S. Paulo*”, excessos de toda a casta, o saque da casa particular de Gentil!

— Relatava a “*Gazeta de Noticias*” :

« Às primeiras horas do dia, e logo que se foi divulgando a tristissima noticia do revez das armas da republica, a excitação era extraordinaria no centro da cidade. Na rua do Ouvidor, a agglomeração de patriotas era uma caudal.

À 1/2 hora, mais ou menos, os Srs. representantes da nação, Nilo Peçanha, João Cordeiro, Timotheo da Costa e os cidadãos João Clapp, Hilario de Andrade, Martyr e outros, a instancias da opinião, resolveram convocar um *meeting*, para o largo de S. Francisco de Paula, e onde deviam ligar o voto e o sentimento do povo á causa do governo republicano.

Tal era, porém, a excitação, que o governo interveiu para que não se realisasse o *meeting*. Por intermedio do ajudante-general do exercito, o poder executivo garantiu aos distinctos patriotas, autores do movimento

popular, que o governo estava dando providencias á altura do momento.

A moção, que ia ler o Sr. Nilo Peçanha, era esta :

« O povo do Rio de Janeiro, reunido em *meeting* e sciente do doloroso revez das armas legaes nos sertões da Bahia, tomadas pela caudilhagem monarchica, e congregado em torno do governo, applaudindo todos os actos de energia cívica que praticar, pela desaffronta do exercito e da patria, aguarda ancioso a prompta suffocação da revolta. »

---

« Já era tarde, e a excitação do povo augmentava na proporção de sua massa sempre crescente, e assim, n'esta indignação, lembraram-se dos jornaes monarchistas, e todos por um, em um impeto de desabafo, fôram ás redacções e typographias dos jornaes "*Gazeta da Tarde*", "*Liberdade*" e "*Apostolo*", e, apesar de ter a policia corrido para evitar qualquer assalto a esses jornaes, não chegou mais a tempo de evital-o, pois a multidão, aos gritos de viva a republica e á memoria de Floriano Peixoto, invadiu aquelles estabelecimentos e destruiu-os por completo, queimando tudo.

E acabado isto, reinando sempre a mesma agitação, o povo desceu pela rua do Ouvidor sempre aos vivas á republica, a Floriano e ao Dr. Prudente de Moraes.

Em frente á redacção da "*Republica*", que foi muito acclamada, parou o povo, vindo á sacada Alcindo Guanabara, que falou á multidão, succedendo-o o illustre tribuno, Dr. Belisario de Souza, que, como sempre, ar-

rebatou a todos quantos o ouviam, ensinando ao povo a sustentar a republica, respeitando a lei. Ainda orou o Sr. Dr. Frederico Borges, que, como os outros oradores, salientou o penoso acontecimento, louvrou o procedimento do povo na sua espontanea indignação, mas que devia ser refreada pelo raciocinio e confiança nas providencias do governo; garantindo mais que a morte dos heroicos soldados brasileiros seria severamente punida.

Das janellas da “ *Cidade do Rio* ” falaram os Srs. Paula Ney e José do Patrocinio.

D’ahi desceram até ao “ *Paiz* ”, onde de novo se fizeram ouvir diversos oradores, salientando-se o illustre deputado, Nilo Peçanha, que, sempre applaudido, fez a apologia de Morcira Cesar e seus camaradas, victimas do fanatismo alliado á politicagem de brasileiros desnaturalados, que tudo sacrificam em bem dos seus interesses ou simplesmente de suas vaidades pessoases.

Até ás 9 horas da noite a multidão era enorme pelas ruas do Ouvidor, largo do Rocio e immediações, quando uma pesada carga d’agua a obrigou a recolher-se, hem como apagou as ultimas brazas dos destroços da “ *Gazeta da Tarde* ” e da “ *Liberdade* ”, que ainda ardião no largo de S. Francisco de Paula.

---

« Reunido em sessão hontem o Club Militar, foi pelo presidente, coronel Valladares, communicado aos socios o infausto acontecimento.

O Sr. coronel Costa Ferraz apresentou uma proposta, retirando-a em seguida, visto achar-se o club em com-

pleto accordo com o governo, que está resolvido a agir com a energia necessaria.

Em seguida falaram das janellas á rua os Srs. Tasso Fragoso e coronel Goldschimidt.

---

### *S. Paulo, 7*

« As noticias do desastre de Canudos causaram em toda a cidade a mais dolorosa impressão. Para logo começaram a formar-se grupos de povo á porta do “*Estado de São Paulo*”, onde estava affixado o telegramma.

D’ahi a pouco enorme multidão de mais de tres mil pessoas se dirigiu ao palacio para protestar o seu apoio ao governo em defeza da republica.

O Dr. Campos Salles recebeu a commissão popular dizendo que o sangue derramado em Canudos seria nobremente vingado. A palavra do presidente do Estado acalmou o espirito da multidão muito exaltada.

Ao passar porém pela rua Quinze de Novembro junto ao “*Commercio de S. Paulo*” houve quem do grupo gritasse : « Empastele-se o “*Commercio*”. »

Immediatamente se levantaram vivas á republica, á memoria de Floriano Peixoto, ao Estado de S. Paulo, á memoria dos coroneis Moreira Cesar e Tamarindo. Mas depois vieram novos gritos de empastelamento.

Um dos populares discursou ás massas pedindo ordem e aconselhando que se dispersassem. Nesta occasião achava-se já postado um piquete de cavallaria á porta do “*Commercio*”.

Um moço desconhecido voltando-se para a multidão

convidou-a mais uma vez a empastelar a typographia do jornal. Immediatamente todo o povo atacou a redacção. Dois moços subiram pelos canos da gambiarra, até á varanda, e entraram destroçando tudo. »

Assim se exprimia “ *O Paiz* ” :

« Às 5 3/4 horas da tarde ouvimos do nosso escriptorio o movimento da onda á distancia de uma centena de metros. Fôra invadida a casa da redacção commum á “ *Gazeta da Tarde* ” e á “ *Liberdade* ”. Não nos surpreendeu o movimento da ira popular. O patriotismo que arma o braço contra os inimigos da paz brazileira, o patriotismo que autoriza o ataque a Canudos, reducto da monarchia, autorizou no momento da exaltação o ataque aos dois órgãos monarchicos.

O povo quebrou as portas do edificio, penetrou-lhe no interior, e começou a quebrar tudo, nada poupando. O povo inutilisava bens da monarchia expulsa, e que, expulsa, levou no bolso muito dinheiro do povo.

Todo esse movimento, condemnavel em outras quaesquer circumstancias, teve a duração de poucos minutos; e, antes que a policia chegasse, já outro grupo vencia a golpes de indignação a resistencia das portas do predio em que se imprimiam os dois jornaes, á rua do Sacramento.

A força de linha encarregada da guarda do Thesouro Nacional formou logo, de armas embaladas, cumprindo o seu dever exclusivo de defeza ao erario publico. E de armas embaladas, mandou dobrar sentinellas e permaneceu na frente do edificio, sem poder arredar pé do seu posto.

Então a onda popular arremetteu contra as officinas da “*Gazeta da Tarde*” e da “*Liberdade*”, arremes-  
sando á rua todo o material com que diariamente se  
agredia a republica idolatrada pelos brasileiros.

E, enquanto se ateava a esses artigos o fogo que  
lavrava no peito do povo, o grande grupo avançava  
para a rua da Assembléa.

Ahi tem a sua redacção e officinas “*O Apostolo*”, folha  
periodica a que se podem applicar os mesmos conceitos  
acima exarados a proposito dos dois jornaes; “*O Apos-  
tolo*” cuja attitude offensiva para os republicanos des-  
pertava queixumes justissimos, e já, até, dera logar a  
uma censura officialmente enviada a seus catholicos  
redactores pelo summo pontifex da igreja catholica,  
Leão XIII.

E “*O Apostolo*” tambem foi varejado.

Ao tempo em que eram lançados á rua typos, caixo-  
tins, livros, mesas, cadeiras, folhas impressas, a policia  
acudiu a todos os pontos onde o povo justamente enrai-  
vecido contra os inimigos da republica se desagra-  
vava inutilizando-lhe os orgãos jornalisticos.

.....

---

« As 7 da noite, passada a hora do panico, chovia miu-  
damente; ás 8 horas desabou chuva torrencial, que  
durou até ás 10 da noite.

Às 8 3/4, um enorme grupo, seguindo a bandeira  
nacional hasteada por um popular, aos brados de *viva  
a republica!*, encaminhou-se pelo largo da Carioca para  
a rua do Passeio.

Sob tanta agua ferviam ainda muitos peitos incendiados no amor á democracia que brazileiros degenerados, querem comprometter; parecia que se retiravam das ruas, occupadas pela policia, debandando caminho de suas casas. Engano. Fôram á casa do coronel Gentil de Castro, á rua do Passeio, e ahi desfeitearam a residencia do proprietario da “*Gazeta da Tarde*” e gerente da “*Liberdade*”.

Sem penetrar no predio, quebraram portaes e vidraças, retirando-se depois que tudo apresentava signaes physicos da vehemencia com que se atacavam os inimigos da Patria. »

Sobre as occorrencias de S. Paulo estampava o mesmo “*Paiz*” um telegramma no qual se lia :

« Tendo sido encontrado na rua de S. Bento, em frente ao restaurant Centro Paulista, o Sr. Raphael Gondy, proprietario do jornal intitulado a “*Tarde*” que tem publicado retratos de monarchistas, o povo aggreuiu-o a tiros de revólver, refugiando-se Gondy naquelle estabelecimento.

Em seguida o povo postou-se em frente ao “*Estado*” onde estavam affixados os primeiros telegrammas sobre a morte do coronel Moreira Cesar, pronunciando-se ali innumerous discursos, alguns aconselhando calma, outros violentissimos.

Foi então que nasceu a idéa de ser empastelado o “*Commercio*”. Parte do pessoal, do povo e rapazes da imprensa aconselharam que tal não se fizesse; a multidão porém não attendeu e seguiu pela rua Quinze de Novembro até ao “*Commercio*”.

Deu-se começo ao ataque ao jornal, nada conseguindo impedir alguns officiaes de cavallaria acompanhados de ordenanças, visto a sua força numerica e terem sido dados diversos tiros de revólver para o ar.

O povo arrombou as portas do “ *Commercio* ” e pelos encanamentos de gaz içaram-se ao primeiro andar.

Foi completa a destruição do material typographico e de escriptorio, feita debaixo de vivas á republica.

Nesse momento chegou força de cavallaria e infantaria, fazendo o povo retirar-se. »

Narrava a “ *Republica* ” :

### Ataques ás folhas monarchistas

« Hontem ao divulgar-se a noticia do desastre da columna commandada pelo bravo republicano, coronel Moreira Cesar, comprehenderam todos os republicanos a extensão da derrota e sentiram que a presidiu o genio monarchista que arrou os sicarios e fanaticos sob o nome de conselheiristas. Justa e natural indignação a todos dominou e a reacção não tardou.

Foi n'esse momento que, apesar de todas as solicitações e pedidos dos republicanos empenhados em recordar a acção do governo, diversos grupos de populares, por um desses impetos, verdadeiros actos reflexos que sacodem as multidões, e concretizando o elemento agitador monarchista na sua imprensa se dirigiram aos escriptorios dessas folhas, no empenho visivel, que não escondiam e nem calavam, de atacar o inimigo por todos os meios possiveis no momento.

Em breve, com extraordinaria rapidez, estavam as

portas arrombadas e era invadida a casa pelo povo, aos gritos de viva a republica e morra a monarchia!

Em um momento, um ancião e um rapaz de revólver em punho, atiraram pelas janellas despedaçadas livros, moveis, papeis, tudo emfim que encontraram dentro das salas dos orgãos monarchistas, acabando por arrancar as duas taboetas, quebrando-as completamente.

D'ahi seguiram para a typographia dessas folhas, á rua do Sacramento n° 8.

Arrombadas as portas, foi o povo recebido a tiros de revólver, disparados por quatro individuos que se achavam nas officinas, travando-se o tiroteio.

A onda de povo, porém, invadiu as officinas, empastelando a typographia e quebrando todo o material.

Os individuos que se achavam nas officinas evadiram-se pelos telhados.

As caixas fôram atiradas á rua onde o povo em delirio, sempre aos vivas á republica e á memoria dos valentes soldados republicanos trucidados em Canudos, lançou fogo, ateando-se enorme fogueira.

A rapidez com que fôram executados esses movimentos não deu á policia tempo de agir. Quando uma força de 30 praças, da brigada policial, sob o commando do tenente João Lino, chegou á rua do Sacramento, a multidão foi ao seu encontro e recebeu-a com vivas.

Descendo pelo largo de Tiradentes, illudiram a policia que julgou estar tudo terminado, e dirigiram-se pela rua da Assembléa á redacção do "*Apostolo*", á qual fizeram o mesmo que haviam feito aos outros dois jornaes monarchistas.

---

« No largo de S. Francisco ainda ás 9 horas da noite ardia uma enorme fogueira, feita com os moveis retirados da redacção da “ *Liberdade* ”.

« Tres vezes foi o povo á antiga redacção do “ *Correio da Tarde* ”, com o intuito de empastelar a typographia ali existente, o que não se realisou por se saber que o material pertence á empresa da “ *Cidade do Rio* ”.

Ás 11 horas da noite, um dos exaltados disse saber que á “ *Cidade do Rio* ” ali se imprimia em virtude, apenas, de um simples contracto commercial e que a typographia e machinas pertenciam á empresa da “ *Liberdade* ”; então o povo não se conteve mais, e, dirigindo-se para aquelle ponto, forceou as portas das officinas e estragou e inutilisou grande parte do material encontrado.

---

« Vimos na rua um homem do povo, pardo, moço, que orgulhosamente mostrava uma chave de machinista e dizia aos que o rodeavam : « sou brasileiro, e, como sou machinista, entendi que o que tinha de melhor a fazer era inutilisar a machina em que se imprimem as infamias dos que querem entregar a minha patria ao estrangeiro. Foi com esta chave : será d’hora em diante o meu talisman. »

---

« Ás 9 horas da noite foi atacada pelo povo a casa do chefe monarchista Gentil de Castro.

A multidão em altos brados exigiu que lhe entre-

gassem o proprietario das folhas monarchistas. Como não apparecesse pessoa alguma, entraram no pavimento terreo, estragando alguns moveis.

A policia compareceu e pôz em debandada os assaltantes. »

---

A par disto, declarava a “ *Republica* ” :

« Apesar da profunda commoção que perturbou hontem a cidade, pôde dizer-se que reinou perfeita ordem em toda ella.

Fôram, é factó, destruidas as typographias dos jornaes monarchistas ; mas isso não haveria força capaz de impedil-o. A policia chegou com a presteza possivel; essa execução, porém, foi feita com tanta rapidez que ella não poderia evital-a.

Além disso e sem embargo de toda a agitação dos espiritos, não nos consta que tivesse havido nenhum excesso ou conflicto, ou violencia pessoal. »

Liam os nossos companheiros de viagem estas terriveis noticias, e, ao mesmo tempo, nos olhavam, curiosos do effeito sobre nós produzido.

Guardou o coronel Gentil inalteravel serenidade. Nenhum traço da sua expressiva physionomia trahiui commoção. Sorria apenas de vez em vez, abanando a cabeça.

O commendador Domingos Theodoro disse-lhe :

— Na realidade, o senhor é um homem fóra do commum! Não tirei do seu rosto os meus olhos, emquanto se inteirava da devastação da sua casa. Não empallideceu sequer. Admiravel sangue-frio!

— Que quer que eu faça? — respondeu Gentil, rindo. **Incommodar-me**, nada adianta. Nesta sua republica, meu caro amigo, estou preparado para ver tudo, em materia de abuso. Cousa alguma me surprehende.

— Minha republica, não, — atalhou Domingos Theodoro. Sou republicano historico... Isto, porém, não é republica.

— Republica é isto mesmo, — concluiu Gentil, sorrindo ainda.

Na estação de S. Francisco Xavier, muitas pessoas, entre as quaes algumas desconhecidas, nos recommendaram cautelas. Que regressassemos sem demora para Petropolis!

Entre as que mais sympathicas se nos manifestaram, lembra-me o Sr. José Guilherme de Souza, fazendeiro em Volta Grande, a quem eu mal conhecia então e que, depois, se portou cavalheiramente commigo e meu pai. Aproveito a oportunidade para lhe renovar profundos agradecimentos.

Cautelas? Quaes? Como? Voltar para Petropolis? Só em trem especial, o que exigiria tempo e despertaria attenção. E como partir, sem nos entendermos com meu pai, cuja chácara fica a poucos minutos de S. Francisco Xavier?

Dírimo-nos para essa chácara, — realisando de bonde parte do trajecto e sem que occorresse nenhum incidente anormal.

Das folhas do dia, meu pai só havia percorrido a “*Gazeta*”, que não noticiava o saque da casa de Gentil. O exame attento desse e de outros jornaes deu-nos a medida das paixões desenca-deadas.

Doutrinava a “*Gazeta de Noticias*”, a proposito da derrota de Canudos :

« ..... Não está em causa uma agitação subalterna, estreita, e ferindo a soberania de um dos Estados federados, apenas.

O que de um golpe abala o prestigio da autoridade constituida e abate a representação do brio da nossa patria no seu renome, na sua tradição e na sua força, é o movimento armado, que, á sombra do fanatismo religioso, marcha acelerado contra as proprias instituições adoptadas no dia 15 de Novembro de 89.

A esta hora ninguem mais se illude sobre a natureza, o character e o objectivo da infamada insurreição.

Pleiteia-se viva e audazmente contra a republica.

Os saudosos do imperio, e que conscientemente, na situação economica em que nos debatemos, não teriam um remedio para a crise, nem o conceito e a confiança nacional, para uma obra seria de progresso e de ordem, — esses tomam agora armas para impedir a felicidade do paiz, minar a ruina do seu credito e a honra do seu nome.

.....

Não há quem a esta hora não comprehenda que o monarchismo revolucionario quer destruir com a republica a unidade do Brazil.

Urge, pois, que não regateemos esforços nem sacrificios pela salvação da republica! »

### Obtemperava a “ *Republica* ” :

« Sahe-nos da penna a palavra desalinhada, quicéa-incolor, incapaz de transmittir ao leitor o sentimento que nos domina neste momento, mixto de dôr e de indignação, de revolta e de desejo, talvez de aneia de sentir dominado definitiva, formal, irreductivelmente o grupo criminoso que hesita em lançar o paiz nos azaves da luta civil, mais uma vez e sempre, até que satisfaça os instinctos egoistas que o dominam. Aninham-se aqui, abroquelam-se nas leis da republica, falam em nome do direito que as leis lhes conferem e soturnamente, pela calada, á sombra da nossa complacencia, preparam a luta armada, incitam populações ignorantes e desprevenidas e levam a desolação e o luto e a morte ao coração dos patriotas, sem que haja uma só idéa sã e levantada que porventura explique tão monstruoso crime! »

Ah! nós comprehendemos bem que o povo se houvesse hontem apaixonado e num destes momentos de exaltação em que o sentimento fala mais alto que o raciocinio, na necessidade organica de encontrar onde saciar a sède de justiça que o dominava, houvesse destruido os jornaes monarchistas, surdo ao conselho de prudencia, moderação e calma que tanto lhe foi dado. Falamos com o coração aberto : certamente não seria

o espirito juridico do respeito ao direito de imprensa que bastaria para refrear o povo quando elle tinha diante de si os cadaveres de Moreira Cesar e de seus officiaes para attestarem que, atraz desses jornaes e á sombra desse direito, os monarchistas enviavam armas de guerra aos facciosos, organisavam-nos, instruiam-nos, lançavam-nos contra o exercito nacional e ficavam aqui á espera do exito para beberem em regozijo da victoria, emquanto não vinha a victoria decisiva que lhes havia de dar a almejada posse do poder!

A questão está finalmente posta em termos claros : a luta nos é proposta em termos precisos. Venceremos ou morreremos. Não mais teremos que lutar com a hypocrisia da palavra impressa : está diante de nós a carabina Mauser que varou de lado a lado o glorioso Moreira Cesar, martyr do dever, que choramos, mas que invejamos, pois teve a felicidade suprema a que aspira o soldado : — morrer gloriosamente no seu posto de commando, sereno, altivo, bravo e digno!

Venceremos, certo! Quem viu, como nós, hontem, nas ruas desta cidade, exercito e povo, velhos e moços, palpitando de dôr e de entusiasmo, chorando da magua que a todos nos pertransa, rindo em vivas heroicos que attestam a coragem, a dedicação e a fé nos ideaes republicanos, tão promptos a punir os responsaveis conhecidos, como a baterem-se, a risco da vida que vale pouco, pela patria republicana que vale tudo, quem viu esse extraordinario espectaculo, quem sentiu com o povo, quem palpitou sob as mesmas impressões, quem chorou as mesmas lagrimas, quem foi socio na mesma dôr e participe dos mesmos incitamentos e dos mesmos estimulos e pode, alongando os olhos pela patria, sentir que naquelle momento em todos os pontos o estado

d'alma popular era o mesmo, certo não tem hesitações, não vacilla, não duvida, não admite a possibilidade de desastre : — ou a republica ou nada! »

**Na primeira columna d' “ *O Paiz* ” um dos seus redactores se externava deste modo :**

« Esse sacrificio de tantas vidas preciosas é mais um sinistro resultado da politica de tolerancia, de esquecimento, de véos corridos sobre o passado, á sombra da qual, na fermentação de odios sobreviventes á generosidade dos vencedores, medraram conselheiros de todos os feitios, trabalhando livre e desembaraçadamente na sublime obra do — quanto peor melhor.

Eu não sou homem de mãos bofes, nem tenho cabellos no coração, mas ouço dizer o bom senso popular que — quem sen inimigo poupa, nas mãos lhe morre, e jámais falla a sabedoria dos proverbios.

É a primeira vez que a força da republica, representada pelo exercito, soffre um desastre dessa ordem e isto caracteriza uma situação desgraçada, que o governo tem o dever de remover com promptidão e energia, para assegurar a paz que anciosamente almeja o povo brasileiro.

Deve terminar definitivamente esse estado permanentemente de perturbações, embora á custa das mais energicas e extremas medidas. »

**Em outras columnas, apostolava ainda “ *O Paiz* ” :**

« A desgraça é a suprema ensinadora. A republica está sendo lesada no seu credito, está sendo desfalecada

na sua honra, está sendo ferida no seu coração, porque ella não tem querido aprender nas eloquentes lições dos factos e tem respondido ás violencias, ás profanações e aos crimes, com actos de insensata tolerancia. Quem o inimigo poupa, nas mãos lhe morre — diz a sabedoria popular. O governo da União, desconhecendo o valor do adagio, tem sido de uma requintada clemencia para com todos que a affrontam e a ensangüentam. Não se limitou a esquecer as injurias e os aggravos, foi até á solicitação dos serviços dos insultadores, ao repudio systematico das dedicações leaes — e assim poude medrar esta campanha de odios contra as instituições, feita sem embaraços de especie alguma, sardonicamente tripudiante sobre o zêlo dos nossos proprios correligionarios, de que alguns eram varridos pela navalha e pela garrucha dos capoeiras em dias de effervescencia republicana! »

**E synthetisava o seu pensamento neste final :**

« Que a republica enxugue as lagrimas pelos que morreram e se erga para completar a tragedia com o epilogo de sua nobre e formidavel vingança! »

O Club Militar que, segundo “*O Paiz*” de 7, nomeára uma commissão — «*a fim de ir á presenca do ministro da guerra pedir informações que tranquillisassem sobre a sorte de seus bravos companheiros d’armas* », — commissão que obteve communicções do ministro por meio do telephone, conforme o mesmo “*Paiz*”, o Club Mi-

litar, onde, consoante a “*Gazeta de Noticias*” de 8, o coronel Costa Ferraz retirára uma proposta, por se achar o referido Club « *de accordo com o governo, resolvido a agir com a necessaria energia* » — o Club Militar recebera do Sr. Manuel Victorino, vice-presidente da republica, a seguinte carta :

« Tijuca em 7 de Março de 1897. — Acabo de receber a confirmação dolorosissima do desastre succedido aos bons e leaes soldados da republica na luta empenhada contra os fanaticos explorados pelos inimigos das instituições nos sertões do meu Estado natal.

O bravo militar a cuja coragem, brio e amor á republica eu havia confiado a missão de debellar esse movimento, que era um ataque crescente e cada vez mais temeroso ao novo regimen, e uma affronta cada vez mais aviltante á nossa civilisação, foi uma das primeiras victimas do dever e da honra militar, cahindo á frente de seus soldados, ferido pela morte! Ainda antehontem transmittia-me o telegrapho a sua inteira confiança no mais completo triumpho!

Ao partir d'aqui, quando o governo lhe dava, como era de seu dever, attenta a inteira confiança que o illustre official lhe inspirava, plena liberdade de acção, e punha á sua disposição toda a força que elle houvesse mister, o distincto patriota recusava, declarando que requisitaria qualquer reforço, se fôsse preciso, porém de patriotas, porque entendia não desfalear as guarnições da capital e das cidades principaes da União, porque estava convencido de que esse movimento era auxiliado em obediencia ao plano de distribuir forças

para melhor facilitar a execução dos intuitos e planos monarchistas.

Julguei dever communicar-vos este facto que é mais um attestado da coragem e do patriotismo do valente e abnegado republicano.

Peço que transmittais aos vossos nobres camaradas o pezar profundo que me punge, e podeis affirmar-lhes que para vingar a morte do distincto militar estarei ao lado d'elles aqui ou no theatro da luta, onde fôr necessaria a minha presença.

Vosso admirador e obrigado

MANUEL VICTORINO. »

Não derivavam de uma excitação momentanea, provocada pelo inesperado insuccesso das forças federaes, a linguagem e os actos assignalados. De longa data, a imprensa republicana, fugindo de discutir com a monarchista, açulava contra esta os máos instinctos da população. Quotidianamente, eram apontados os restauradores como inimigos da ordem, conspiradores perigosos, factores de todos os males e infortunios subsequentes ao 15 de Novembro. Excellente pretexto o desastre de Canudos para amordaçar ou supprimir os incommodos censores! Erigiram dest'arte o partido monarchista em bode expiatorio dos erros governamentaes. Para hostilisar esse partido, tudo foi licito. Nada de garantias, nada de escrupulos, nada de misericordia. Fogo, bala, emboscadas, como se

se tratasse de animaes ferozes... Calumnias, essas, a rôdo.

Que os desvarios de 7 e 8 de Março não traduziram um movimento espontaneo de indignação popular, mas simplesmente a explosão de elementos, longa e arteiramente combinados, concretizando o resultado de um plano preconcebido, demonstra-o á evidencia a mais superficial leitura dos orgãos situacionistas desde que a "*Liberdade*" e a "*Gazeta da Tarde*" entraram a calar na opinião.

Infelizmente, não possuo aqui taes jornaes para, com extractos significativos, comprovar o meu aserto. Indico as fontes, de facil accesso aos investigadores.

Basta recordar que o Dr. Ferreira de Araujo, redactor-chefe da "*Gazeta de Noticias*", o Dr. Ferreira de Araujo que sempre tiubrou em se mostrar imbuido de bonhomia e moderação, firmou, nos numeros da "*Revista Brasileira*" de 1 e 13 de Março, com a autoridade do seu nome, proposiçõs deste jaez :

« D'ahi, dessa situação tão bem definida, a necessidade da intolerancia. Essa passou a fazer parte do sagrado direito de defeza.

..... e assim mais vale para todos a intolerancia constante em pequenas cousas, o cortar cerec de esperanças que se não podem converter em realidade.

« Com ou sem razão, a opinião republicana vê nos recursos de que dispõe Antonio Conselheiro, o fanático do sertão da Bahia, a influencia monarchista, pois mal se comprehende que, por puro fanatismo, se tenha enviado a esse homem as armas e dinheiro de que se tem mostrado provido.

.....

« Não devem (*os monarchistas*) estranhar que á sua attitude aggressiva corresponda com igual vehemencia, não já a pura defeza, mas também a aggressão dos que estão ao lado das instituições.

.....

« E' de boa guerra que os seus naturaes adversarios tomem taes intervenções não só pelo que ellas valem, mas pelo que podem valer, não só pelo mal que fazem, como pelos resultados a que podem dar lugar. D'ahi a vehemencia da repressão que bem pôde transbordar das columnas dos jornaes, leito relativamente tranquillo, em que até agora se tem mantido. »

.....

A "*Revista Brazileira*" é um jornal puramente litterario e collaborado por homens alheios á politica. Propagava appellos á vindicta, insuflações á vingança quaes os acima exarados. Imagine-se o diapasão das folhas partidarias, redigidas por pennas mais pesadas e irresponsaveis que a do Dr. Ferreira de Araujo!

Comprehendemos, — meu pai, o coronel Gentil e eu, — que aos monarchistas não restava nestas

circunstancias outro alvitre senão o de aguardarem em suas casas, com calma e dignidade, a solução natural da crise, esquivando-se a encontros de que podessem surgir conflictos e nada solicitando das autoridades.

Contou-nos meu pai que o procurára muito cedo um seu amigo, official reformado do exercito, para prevenil-o de que se precavesse, pois a respeito delle, meu pai, e de outros monarchistas haviam sido adoptadas graves deliberações. Não annuira o official a precisar quaes essas deliberações e seus autores.

No correr do dia, mandou o coronel Gentil chamar varios empregados da "*Gazeta da Tarde*" e da "*Liberdade*", com os quaes se entendeu sobre os successos da vespera. Não lhe diminuíram o bom humor a narrativa de revoltantes detalhes e a avaliação dos enormes prejuizos materiaes que soffria.

Almoçou com o costumado appetite; lavrou uma procuração, conferindo poderes a seu afilhado Alberto de Castro para tomar conta da casa saqueada á rua do Passeio, casa que constava estar entregue á policia; providenciou no sentido de se arrecadarem os restos das typographias destroçadas; conversou tranquillamente sobre variados assumptos.

— Perco nesta brincadeira, — dizia, — mais de cem contos de réis e só Deus sabe a falta que presentemente me fazem. Mas não me afflijo. Hei de re-

cuperal-os, trabalhando. A "*Gazeta da Tarde*", pelo menos, reaparecerá por estes dias, ainda que seja manuscrita em meia folha de papel. Com o attentado, duplicará a tiragem. Vão augmentar, de certo, o seu prestigio e influencia.

E inquiria dos circumstantes quaes os meios praticos de mandar recompôr e reimprimir desde logo as duas folhas victimadas.

Só numa occasião, externou algum resentimento contra os adversarios, exclamando :

— São tamanhas as injustiças e os abusos dos republicanos para commigo que, se eu fôsse outro homem, realisaria agora, como represalia, aquillo que elles falsamente me imputam, isto é, auxiliaria o Conselheiro.

Depois de uma pausa, terminou com tristeza :

— Mas não o devo, nem o poderia fazer.

De accordo com meu pai e commigo, redigiu e assignou o artigo que em seguida insiro. Esperava que o "*Jornal do Commercio*" o estampasse nos *A pedidos* do dia immediato. Em nome de meu pai, escrevi ao redactor-chefe daquella folha, remettendo o original e solicitando a publicação.

Não appareceu o artigo. Semanas mais tarde, chegou-me ás mãos a carta do Dr. José Carlos Rodrigues que tambem em seguida reproduzo. São documentos que imperdoavel fôra omitir.

## A' nação brasileira

« Suspende-se a publicação da “ *Liberdade* ” e da “ *Gazeta da Tarde* ”, porque foi destruido todo o material das duas folhas, em presença da policia que, avisada em tempo, viu impassivel extinguiem-se as ultimas labaredas da fogueira, em que arderam os destroços do escriptorio e officinas das duas folhas.

Os proprietarios nem sequer requerem auto de corpo de delicto, porque faltariam á propria dignidade se uma vez mais appellassem para os que se acham investidos da autoridade publica.

Convidam unicamente o povo a verificar *de visu* o respeito que merecem no actual regimen a liberdade e a propriedade dos cidadãos.

Nem ao menos se queixam das violencias praticadas : — constituem ellas a mais eloquente demonstração da superioridade da causa que sustentam sobre o sistema vigente.

Perante a nação e o mundo civilizado lavram apenas um protesto e externam um voto sincero.

O protesto é este : nunca empregaram senão as armas do raciocinio; nunca tiveram a mais remota ligação com quaesquer perturbadores da paz e da ordem publica. Exhibam as provas em que se fundam aquelles que os accusam de procedimento contrario. Tranquillos em suas consciencias, aguardam sem receio o julgamento da opinião.

Outrosim declaram que jámais obtiveram e jámais solicitaram auxilios pecuniarios outros que não os dos seus correligionarios residentes no Brazil. Os capitães com que mantinham ambas as folhas provieram das

contribuições de alguns monarchistas, das economias e do credito pessoal, que, não obstante o prejuizo soffrido, saberão honrar.

Agora o voto : a população desta grande capital viu que o representante autorizado de um orgão da imprensa, directa e francamente açulou contra a “*Liberdade*” e a “*Gazeta da Tarde*” os máos instinctos que hontem fizeram explosão, reproduzindo e accentuando graves calumnias.

Praza a Deus que algum dia não seja elle igualmente victima dos mesmos elementos que pôz em acção!

Rio de Janeiro, 8 de Março de 1897

GENTIL e C<sup>ia</sup>.

CASTRO e C<sup>ia</sup>. »

Eis a carta :

*8 de Março de 1897*

Exmo. Sr. Dr. Affonso Celso de A. Figueiredo

Sou obrigado a devolver-lhe a publicação *A Pedido* que acompanha a sua carta de hoje e cuja inserção sinto não poder autorisar em consequencia da agitação que reina. De V. Ex<sup>a</sup>.

am<sup>o</sup> e obr<sup>o</sup> cr<sup>o</sup>

J. C. RODRIGUES

Passou-se desta fórma o tempo. O coronel Gentil não arredou pé da chácara, não andou pela cidade, não se dirigiu, directa ou indirectamente á policia, como se propalou.

Cêrca de 3 horas, amigos vindos dos quarteiros centraes avisaram-me de que redobrára a agitação nas ruas, percorridas livremente por grupos ameaçadores que gritavam :

— Mata os monarchistas! Morra o coronel Gentil! Morra o visconde de Ouro Preto!

Occultei esta ultima circumstancia a meu pai. Desde a ante-vespera, queixava-se elle de pontadas no figado, prenunciadoras das affecções hepaticas a que é sujeito.

Persuadi-o de que devia partir commigo e Gentil para Petropolis, no trem das 5 horas. Alleguei, sobretudo que o forte calor reinante lhe aggravaria o incommodo, convindo mudar de clima.

Um dos amigos trouxera a “*Noticia*”, folha da tarde, a qual communicava circumstanciadamente ao publico que o coronel Gentil descera ao Rio de Janeiro de manhan, pela estrada de ferro do norte.

— Isto, — narrou o portador da “*Noticia*”, exasperou os animos. A excitação cresceu. Em frente do Quartel General invadem individuos em furor os bondes que passam á cata de monarchistas a quem aggridam.

Não nos demoveram de ir para Petropolis estas informações. Na capital fluminense, longe da effervescencia, ficariamos, em nossas casas, relativamente seguros. Que receio poderia inspirar o pequeno trajecto até á estação, feito por uma rua pouco transitada e quieta?

Quasi toda conhecida a gente que frequenta a estação. Raros passageiros, de ordinario, no indicado trem. Nenhuma imprudencia havia, pois, na resolução assentada.

Jantámos ás 4 horas, mostrando-se á mesa o coronel Gentil o bom e alegre conviva habitual.

Preparámo-nos para sahir.

Como houvesse chovido torrencialmente, calçou meu pai grossos sapatos de borracha e pôz pesada capa, o que sobre-maneira lhe retardava o passo.

Ladeado de dois empregados da "*Gazeta da Tarde*", tomou a dianteira o coronel Gentil.

Outros amigos o seguiam; mas elle breve se distanciou, porque costumava andar muito depressa.

Atraz de todos, afastado, a ponto de não avistar os companheiros, caminhava eu, dando o braço a meu pai e abrigando-o sob o meu guarda-chuva.

Ao despedir-se Gentil das senhoras presentes na chácara, uma lhe disse :

— Deus o proteja, coronel!

— Obrigado, — respondeu elle, commovido.

Apertou duas vezes a mão a essa senhora, beijou as crianças, que tratava com grande meiguice, e, firme, desempenado, robusto, exuberante de actividade e saude, enveredou para o ponto fatidico, onde, momentos depois, o surprehendia horrivel morte!

## IV

### O crime

Na rua, cruzaram comnosco raros e indifferentes transcuntes.

O coronel Gentil chegára á estação uns dez minutos antes de nós. Encontrámol-o conversando socegradamente com os dois empregados da “ *Gazeta da Tarde* ”, de pé, proximo á sala da agencia.

Marcavam os relogios quatro horas e meia.

Notava-se na estação mais povo que de costume. Um joven parente meu, Polybio Affonso Alves, que, pela natureza das suas occupações commerciaes, tem muitas relações, me observou :

— Sentado no ultimo banco do fundo está o filho do Benjamim Constant. Não tira os olhos de nós. Imitam-no tres companheiros, um dos quaes me parece official do exercito, e traz na mão o *Moreira Cesar*, violenta polyanthéa hoje distribuida.

Eu não conhecia o filho de Benjamim Constant. Voltei-me, e lobriguei um moço, cuja physionomia

nada apresentava de antipathico ou minaz, estampando, pelo contrario, a lhanura caracteristica da juventude brasileira.

Afigurou-se-me, na realidade, que, com os companheiros, — munidos todos de grossas bengalas, — fitava reiterada, mas disfarçadamente a meu pai e ao coronel Gentil.

Perfeitamente explicavel, em summa, a presença ali desse moço. Explicavel tambem a curiosidade provocada por nós naquella occasião.

Não me alarmei, pois, tanto mais quanto affluíam á estação muitas pessoas, cuja maioria nos cumprimentava amistosamente.

Cêrca de trinta minutos aguardámos o trem. Durante esse tempo, não se afastou Gentil do lugar indicado, conversando sempre com os empregados. Meu pai, para falar a varios circumstantes, mudou de posição repetidas vezes. O filho de Benjamim Constant e os companheiros não perdiam um só dos movimentos de ambos, cochichando, de quando em quando, entre si.

Não tardava o trem. Cumpria embarcar e partir. Ás 5 horas justas, silvou a locomotiva e encostaram os vagon's á plataforma.

Corremos a tomar assento, no meio de numerosos outros passageiros.

O carro de primeira classe é um comprido vehiculo, dividido, no sentido da largura, em linhas de bancos parallellos.

Admitte cada banco quatro viajantes e tem uma

portinhola-janella em cada uma das extremidades. Uma das portinholas olha para a plataforma; a opposta para o leito da linha. Estreito o intervallo entre um banco e o immediato.

Recommendei a meu parente Polybio Affonso Alves que se apossasse do ultimo banco, de fórma que ninguem ficasse atraz de nós.

Entrou primeiro meu pai, sentando-se ao pé da portinhola, então cerrada, que dava para a estrada; entrei eu; entrou o Dr. Rodrigues Horta; entrou, por fim, o coronel Gentil, accomodando-se junto á portinhola de ingresso.

Polybio fechou o trinco dessa portinhola e, de fóra, em pé na plataforma, debruçou-se para dentro, sobre a janella do vagon, palestrando com Gentil.

Occuparam o banco adiante do nosso, meu tio, o capitão-tenente José Martins de Toledo, e um cavalleiro desconhecido.

Vendo o Dr. Rodrigues Horta que em tal banco havia mais espaço, galgou o encosto e passou-se para o lado do capitão-tenente Toledo. Acheime, dest'arte, collocado no meio, — entre meu pai e Gentil, — o primeiro á esquerda, o segundo á direita, — mais achegado ao primeiro.

Fazem-se mistér todas estas minudencias para a nitida comprehensão do que se vai seguir.

Enchera-se o trem. Polybio permanecia debruçado, falando ao coronel. Prestes soaria o signal da partida.

Desdobrava eu um jornal, quando ouvi na plataforma o tropel de passos açodados, que, subito, estacaram junto a Polybio. Surprehendido, desviou este a cabeça. Avistei um grupo de homens, parado em torno d'elle, a um metro de Gentil, separado apenas pela portinhola. Distingui um sujeito alto, gordo, barba em ponta; outro baixo, bigode preto, dentes arruinados, chapéu desabado; um terceiro com espesso *cavaignac*. O grupo pareceu-me em começo composto de cinco a seis individuos, mas logo verifiquei que atraz desses se agglomeravam mais trinta ou quarenta.

— Quem é aqui o coronel Gentil José de Castro? — inquiriu imperioso um dos recém-chegados.

— Sou eu, — respondeu Gentil.

— Pois saia! — ordenou o interpellante. — Queremos dar-lhe uma palavra.

— Digam o que querem, — redarguiu o coronel, placidamente. Eu não saio d'aqui.

— Saia... saia... exclamaram.

— Mata... mata... berraram tambem.

Nisto, todos exhibiram revólvers, estoques, punhaes, apontando-os para Gentil. Levantou-se este e sacou da algibeira da calça o revólver que trazia. Vendo-o armado, recuaram vivamente os aggressores.

— Prendam-no... prendam-no... — gritavam estes.

— Mata!... mata!... mata!... bradavam aquelles.

— Fogo! — commandou uma voz.

Detonaram immediatamente dezenas de tiros, abafados em parte pelo alarido.

Desde o principio, haviam os passageiros do trem escancarado as portas, escapando-se por todos os lados.

Meu pai erguera-se, murmurando :

— Temol-a travada!

E, na rede que se estende sob o tecto do carro, procurava o chapéu de sol, unico objecto com que poderia defender-se. Eu erguera-me tambem. Perante as armas assestadas e os sinistros clamores dos numerosos atacantes, comprehendi, num relance, que inutil temeridade fôra permanecer ali e lutar. Rapido, abri a portinhola, junto da qual se achava meu pai, e, mascarando-o com o meu corpo, impelli-o para fóra, precipitando-o no leito da linha. Era o unico meio de subtrahil-o ao conflicto e o unico meio igualmente de proporcionar a Gentil, investido de face, um refugio na retaguarda.

Occorreu tudo isto com indescriptivel celeridade. Estalou a descarga no momento em que meu pai, debatendo-se commigo, para voltar ao carro, punha pé em terra e dizia :

— Não abandonemos o Gentil!

Arremessaram-se sobre nós nesse mesmo instante tres homens, naturalmente ali postados de alcateia para cortar a retirada. Um delles, — typo de cearense, — vestia farda, — não me recordo se

de policia, se do exercito, se dos denominados batalhões patrioticos, — e cimpunhava um revólver. Brandia longo estoque o segundo, — esguião, acaboclado, de cartola e costume claro. Trajando com elegancia, munido tambem de um revólver, parecia menos excitado o ultimo, que nos encarou, e parou a alguma distancia.

Vencendo a resistencia de meu pai, empurrei-o para um terreno inculco que margeia a linha. Esbarrámos numa cêrca de arame farpado. Os aggressores alcançaram-nos.

Abri os braços diante de meu pai, comprimido de encontro á cêrca e que forcejava por me arredar, cobrindo-o com o meu corpo. O individuo fardado descarregou um tiro em nossa direcção, errando, de tão agitado, a pontaria. O do estoque, pulando diante de nós, como um possesso, gritava :

— O Ouro Preto! O Affonso Celso! mata! mata!

E fazia menção de ferir a meu pai, por cima de mim.

Immóvel, contemplava a scena o terceiro.

— Mata o Ouro Preto! Mata o Affonso Celso!...

— repetia o do estoque, aos saltos.

— Mas matar porque?! — perguntou altivo meu pai, fitando-o e redobrando de esforços para se desvencilhar de mim.

— Mata! Mata!

Eu disse então :

— Matem a mim, que sou moço, mas não a meu pai, que é velho e enfermo.

O homem hesitou, recuando.

— Matem depressa, — insisti —, que estamos desarmados.

Neste segundo, estrugiram do outro lado, vociferações, novos tiros, brados :

— Está liquidado! Está liquidado!

Ou em consequencia da minha intervenção; ou porque aquelle tumulto os attrahisse; ou para reclamar auxilio; ou para receber ordens; ou por não estarem especialmente incumbidos de nos sacrificar, limitando-se a Gentil, — a verdade é que os dois primeiros aggressores afastaram-se, de chofre, permanecendo, qual sentinella, o que se absterera.

Aproveitei o momento para arrastar pela estrada fóra a meu pai, que se obstinava em querer ir ao soccorro de Gentil. Quasi ao mesmo tempo, surgiram ao pé de nós o capitão-tenente Toledo e o Dr. Rodrigues Horta. Contribuiu talvez o apparecimento desses amigos para que os aggressores nos deixassem. Eramos agora quatro : necessitavam de reforço.

Deu-se aqui um incidente curioso. Cahira no chão o meu chapéu, enquanto eu compellia a meu pai. Já tinhamos ganho alguns passos, quando o companheiro dos atacantes, — o moço que parecia ter ficado de sentinella, — me chamou :

— Olhe o seu chapéu.

Relampejou-me a possibilidade de um artil para nos demorar. Mas era tão franca, sympathica mesmo, a expressão do moço, — o qual, entretanto,

continuava a empunhar o revólver, — que volvi e recebi delle o chapéu, agradecendo.

Constrangemos meu pai a caminhar, — eu, o capitão-tenente Toledo e o Dr. Rodrigues Horta, — seguindo pela frente da locomotiva, cuja massa breve nos occultou.

Nisto, de novo repercutiu atraz de nós a vozcria, entremeada de tiros :

— Mata o Ouro Preto! Mata o Ouro Preto!

Sentimos que se arrojavam ao nosso encalço. Havíamos, porém, tomado avanço. Alcançámos uma esquina á direita e dobrámos por ella. Meu pai resistia sempre, murmurando, offegante :

— Vocês não me salvam e vão fazer-me morrer com opprobrio. Larguem-me... Não fujo... O meu dever é voltar para junto do Gentil.

Com difficuldade, o arrastavamos, porque, além de violentado, embargavam-lhe o passo os sapatos de borracha.

No fundo da pequena rua em que entrámos assomou um trem, — ignoro se da Estrada de Ferro do Rio do Ouro, se da de Melhoramentos do Brazil.

Soltando o braço de meu pai, correu o Dr. Rodrigues Horta de encontro a esse trem e acnou para elle, dizendo-nos :

— Eis a salvação! Venham...

Persistiam na rua proxima e acercavam-se os estampidos e os gritos homicidas. Ao capitão-tenente Toledo e a mim já quasi desfalleciam as forças para

levar mais longe a meu pai. Este, por seu turno, insistia sempre em retroceder.

Emquanto o Dr. Rodrigues Horta se extraviava de nós, mas conseguia que o trem moderasse a marcha para nos acolher, parámos no limiar de uma casinha, dependencia de um cortiço. Havia na porta uma mulher do povo, com uma criança ao collo, e um trabalhador.

— Entrem, — convidou o homem. Escondam-se no quarto á esquerda.

Impelli meu pai para o commodo designado, — pobre cubiculo, mobilado de uma cadeira e uma cama sem lençoes. O capitão-tenente Toledo ficou no pateo do cortiço.

Angustiosissimos minutos os decorridos nesse refugio! Ouvimos passarem, rente a nós, na rua, á nossa procura, os perseguidores, que não cessavam de clamar :

— Mata o Ouro Preto! Mata o Affonso Celso!

Percebiamos-lhes as inflexões colericas e adivinhavamos-lhes os gestos de despeito, por perderem a presa. Não possuia chave a delgada porta do quarto. Para o pateo deitava uma janella baixa, com fragil tranca, susceptivel de ceder ao menor abalo. Como defeza unica, encostei a cama á porta; e esperci.

O mais critico é que meu pai lutava commigo, tentando sahir.

— Deixe-me... deixe-me, — ordenava. Quero ir para a rua, quero voltar para ao pé do Gentil.

Se me encontram aqui, ridicularisam-me, além de tudo. Estou deshonrado; dirão que abandonei o Gentil. Você obrigou-me a representar miserável papel!..

E buscava desimpedir a porta, arrebentar a janella. Custava-me retel-o, abafar-lhe a voz denunciadora.

Mas, a pouco e pouco, gritos e passos na rua se alongaram, amorteceram, esvahiram-se. Reinou silencio, cortado apenas de commentarios trocados pela gente do cortiço.

A essa gente, — mulheres na maioria, — deviamos o afastamento dos assassinos.

Havia-se postado, formando uma barreira viva, diante da porta pela qual entráramos, e, interrogada por elles ácerca da nossa pista, tinha-os desnorteados, apontando falso rumo!

Bateram á janella do aposento. Era o capitão-tenente Toledo, que determinou :

— Saiam pelos fundos. Talvez apanhemos o trem de Petropolis, que ainda não passou.

Sahimos, de facto, pelo quintal, atravessámos um regato e desembocámos na linha ferrea deserta. Caminhavamos na direcção da Penha, quando surdiu o trem, a todo vapor.

Gesticulámos para que parasse. A principio, o machinista não attendeu; mas, havendo-nos reconhecido, desceram os passageiros de primeira e segunda classe aos estribos dos carros até que, á intimativa delles, a locomotiva retrocedeu.

Coagido ainda por nós, subiu penosamente meu pai, a quem as emoções, a idade, o cansaço haviam prostrado.

Dos numerosos viajantes que occupavam o carro na occasião do conflicto restava uma meia duzia. Occorrem-me os nomes dos Srs. Azevedo Mattos, negociante no Rio, Rodrigues de Oliveira, genro do Dr. Magalhães Calvet e J. L. Kennedy, cidadão americano e pastor evangelista, residente em Petropolis.

Informaram-nos elles que o coronel Gentil, bastante ferido, porém vivo, fôra recolhido á estação da estrada em S. Francisco Xavier. Não se servira do revólver, cahindo desde logo entre dois bancos, assoberbado pela massa dos assaltantes.

Accrescentou o sacerdote americano (talvez o unico que permaneceu no vagon durante o crime) que após a primeira descarga, o coronel como que se inclinou até o chão.

De roldão, accorreu e o cercou então a horda homicida, crivando de golpes e pancadas o corpo indefezado e só largando-o, quando não mais se mexeu.

Explica-se da seguinte fórma o movimento de Gentil, presenciado pelo Sr. Kennedy :

Uma das balas da descarga attingira a frente da nobre victima, produzindo o ferimento descripto no auto de corpo de delicto. Atordoado, Gentil curvou-se, cambaleando. Avançaram os aggressores, e, sobrepujando-o, consummaram a obra nefanda.

Menciona o auto de exame medico policial, — effectuado, sem testemunhas, na manhã immediata, — dois ferimentos sómente : — o da testa e um na região thoraxica, causa occasional da morte; Presenciou, porém, o pastor evangelista a multiplicidade e encarniçamento dos golpes. A viuva do coronel poude abraçar o cadaver antes do enterro. Jura a infeliz senhora que a roupa estava estrçalhada, bem como o craneo reduzido a massa informe, em consequencia de horriveis contusões.

Narrou ainda o americano que *liquidado* Gentil; berravam os executantes :

— Ao Ouro Preto! Ao Ouro Preto!

De vista, não conhecia elle a meu pai, mas a mim, com quem, conforme depois recordou, viajára, de uma feita, para os Estados Unidos.

Observou, por isso :

— O Ouro Preto não está aqui. Esteve o filho, porém já sahiu, ha muito.

Chegámos, conseguintemente, ao Alto da Serra, nutrindo a esperanza de que o coronel não houvesse perecido. Elle não ficára só. Além dos dois empregados da “*Gazeta da Tarde*” que o acompanharam á estação, encontravam-se nesta amigos e conhecidos d'elle. Na vizinhança, elevam-se muitas casas tambem de conhecidos e amigos. Não lhe escassearia assistencia...

Destruiram esta esperanza os jornaes do dia seguinte, inteirando-nos do modo pungente como se finára o nosso incomparavel amigo, raro

modelo de generosidade, coragem e abnegação!

Novos trances em nossas residencias! Tivemos de communicar o occorrido á familia de Gentil, que apprehensiva e anciosa nos esperava. A filha mais velha do assassinado, virtuosa esposa do capitão Antonio Ferreira de Barros Junior, estava enferma, de cama, e prestes a dar á luz. A viuva, digna e briosa senhora, deliberou partir para o Rio no primeiro trem, — o que effectuou, acompanhada de um parente e amigo.

Circulavam graves boatos no Alto da Serra. Celebrára-se em Petropolis um *meeting*, destinado a patentear a indignação provocada pela derrota de Canudos. Violentas, nessa reunião, as ameaças contra os monarchistas! Asseverava-se que, a exemplo do praticado no Rio, assaltariam a casa de Gentil, a de meu pai e a minha, durante a noite. Imagine-se a inquietação das senhoras e crianças!

A despeito de tudo, não recorremos ás autoridades, nem solicitámos garantias. E' exacto que com o presidente do Estado entendeu-se o Dr. Toledo Dodsworth, meu parente e amigo, republicano militante e relacionado com o pessoal dirigente.

A verdade sobre a conferencia do Dr. Toledo Dodsworth consta da seguinte declaração editorial inserta em "*O Paiz*" de 11 de Março :

« Rectificamos o telegramma hontem publicado noticiando os acontecimentos que se desenrolaram em Petropolis.

O Dr. Toledo Dodsworth, a pedido das familias residentes no Alto da Serra, alarmadas com as noticias do Rio de Janeiro e com os boatos espalhados á chegada do trem de S. Francisco, procurou o Dr. Porciuncula, que se achava em palacio, com o qual conversou, sendo apresentado ao Dr. Mauricio de Abreu, a quem expôz os factos referidos.

O Dr. Mauricio de Abreu, illustre presidente do Estado, tomou immediatas providencias de modo a garantir a ordem e a tranquillisar as familias justamente sobresaltadas.

O Dr. Edwiges de Queiroz, zeloso e energico chefe de policia do Estado, procurou mais tarde o Dr. Toledo Dodsworth em sua residencia, conversando sobre as providencias tomadas, pedindo-lhe que procurasse todos os moradores e os tranquillisasse em absoluto, confiando nas medidas postas em pratica pelas autoridades do Estado e no espirito ordeiro e respeitador da população de Petropolis.

O Dr. Toledo Dodsworth cumpriu a sua missão, auxiliando efficaamente as autoridades, não carecendo de garantias pessoas, porquanto são conhecidas as suas opiniões como republicano e patriota, de cujo partido faz parte como membro do directorio da freguezia de S. José. »

**Mercê de Deus, em tão tremendos lances, não nos falhou a dignidade, nem a sobrançeria.**

---

## V

### Um nobre republicano

Passámos a noite, á espera do annuciado ataque ás nossas casas. Devo render justiça á policia de Petropolis : cumpriu o seu dever, rondando vigilante pela rua.

No dia seguinte, visitaram-me desde cedo numerosos amigos e as respectivas familias. Entre outros, lembro-me do desembargador Henrique Dods-worth, major Alexandre Barreto, conselheiro Silva Costa, coronel Brito Galvão, Ferreira de Carvalho, Drs. Oscar e Mario Silva Costa, Feliciano Penido, Franklin Sampaio e Luiz Torres de Oliveira. Acoselhavam que me acautelasse, considerando temeraria a permanencia de meu pai e a minha na cidade.

Recebi, ás 3 horas da tarde, uma communicação do ministro do Chile, Dr. Joaquim Walker Martines, que mui ligeiro conhecimento tinha de mim até então. Por intermedio do seu secretario, offercia o illustre diplomata asylar a meu pai e a mim na sua legação, pois reputava em risco as

nossas vidas. Iria em pessoa, — caso consentissemos, — buscar-nos onde nos achássemos e até já preparára os commodos que nos reservava.

Determinou-me meu pai que respondesse agradecendo summamente a espontaneidade e a gentileza do convite, mas recusando-o naquelle momento. Repugnava ao nosso civismo, fôsem quaes fôsem os perigos arrostados, acceitar, dentro da Patria a protecção de um pavilhão estrangeiro.

Só no derradeiro extremo, nos curvaríamos com magua a essa contingencia.

Às 10 horas da noite, procurou-me o Sr. José Guilherme de Souza, ainda na vespera, como já disse, quasi estranho para mim.

Censurou elle a ausencia de segurança em minha moradia e a imprudencia com que eu sahira á porta de entrada, a fim de recebê-lo.

— O fim da minha visita, — declarou — é prevenil-o de que uma alta influencia do Estado do Rio de Janeiro precisa conferenciar com o Sr. — Ha urgencia. Qual a melhor hora e logar?

— Quem é?

— É o general Dr. José Thomaz da Porciuncula, senador federal, meu compadre e amigo.

— Ser-me-ha honroso e agradavel receber a S. Ex.<sup>a</sup>. nesta casa, quando lhe aprouvér.

Minutos depois entrava o Dr. Porciuncula, que aguardava o Sr. José Guilherme num carro parado perto.

Superficiaes, mais que ceremoniosas, até essa

data as nossas relações. Mal nos cortejavamos em fortuitos encontros.

Grave, ponderado, o Dr. Porciuncula externou-se, em substancia, assim :

— Sincero republicano, como se ufanava de ser, pezava-lhe que ao governo da republica se imputassem immerecidas responsabilidades. Intransigente em materia de principios, sabendo combater impavido, por elles, em qualquer terreno, quando mistér, esforçava-se por tornar a republica o regimen da ordem, da concordia, da paz social. Servira ao marechal Floriano com maxima lealdade, conscio de lhe ter prestado poderoso auxilio. Mesmo nesse periodo apaixonado, muitos adversarios haviam escapado incolumes, mediante o seu concurso, á furia cega das correntes em jogo. Assistiam-lhe razões para acreditar que se tramava contra a existencia de meu pai e a minha. Corriamos imminente perigo. Cumpria que, a bom recato, deixassemos passar inevitavel e temerosa onda. Possuiam elementos as autoridades do Rio de Janeiro, — de accordo com as quaes procedia, — para obstar a investida de uma turba. Como, porém, preservar-nos de um attentado anonymo? Como desviar o punhal ou a bala do tresloucado, decidido a ferir. Rodeado da policia e do exercito, succumbira o presidente Carnot. Nestas condições, propunha-se, obedecendo, acima de tudo, ás suggestões do seu republicanismo e dos seus sentimentos humanitarios, a pôr-

nos immediatamente em segurança. Urgia providenciar. Sem detença e ás occultas, devíamos sahir de Petrópolis. Na hypothese de nos inspirar confiança a sua pessoa, apresentaria um plano, de cuja realisação se incumbiria.

Cordealmente penhorado, respondi que nada pedíamos, mas que, estando em perigo as nossas vidas (e não podíamos duvidar, uma vez que o affirmava o Dr. Porciuncula) não nos era licito rejeitar o soccorro, tão cavalheirosamente trazido. Referi-me ao offercimento de asylo feito pelo plenipotenciario chileno. Louvou o meu interlocutor a nossa recusa, dictada por melindre patriótico. Conclui declarando que ia conversar com meu pai, a quem competia resolver. Parecia-me, entretanto, que elle entenderia, como eu, que o unico meio de correspondermos á nobre intervenção do Dr. Porciuncula era entregarmo-nos sem reserva á direcção de S. Ex.<sup>a</sup>, seguindo a linha, digna, sem duvida, de S. Ex.<sup>a</sup> e de nós, que se servisse indicar-nos.

— Bem, — disse o Dr. Porciuncula. Vou providenciar para que partam hoje mesmo, porque, repito, o tempo urge.

Eram 11 horas da noite.

Voltando-se para o Sr. José Guilherme de Souza, presente á conferencia, accrescentou:

— Aqui está o meu compadre e amigo, homem de inteira confiança, que os conduzirá á fazenda que possui em Minas. Irão a cavallo, pois não

conveniu que tomem a estrada de ferro, cujo tra-  
fego, demais, ficou interrompido em alguns pontos,  
em consequencia das ultimas chuvas.

Com inexcusable amabilidade, manifestou-se o  
Sr. José Guilherme prompto para viajar connosco  
in continenti, incumbindo-se dos animaes e ape-  
trechos necessarios. Dentro de uma hora poderia-  
mos sair. Effectuaríamos o trajecto em tres ou  
quatro dias, conforme o itinerario, por estradas  
pouco frequentadas, cuidadosamente combinado.

Objectei que a saude de meu pai não lhe per-  
mittia tão longa e ardua excursão.

— Empregarei então outro meio, — terminou  
o Dr. Porciuncula. Ausentes os senhores, julgo  
que as suas familias nada hão de soffrer. Em todo  
o caso, colloco a minha residencia á disposição  
dellas. O dia critico é o de amanha. Passado sem  
accidente, como acredito, as cousas volverão aos  
eixos. Espere-me aqui; — voltarei já.

Fui entender-me com meu pai, — que appro-  
vou a minha attitude, — logo que se retirou o  
illustre chefe republicano.

Volvou este, depois de meia-noite, acompanhado  
do coronel Augusto Cesar de Miranda Jordão.

— Removeram-se as difficuldades, — annunciou.  
Aqui está o coronel Miranda Jordão, amigo meu  
e dos senhores, que se prestou da melhor vontade,  
desde que lhe falei, a abrigal-os em sua fazenda,  
proxima a Petropolis. Será curta a viagem a  
cavallo, porque até Pedro do Rio podem ir de

carro. Devem partir de madrugada, antes que haja claridade. Virei buscá-los em pessoa, ás 4 horas, numa berlinda que mandei preparar.

Na verdade, á hora e no vehiculo indicados, apeou-se pela terceira vez o Dr. Porciuncula á minha porta.

Durante toda a noite, agentes policiaes, mais numerosos do que na vespera, rondaram junto a minha casa e a de meu pai.

Ás 3 horas, viera numa caleça para o Alto da Serra o Dr. Edwiges de Queiroz, chefe de policia, indo postar-se, com seus ordenanças, em face de um pequeno hotel, nosso vizinho.

Encontrando-se com o Dr. Porciuncula, a quem nunca falára, renovou-lhe meu pai os nossos agradecimentos. Observou, porém, que merecia reparo o empenho de S. Ex<sup>a</sup>. em nos dirigir para o interior do paiz, onde ha sempre representantes das paixões em voga nas capitaes. A correremos os perigos que S. Ex<sup>a</sup>. suppunha, preferivel fôra talvez facilitar-nos o embarque para o estrangeiro. Determinára a opção o receio de que fôssemos conspirar ou diffamar o Brazil?! Importaria tal receio grave injustiça. Jámais elle, meu pai, ou alguem dos seus, articulára uma palavra em desabono da Patria, quando banido na Europa. Podiam attestar o facto insuspeitos republicanos. Levára-nos o patriotismo a recusar o offerimento do ministro chileno, prevalecendo-nos do de um adversario, mas brasileiro, como o Dr. Porciuncula.

Redarguiu este que reconhecia a correccão do nosso procedimento. Na sua conducta comnosco não se dissimulava o minimo calculo ou *arrière-pensée* quanto a essa correccão, em qualquer ponto. Eram reaes os perigos que nos ameaçavam, bem como a outros cidadãos, quaes os Srs. Arthur Rios e Ruy Barbosa. O governo sentia-se apto para em breve debellar taes perigos. De accordo com o presidente do Estado, promovia a nossa retirada para uma fazenda vizinha, porque assim mais facilmente regressariamos e receberiamos noticias da familia. Agia, — accentuou — movido deste unico movel : — cumprimento do seu dever, já como republicano, já como homem culto e humanitario. Nada tinhamos, pois, que lhe agradecer.

Apertando-lhe a mão, retorquiu meu pai.

— Não ao chefe politico, mas ao compatriota cheio de coração e lealdade, que se me acaba de revelar, farei uma solemne declaração : de maneira alguma está prestando serviço a conspiradores ou inimigos traiçoeiros da republica. Convencidamente infensos a esse systema, guerreamol-o só com as armas do raciocinio e da propaganda pacifica. Nunca invocamos coadjuvação estrangeira. Nenhuma ligação, directa ou indirecta, temos ou tivemos com os bandos fanaticos do sertão bahiano, — elemento perigoso que combateriamos, se occupassemos o poder. Essas ligações tambem jámais as teve o coronel Gentil, tão

nefandamente sacrificado. A imprensa monarchista foi fundada e sustentada graças aos subsídios dos correligionarios. Um ideal exclusivo a orientára: a felicidade da Patria.

Trocadas estas explicações, partimos, indo conosco na berlinda o Dr. Porciuncula e o coronel Miranda Jordão. Seguia-nos no seu carro o Dr. Chefe de Policia, com escolta a cavallo. Adiante da Cascatinha, ao amanhecer, separámo-nos dos Drs. Porciuncula e Edwiges de Queiroz.

Alojavamo-nos, ás 4 da tarde, na magnifica fazenda do coronel Miranda Jordão, que, com seu irmão Americo, durante 15 dias, nos deu a mais fidalga e carinhosa hospedagem. É immensa a nossa divida de gratidão para com esses distintos patricios. Se lerem estas linhas, creiam que as traço cordealmente commovido. Quanto deploro que ellas não saibam traduzir de modo condigno os sentimentos de amizade e reconhecimento que as inspiram!

Por intermedio do coronel Jordão, o ministro do Chile escreveu a meu pai, reiterando o anterior offercimento. Até, se quizessemos, nos acolheria a bordo de um dos navios de guerra, cuja entrada se annunciava. Nesse navio transportar-nos-hiamos á gloriosa republica do Pacifico.

Continuava, entretanto, violentissima a linguagem das folhas do Rio de Janeiro.

Em *O "Paiz"* de 9 de Março lia-se o seguinte:

« O Clùb Tiradentes, em assembléa geral extraordinaria de 8 do corrente, resolveu :

« 1º — Constituir-se em commissão permanente para agir conforme dictar melhor o patriotismo dos republicanos brasileiros a respeito das ltuosas emergencias dos dias 3 e 4 do corrente mez, no Estado da Bahia.

2º — Delegar todos os poderes necessarios á referida commissão que se organise com a directoria do club e dos associados que fõrem convidados.

3º — Pedir a mais absoluta solidariedade e obediencia ás resoluções adoptadas, que só serão tomadas em prol da republica. »

Estiveram presentes á reunião diversos representantes da Nação, senadores e deputados, e outros muitos cidadãos. »

Ao mesmo tempo que verberava os morticínios da Armenia, onde o governo turco negava garantias aos christãos, escrevia a “*Republica*”, a 13 de Março :

« Não é, não pôde ser Antonio Conselheiro, a *figura de proa* da campanha restauradora, o instructor dos seus « fanaticos ». Por detraz da figura esqualida, nojosa e repellente desse explorador de miseraveis e de inconscientes, de bandidos e de insensatos, ha forçosamente alguém. E esse ALGUEM desdobra-se naturalmente em individualidades que não sabemos de onde surgiram, de personalidades que não se sentiram tocadas de um movimento de horror antes de se entregarem a essa campanha anti-patriotica, antes de irem casar os seus esforços ás praticas dessa quadrilha de salteadores, confundindo

num mesmo ponto o seu abastardado ideal politico com a cobiça infrene desses cultores do banditismo.

Ha, é inutil negar, quem esteja industriando a quadrilha de salteadores dos sertões da Bahia e aproveitando os seus serviços baixos e mercenarios para a miseravel campanha que só tem por objectivo o aniquilamento da patria, que tal será o resultado da morte da republica.

E se, bem informada sempre, a “ *Noticia* ” aponta o inimigo qual elle é, não vemos razão que detenha o governo, por um momento sequer, na pratica d’aquillo que lhe impõe o seu dever e nas medidas que a sua propria responsabilidade lhe aconselhar.

E’ não recuando diante desse dever, antes pesando-o no seu justo valor; medindo bem a responsabilidade gravissima do momento e não fugindo a ella, senão indo resolutamente ao seu encontro; é sentindo que o que convem fazer para salvar a republica, não tem outra limitação senão a propria conveniencia da salvação da causa que todos defendemos — o governo antes de todos; é assim e só assim, que se chegará a verificar o que todos sentimos : — que o braço está a agir no sertão, mas que a cabeça está a dirigir a acção d’aqui mesmo desta capital — deste primeiro entre todos os *Canudos* da actualidade... »

#### Accrescentava no mesmo numero :

« Segundo um telegramma para o *Estado de S. Paulo*, seguiram para o Estado de Minas os Srs. visconde de Ouro Preto, Affonso Celso Junior, conselheiros João Alfredo Correia de Oliveira, Candido de Oliveira, Carlos de Laet e outros monarchistas.

Durante a revolta de Setembro, foi ao Estado de Minas que se acolheram os monarchistas. Então parece que era innocente essa diversão : pelo menos, ao que nos consta, dessa villegiatura só resultou um livro mediocre, que se chama *Lembranças de S. João d'El-Rei* ou *Medo de um monarchista caloroso*, ou cousa que o valha.

Agora, porém, quer-nos parecer que a situação não é a mesma. De varios pontos do Estado temos recebido denuncias de que por ali transitam jagunços com destino á Bahia, que levam dinheiro e armas. O governo não pôde tornar-se indifferente aos factos que ora occorrem naquelle Estado e de que, aliás, está bem informado o governo local.

Esses factos não bastam para se julgar que a presença dos chefes monarchistas nessa região pôde ser motivo de grave perigo para as instituições ?

Julgamos conveniente no momento não ir além do que ora dizemos. O governo tome esta advertencia como julgar que ella merece. »

---

**Na sua edição de 14 voltava á carga o orgão governista :**

« Não podemos deixar de insistir junto do governo para que elle attenda para o facto de se estarem a reunir no Estado de Minas os principaes chefes monarchistas a pretexto de nelle se refugiarem. As circumstancias em que se acha actualmente esse Estado não permitem que elle se torne justamente o foco, o centro de reunião de

elementos, que não são apenas suspeitos, mas que são positivamente os directores responsaveis e ostensivos da campanha monarchista, cujos fructos lamentaveis estamos todos verificando.

Não ha nenhum motivo para que nos illudamos, nem para que nos calemos, pois nada mais fazemos senão repetir o que á saciedade disseram elles mesmos na sua imprensa : os Srs. visconde de Ouro Preto, Carlos Affonso, Andrade Figueira, João Alfredo, Basson e Laet tinham e têm a responsabilidade da direcção da conspiração monarchica.

Ora, toda essa gente está em Minas, com ares de quem se refugia; e nós sabemos pelas repetidas denuncias de amigos nossos que, em mais de um ponto desse Estado, têm os republicanos motivos para não estarem tranquillos.

Confiamos plenamente na lealdade e capacidade do illustre republicano, que tem sobre seus hombros fortes a responsabilidade do governo desse Estado; mas S. Ex<sup>a</sup>. mesmo pensará connosco que mais vale prevenir, que remediar.

Tenha o governo bem em vista que estamos a lutar com uma vasta conspiração, que assenta o melhor de suas esperanças no facto de obrigar o governo a dispersar as forças republicanas para mais facilmente batel-as; e verá que nos assiste razão. »

No numero de 15 de Março accentuava a “*Republica*” o seu pensamento :

« Um feixe de varas, ensina o apologo, não se quebra; mas a cada vara de per si quebra-a uma criança.

Ha documentos por ali que o governo precisa de conhecer para a sua propria instrucção; e parece-nos que a lei dá-lhe os meios para isso. Ha chefes monarchistas que se retiram para Minas e o governo não deve permittil-o, pois ha legitimos motivos para crer que não correm ao asylo, mas á agitação. Ha, segundo é voz publica, focos de conspiração, deposito de armamento, agentes de perturbações e tudo isso deve desafiar a attenção do governo.

Modificar, como puder, o meio em que nos agitamos e vigiar o desenvolvimento da conspiração, é, a nosso ver, tanto dever do governo, como o é arrazar Canudos.

Que não clamemos de novo — Estamos trahidos! — quando realmente o que estamos é desprevenidos... »

### No dia 16 publicava :

« A luta é-nos proposta em termos taes, que não ha logar para a condescendencia. Havemos de vencer ou morrer. E, pois que temos por nós a grande maioria da Nação, punamos com a necessaria energia essa minoria irrequieta, anti-patriotica e perturbadora que a seus instinctos egoistas não duvida sacrificar os interesses geraes. Sobra-nos a convicção de que não fômos nós que provocámos esta situação e que a impuzemos á Nação; ao contrário, se de alguma cousa podem ser accusados os republicanos é de terem sido demasiado condescendentes e confiantes para permittirem que em face delles, **abroquelados** nas leis da republica e gozando das posições officiaes, os monarchistas organisassem a reacção que ahi está patente. »

E mais adiante sob o titulo — *Em Minas* — a-  
juntava :

« Retirado e esquecido »... Não! Os varões conspi-  
cuos que hoje esbravejam em face do céo mineiro e  
se vingam, em gritos, do silencio e do medo, que aqui  
carpiram quando sentiram a reacção ás suas manobras,  
não estão desta vez assim tão esquecidos! Eu, pelo  
menos, não os esqueço.

.....  
Quando me lembro de que, ha poucos dias ainda, aqui  
estavam todos, inflamados em odio, prégando a guerra  
e o combate, offerecendo-se, disputando á porfia o pri-  
meiro posto de perigo, promptos, *vida e sangue*, para  
servirem de argamassa, com que se cimentasse a base  
da restauração, e volvo agora os olhos para estas ruas  
e vejo-as desertas delles, fico sem saber o que pensar.

Tudo tem o seu limite, até a propria cobardia. Não é  
possivel que brasileiros se amesquinhem assim.

Tenho visto mais de uma propaganda : a da abolição,  
a da republica. Ambas tiveram seus momentos de crise,  
de riscos; mas o que nunca vi foi que os agitadores,  
responsaveis por esses movimentos, fugissem, desappa-  
recessem, quando a cousa lhe parecesse perigosa fugindo  
á responsabilidade.

Quando é que os heroes da abolição abandonaram o  
campo da batalha? Na Bahia a malta dos que sabujavam  
o conde d'Eu entendeu que devia apresentar-lhe como  
trophéo o cadaver de Silva Jardim a quem procuravam  
assassinar, nem por isso deixou o destemido propagan-  
dista, por um momento, a missão a que se impôz. Sabia  
que no Recife lhe preparavam identica recepção e não  
deixou de seguir até ali.

Finalmente os monarchistas são dessa mesma raça, e não é crível que a condição servil a que se votaram os tenha degradado a ponto de annullar-lhes assim todos os sentimentos de brio e de pundonor. Não é crível tanta cobardia. Não é natural que toda essa gente esteja em Minas só por cobardia; porém deve haver algum outro motivo. »

No seu editorial de 17 assevera ainda a “*Republica*” que os monarchistas tinham-se — « *posto fora da communhão social, transformando-se em seus inimigos, armando-se contra a lei, sublevando-se contra a ordem social e contra a ordem natural.* »

Inquiria : « *Ha que manter complacencia de qualquer especie com taes perturbadores ? Ha logar para qualquer tolerancia ?* »

E respondia : « *Não ! de modo algum !* »

Não era mais comedido o tom dos outros jornaes. Supprimidas a “*Liberdade*” e a “*Gazeta da Tarde*”, restou no Rio de Janeiro meia duzia apenas de folhas diarias, que, á excepção de uma indifferente, viviam a excitar o povo contra os monarchistas.

Facil desta sorte a unanimidade, simulando expressão exacta da opinião publica !

Convem registrar alguns factos demonstrativos das doutrinas dominantes.

O “*Jornal do Commercio*” teve de ser guardado por uma força de 33 praças.

O ministro da justiça foi insultado e apupado em plena rua do Ouvidor.

— Morra o inspector seccional Amaro Cavalcanti! — gritavam-lhe nas barbas.

O “*Paiz*” do dia 9 de Março noticiava :

« Hontem, ás 2 horas da tarde, grande massa popular dirigiu-se ao escriptorio de um jornal da manhã, estabelecido á rua Gonçalves Dias, pedindo que um orador desse orgão de publicidade se manifestasse sobre a politica que abraçava.

O nosso collega de imprensa, Dr. Leão Teixeira, acudindo a esse reclamo do povo, declarou que o jornal que ali representava estava ao lado da republica, e por esta faria quaesquer sacrificios.

Depois de falar o Dr. Frederico Borges, a massa popular dispersou-se na melhor ordem.

À noite, no edificio do mesmo jornal, foi postada uma força de policia. »

Em extensa carta, estampada no mesmo numero desse jornal, narra Angelo Agostini, antigo republicano e abolicionista, redactor do “*D. Quichote*”, que escapára de ser assassinado por homens armados que o suppunham hostile á republica e, á luz meridiana, invadiram o escriptorio daquelle periodico humoristico.

Referiu igualmente “*O Paiz*” que o norte-americano Lamoureux, director do “*Rio-News*”, escrevera para este orgão um artigo sobre os successos da capital, mas declarára que o retirava — « *pelo*

*perigo de exprimir uma opinião mesmo moderada contra aquelles que infestavam a cidade. »*

Ainda “ *O Paiz* ” inseriu no dia 20 o seguinte telegramma :

« O nosso digno correspondente na Bahia envion-nos os seguintes telegrammas, demorados pela Repartição Geral por affluencia de serviço :

« BAHIA, 17 — Tendo chegado ante-hontem da cidade de Ilhéos o coronel Antonio Pessoa da Silva, ex-deputado provincial, foi chamado á policia pelo facto de ser compadre do coronel Gentil de Castro e ter tido com elle intimas relações quando residia nesta cidade.

Perguntando-lhe o chefe de policia se era amigo do coronel Gentil e o que vinha fazer á Bahia, quando pretendia ir ao Rio de Janeiro e se havia recebido carta de Gentil, respondeu que não pretendia ir ao Rio, tendo vindo á Bahia collocar suas filhas no collegio, como fazia ha tres annos, nessa epoca em que era amigo do coronel Gentil, com quem aliás pouco se correspondia, tendo apenas, havia seis mezes, recebido uma carta enviando-lhe um recibo, e que a morte de Gentil soubera por um telegramma de um parente seu, sendo aliás publica a sua adhesão á republica desde a sua proclamação.

Attribue esta prisão, pois esteve recolhido no quartel de policia mais de 24 horas, á vingança de inimigos politicos, que querem mostrar zêlo. »

**Não ficava somenos em violencia a imprensa do interior.**

Dizia o “ *Correio Paulistano* ” :

« Aos embustes monarchistas responde sempre a coragem civica dos democratras, desmascarando-lhes os intuitos e pondo em fuga os caricatos partidarios de um throno expellido a 15 de Novembro de 1889, sem o protesto de um grito de amigo ou a tentativa de resistencia de um devotamento qualquer.

Dedicados á paz e ás garantias por ella permittidas, ambiciosos de uma ordem duradoura, que assegure a livre manifestação das actividades e o exercicio da consequente tolerancia, os republicanos não fogem ao sacrificio de lutar até ser attingido esse ponto de fé do seu ideal politico e principio inspirador do seu programma de governo.

E’ para conseguil-o que se péleja com bravura e pertinacia contra todas as machinações dos desordeiros, que esperam desalentar os amigos do regimen e abatel o pelo enfraquecimento.

Emquanto houver tentativas de desordem a abafar e perigos a vencer, as armas republicanas estarão empunhadas por mãos firmes para castigar os facciosos e manter as garantias necessarias aos interesses conservadores da sociedade.

Os monarchistas não querem socegar... proclamam a ruina da patria pelo « *quanto peor, melhor* », na phrase recente do Sr. Ouro Preto, perante o Supremo Tribunal?...

Pois bem, os republicanos accitam o cartel de desafio e mostram na acção popular, ás vezes excessiva, mas sempre nobremente patriotica, como sabem reagir e demonstrar o firme vigor que abriga dos seus assaltos venenosos a republica. »

Sob a epigrapha — *Desforcemo-nos* — exortava  
“*A Folha*” de Barbacena :

« Na Capital Federal fôram destruidas as negras officinas em que dia por dia se forjavam a calumnia, a diffamação e a perfidia contra a republica e só a poltronice dos conselheiros fujões evitou que num impeto irresistivel fôsse vingado o assassinato dos gloriosos expedicionarios republicanos.

Quanto peior melhor, — disse um dos proceres sebastianista e agora o repete em côro a grey monarchista. Pois bem; chegou o momento do ajuste de contas; não é possivel continuar neste caminho semeado de perfidias e de traições. Os restauradores affirmam que têm consigo a maioria da Nação. Veção se são capazes de mais alguma cousa que não seja intrigar, diffamar e calumniar; saiam a campo com toda a capangagem chefiada pelo truculento molosso Gentil de Castro; tenham ao menos um relampago de coragem, um resquicio de civismo e venham cumprir o seu dever morrendo por uma idéa. Ou façam isso ou nós, republicanos, os obrigaremos a submeterem-se de vez e não mais condescenderemos com essa *toypissima* campanha impatriotica dos vesanicos monarchistas, que pensam levantar um throno sobre as cinzas da Patria.

Já de uma feita foi Minas Geraes o refugio dos escorraçados do estado de sitio; a magnanimidade republicana consentiu que aqui tivessem asylo os reus de conspiração e de rebellião.

Não ha mais duvida de como os fujões pagaram a hospitalidade que lhes demos : — tentam conflagrar o grande Estado que é o desmentido aos agouros desses feiticeiros de lancaria.

Agora não. O momento é decisivo e esperamos que o governo mineiro não permita que este solo sagrado com o sangue de tantos martyres republicanos se constitua em valha-couto sebastianista, em homisio dos poltrões açuladores de revolta que, como ratos de navio, fogem desabaladamente ao menor prenuncio de tempestade.

Toda a hesitação é erro, toda a condescendencia é crime. »

Comprehende-se a situação creada para nós pela linguagem e pelos successos acima registrados.

Sem embargo, logo que se restabeleceu o trafego da linha ferrea, a 25 de Março, sahimos da fazenda do coronel Jordão e regressámos ostensivamente para as nossas casas em Petropolis.

Desde Janeiro chamava-me a Londres um negocio de advocacia.

Alliou-se a isto o desejo de mostrar um enfermo da familia ao padre Kneipp, de cujo tratamento colhera esse enfermo proficuo resultado. Resolvi a viagem á Europa, e consegui que meu pai me acompanhasse, no intuito de restabelecer a sua saude, alquebrada por tamanhos trabalhos e dis-sabores.

Embarcámos publicamente no vapor *Les Andes*, na bahia do Rio de Janeiro, a 8 de Abril, um mez após a morte do coronel Gentil de Castro.

Na manhan do embarque o ministro inglez, a quem não temos a honra de conhecer pessoalmente, communicou que, se annuissemos, nos acompa-

nharia até o paquete, conduzindo-nos em lancha, onde arvoraria o seu pavilhão. Agradecemos, recusando.

Procuraram-nos na barca commum em que viemos de Petropolis dois agentes policiaes secretos, participando-nos terem recebido ordem de nos seguir e defender.

Analogo aviso nos fez a bordo do *Les Andes* um official da policia do porto, primeiro tenente reformado da armada, incumbido tambem pelos seus superiores de velar sobre nós.

Assim, o diplomata britanico e o governo, do qual nada haviamos impetrado, receavam ainda contra nós alguma aggressão !

Eis os factos narrados com singeleza, mas absoluta veracidade. Puz escrupulo em mencionar minimos detalhes para fornecer ao leitor dados de apreciação seguros e precisos.

Longe de me arreçar dessa apreciação, eu a provoco, porque me fortalece a consciencia de que não me apartei um apice da linha estricta da honbridade e do dever.

---

## VI

### Destruição de infames aleives

Sobre o meu procedimento durante o assassinato do coronel Gentil correram varias e contradictorias versões.

Exalçaram-n'ò immerecidamente alguns, emprestando-me inexacta heroicidade. Em compensação, deprimiram-n'ò outros, imputando-me, com refinada perfidia, actos e dizeres impossiveis ao meu character.

Nenhum jornal, ao que me informaram, publicou essas versões, que, todavia, me têm sido communicadas. Constou-me que "*A Folha*" de Barbacena, periodico de Minas Geraes, — minha terra natal, que tenho buscado sempre servir e honrar — noticiára haver eu ajoelhado diante dos assassinos, implorando de mãos postas a graça de meu pai. Procurei em vão o numero que, me asseveravam, inseria tal infamia. Tambem não o encontrou o meu particular amigo, Dr. Julio Cesar de Queiroz Guimarães, honrado republicano, a quem incumbi da pesquisa, após a minha partida.

As únicas referencias ao attentado que achei na “*Folha*” fôram as seguintes :

« Ante-hontem na Capital Federal alguns populares justicaram o jagunço Gentil José de Castro.

Os monarchistas Affonso Celso, pai e filho, fugiram abandonando o seu companheiro. »

(*Numero de 10 de Março*)

« Pessoa vinda da Capital Federal dá os seguintes pormenores sobre o disturbio em que succumbiu o coronel Gentil de Castro :

Por occasião da luta fôram detidos o visconde de Ouro Preto e o Dr. Affonso Celso; o visconde conservou a altaneria e a linha que o não abandonam nas mais graves occasiões e o Dr. Celso, filho, implorou graça para seu pai que affirmou ser um monarchista franco e não um conspirador. »

(*Numero de 12 de Março*)

Ignoro se ha alguma cousa além disto. Sei, porém, que se propalou haver eu dado vivas á republica, no intuito de lisongear os aggressores e até — cumulo da torpeza, susceptível de ser espalhado e crido sómente por quem fôsse capaz de o praticar! — ter eu designado o coronel Gentil aos assassinos, que o não conheciam, a fim de fugir com meu pai, emquanto elles se occupavam de trucidar o meu desgraçado amigo!

Do ultimo facto, isto é, da maneira como o

coronel foi abordado pelos assaltantes, ha numerosas testemunhas : todos os passageiros do trem. Desafio qualquer delles a assignar narrativa differente da minha.

Á scena passada commigo, meu pai e os tres individuos postados junto á portinhola do carro, pela qual sahimos, creio que, infelizmente, ninguem mais assistiu. Só pôde, portanto, a fabula da minha humilhação provir desses proprios individuos, que, de resto, não lhe assumiram a responsabilidade.

Admittamos que ousem assumil-a.

Entre a minha palavra, — palavra de um homem, conhecido pela sua constante e absoluta dignidade, de um homem que em todos os lances da sua vida publica e particular, nas suas arduas campanhas eleitoraes pelo sertão mineiro, a 1 de Janeiro de 1880, por occasião do motim provocado pelo imposto de transporte, nos dias perigosos da propaganda abolicionista, a 15 de Novembro de 1889, jámais revelou cobardia ou desfallecimento, — e a palavra dos assassinos do coronel Gentil não deve pairar sombra de duvida ou hesitação.

Pois bem! Sob palavra de honra, sob juramento assevero que os acontecimentos se deram exactissimamente quaes os registrei. Não me abati, não descí a supplicas improprias.

Procedi como me cumpria, envidando, é certo, todos os esforços para salvar a vida a meu pai, não

recorrendo, porém, a expediente algum que repugnasse ao brio.

Acceitemos, todavia, por hypothese, a versão de que eu invoquei a commiserção dos homicidas.

Não intercedi por mim, reconhece a propria versão mentirosa: intercedi, consoante ella, a favor de meu pai.

Bem haja, nesse caso, a minha rogativa, — se produziu o almejado effeito, — se assim consegui, na realidade, poupar aquella preciosa existencia! Que me importa a denominem de fraqueza, poltroneria, como queiram! Bemdito opprobrio!

Resgatal-o-hia esta immensa gloria: — graças a elle salvei a meu pai! Que preço não vale tal gloria?!

De coração declaro mais: para — já não digo poupar a vida a meu pai, — mas para lhe obviar um desacato, um desgosto, empregarei sempre quaesquer meios licitos porventura efficazes, inclusivè os pedidos, as genuflexões, as lagrimas. Não me desdourariam. Abaixo de mim deslisariam o desdem ou o ridiculo que acaso suscitassem nos indifferentes, nos mãos, nos inimigos. Quanto aos amigos, aos que apenas me conhecessem, ou ainda aos simples espiritos sãos, esses não me condemnariam, pois, em identidade de circumstancias, de certo me haviam de imitar. Isso me bastaria.

Ignoro se a minha intervenção, modesta, como

a descrevi, contribuiu, na verdade, para evitar a meu pai sorte igual á de Gentil. Se contribuiu, nenhum contentamento superior me reservará o destino ; considero preenchida a minha razão de ser.

Elle, porém, meu pai, obstou positivamente que eu succumbisse na tragica emergencia. Não fôsse a sua presença, não me sobrepujasse ali o dever de subtrahil-ô ao conflicto e — (só Deus aquilata a sinceridade desta confissão) — e eu não houvera deixado Gentil ; — cahira, pelejando, antes que o attingissem.

— Mas abandonastel-o, — increpam, — fugistes amedrontados, quando é plausivel que energica resistencia tivesse dispersado os assaltantes. Deixastes o vosso companheiro arcar sósinho contra numerosos adversarios. Não o ajudastes a evadir-se tambem. Nem sequer, elle morto, buscastes desempenhar para com o seu cadaver os infimos deveres de christãos.

Fazendo-se porta-voz destas miserias, escrevia a “ *Republica* ” do dia 10 de Março :

« A viuva do coronel Gentil de Castro, que desceu de Petropolis, recolheu-se á casa de uma familia á travessa de S. Francisco de Paula. Ahi embalde esperou que um correligionario ou amigo de seu marido a procurasse. Vendo que essa gente nem para isso serve, e lobrigando na rua o nosso correligionario e amigo, Sr. Arthur Torres, que na vespera chegára da Bahia e ia assistir á

missa que se rezava em S. Francisco por alma do venerando pai do Sr. vice-presidente da republica, mandou procural-o e pediu-lhe que a dirigisse no trabalho de reclamar o corpo do marido para lhe dar sepultura.

O nosso amigo, que é patricio della e a conhece ha muito, prestou-se piedosamente a essa tarefa: foi á policia e deu todos os passos necessarios para isso. Foi o concurso de um republicano tão dedicado que a viuva do coronel Gentil encontrou. De monarchistas, nenhum para amostra... »

E a 13 transcrevia encomiasticamente do “ *Estado de S. Paulo* ” o seguinte paralelo entre nós e o cabo Roque, ordenança de Moreira Cesar em Canudos :

« E o combate já agora é inevitavel. Não recuaremos ante o repto do inimigo. Quando a lei, exhaustos os seus meios de defeza, fór impotente, iremos até á barricada.

Seja muito embora de exterminio a guerra, ella está empenhada e havemos de sustentar a nossa causa.

Querem a guerra civil? Tanto peor! Tel-a-hão.

Não transigiremos uma linha. Peito a peito, braço a braço, lutaremos. Lutaremos até final, porque, se é preciso mais sangue para que se firme a paz e a ordem seja, alfim, garantida, saberemos misturar, ao nosso, o sangue do inimigo refece.

Não fugiremos, podem estar certos os monarchistas.

Em Canudos, Roque, ordenança de Moreira Cesar, soldado da republica, morre, sem munição, sobre o cadaver do valoroso chefe.

No Rio de Janeiro, Gentil de Castro, braço criminoso embora, braço energico dos estadistas do ultimo gabinete da monarchia, dedicado servidor do visconde de Ouro Preto é assassinado, e Ouro Preto e outros monarchistas abandonam-n'o, para salvarem as proprias vidas, sahindo pela portinhola do carro em que, com elle, deviam partir...

Roque esperava a morte, guardando o cadaver de Moreira Cesar, varado por uma bala do inimigo.

Os estadistas do imperio abandonam um homem, que por elles deu a vida, e fogem do corpo do amigo fugindo á morte!

O paralelo é de hontem, e serve para distanciar da nossa dedicação essa fé monarchica que pára onde o sacrificio principia.

Nessa differença está a nossa força, está a garantia da nossa defeza e da victoria final da republica! »

Tudo isto é falso, clamorosamente falso. Sobre nos enlutar, pretende essa gente deshonnar-nos, pintando-nos como criaturas despidas de consciencia, refractarias a comesinhos sentimentos de solidariedade humana, monstruosamente egoistas, sem coração.

Não tendo podido ferir-nos physicamente, magoam-nos, com inaudita crueldade, as mais melindrosas fibras intimas. Chegaram a pregar nas ruas principaes do Rio de Janeiro cartazes assim concebidos: « *Suicidou-se o individuo Gentil José de Castro, ou antes, foi assassinado por seu amigo, o visconde de Ouro Preto!* »

Dóe repizar taes vilanias, symptomaticas da elevação de costumes e caracteres inaugurados a 15 de Novembro. Convem, comtudo, esmagal-as, porque — outro fructo do novo regimen! — hoje em dia no Brazil, em materia de accusação e calunnia, tudo, por mais absurdo que se apresente, acha quem nelle acredite e o propale, sem a minima contestação.

— Nada mais é impossivel entre nós, — ouvese a cada minuto.

E a degradante affirmativa costuma ser sublinhada por um sorriso de definitiva deserença! Triste disposição do senso moral, autorisada, aliás, por notorios exemplos!

Porém, não! Mercê de Deus, ainda muita cousa, ao menos para certo grupo, jámais se praticará no Brazil!

Jámais meu pai e eu abandonariamos, livre e conscientemente, ao perigo um amigo como Gentil; jámais nos portariamos com ingratidão relativamente a elle; jámais nos furtariamos de prestar á sua pessoa e, por maioria de razão, aos seus despojos mortaes ou á sua memoria, as homenagens fervorosas a que hão jus!

Ficaram minueiosamente descriptas as peripecias que nos separaram do coronel Gentil, no momento da aggressão.

Meu pai foi arrastado, no principio por mim, a quem depois auxiliaram o Dr. Rodrigues Horta e o capitão-tenente José Martins de Toledo. Podem

estes attestar quanta força material empregámos. Meu pai lutou litteralmente comnosco, a fim de não se arredar de junto a Gentil, cujo destino exigia compartir. Cedeu á coacção. Está salva, portanto, a sua responsabilidade. A "*Folha*" de Barbacena confessa : « *O visconde conservou a alta neria e a linha que o não abandonam nas mais graves occasiões.* »

Mas, quanto a mim? Poderia eu ter procedido de modo differente? Mal avisado andei tomando a iniciativa de arrastar a meu pai? Que expedientes me deveriam ter de preferencia suggerido o criterio e a dignidade?!

Peço aos que intentem julgar-me que em mente se colloquem na minha situação.

Melindrosissima essa situação! De um lado, eu via um amigo, como raros se nos deparam no mundo, mas moço, forte, destemido, afeito a desforçar-se, capaz de enfrentar mais de um homem, e que eu sabia perfeitamente armado. Via do lado opposto a meu pai sexagenario, inerme, doente. Um defender-se-hia, com vantagem; o outro, não. Contra ambos se atirava a sanha da aggressão, porém Gentil fôra procurado especialmente e descoberto, enquanto meu pai, em começo, passára despercebido. Na impossibilidade de secundar, ao mesmo tempo, a ambos, que me competia fazer? Por todos os motivos, sem duvida, optar por meu pai, arredal-o do conflicto, onde a sua presença seria um elemento de fraqueza, salvaguardal-o,

e, isto obtido, volver em soccorro de Gentil.

Foi o que tentei, abrindo a portinhola do trem e constringendo meu pai a saltar sobre a estrada. Com a nossa partida, o coronel Gentil não quedaria desacompanhado. Ao pé d'elle estavam, entre varios conhecidos, os dois empregados da "*Gazeta da Tarde*" e o meu parente Polybio Affonso Alves. Este ultimo, não obstante a sua pouca idade e debilidade physica, oppôz corajoso os possiveis embaraços á invasão do trem, apartando-se, ferido, quando Gentil cahiu subjugado pelo numero.

O coronel fôra atacado de frente, dentro de estreito vagon, numa especie de corredor. Qual, em taes circumstancias, a melhor tactica para protegel-o, — tactica adoptada mesmo á luz da reflexão, que não de improviso, sob a pressão do imprevisto e do inopinado? Desimpedir a sahida do corredor, de fôrma que por ella o aggreddido podesse recuar, garantir-lhe a retirada, pela retaguarda. Certamente, Gentil, com a fertilidade de recursos que, a par da bravura, o particularisava, ter-se-hia aproveitado da portinhola livre atraz d'elle, se o não atordoasse o tiro que desde logo o feriu na frente.

Mal pozemos pé em terra, meu pai e eu, fômos, por nosso turno, assaltados pelos tres individuos que ali estavam de emboscada.

Sem uma arma, diante das que elles manejavam, outro alvitre não se me antolhava além do que instinctivamente elegi: amparar meu pai com

meu corpo, escudal-o, de maneira a aparar os golpes desfechados contra elle, desviar os assassinos. Oppôr a força á força seria inutil loucura.

Que phrases me cumpria proferir, em logar das que, no horrivel momento, me acudiram aos labios? Duvido que de boa fé m'as indique quem meditar sobre a conjunctura.

O resto foi consequencia irremovivel do antecedente.

Logo que se me rasgou aberta, arranquei meu pai da zona de perigo. Perseguidos pelos scelerados, ouvindo-lhes os passos, os brados, os tiros, acoutámo-nos no primeiro refugio offerecido, escapando providencialmente. Retomámos o trem de Petropolis, — caminho de nossas casas, — ignorando a morte de Gentil.

Ficar no Rio, após o succedido, importaria em estúpida immolação : seria entregar o pescoço ao algoz. Alentava-nos a esperanza de que robusto, bravo, ardiloso, bem armado, o nosso amigo se livrasse, como nós. Corroboraram essa esperanza as pessoas vindas do logar onde o delicto se consummára, as quaes informaram que a victima estava apenas ferida.

Lograria, por acaso, decidida repulsa da nossa parte, unida á de Gentil, rechassar os malfeitores?

Não o creio. Constituiam elles densa horda que, fria e premeditadamente, procurava uma pessoa para dar cabo della. Haviam na vespera destrocado o lar domestico dessa pessoa, dispostos a

lynchal-a, se a pilhassem. De certo, semelhante horda, impulsionada a todas as violencias, não recuaría diante de quatro ou cinco homens de letras, desarmados, sem vigor physico, que se atrevessem a embargar-lhe o impeto. Resultaria simplesmente uma hecatombe, — catastrophe maior.

Permanecer eu ao pé de Gentil, seria expôr a meu pai, que, sem mim, sem a minha iniciativa e o meu afan, nem se arredaria, nem teria forças para tentá-lo. Qualquer velleidade de desforra, exasperaria o adversario, infinitamente maior, autorizando peiores excessos. Estavamos na proporção de um para vinte. Que general, — ainda o mais afoito — emprehenderia combate em taes condições?! E combate se trava entre contendores, sujeitos a certas normas, refreados por supremos escrupulos e inilludiveis sanções. **Accommettiam-nos**, porém, meros assassinos, destruidores da propriedade alheia, incendiarios, desvairados, saqueadores de imprensas e casas de familia, previamente certos da impunidade e da apologia por parte dos pretensos órgãos da opinião nacional, contando com a abstenção, se não apoio da autoridade !

Seguimos para Petropolis, propellidos pela fatalidade das cousas. Não regressámos, para saber de Gentil, por absoluta impossibilidade. A noite passámol-a, sob a imminencia de um assalto ao nosso domicilio. Na madrugada seguinte partiu para o Rio a esposa do nosso

amigo, acompanhada de pessoa idonea. Deixámo-la de acompanhá-la também, não com receio dos riscos (era arriscada igualmente a permanência em Petropolis), mas porque, além de inútil, a nossa assistência poderia embaraçar á digna senhora o desempenho da sua piedosa missão.

A noticia do fallecimento de Gentil coincidiu quasi para nós com a de sua autopsia e enterramento. Dir-se-hia que receiosos se apressaram em dar sumiço ao cadaver. Numa terra em que se tornou proverbial a morosidade de qualquer acto official, todos se praticaram aqui com incrível rapidez. Gentil, conforme as folhas republicanas, expirou cêrca de 6 horas da tarde de 8 de Março. Segundo a "*Republica*" de 10, ás 6 horas e meia da manhã de 9 encetaram os medicos legistas a autopsia, presentes apenas as autoridades policiaes e o pessoal do necroterio. Terminou o trabalho ás 7  $\frac{3}{4}$ , querendo-se proceder logo á inhumação. Isto é, entre a sepultura e a morte, mediaram umas 6 a 7 horas menos do que as determinadas pelos regulamentos vigentes. Porque tamanho açodamento? E, como nestas circumstancias, numa cidade de enormes distancias, entregue á anarchia, e onde, mesmo em quadra normal, são difficeis os meios de transporte, demoradas as communicações, como poderiam ter comparecido ao clandestino enterro os affeição-dos e correigionarios da victima, ameaçados de morte?

Não é exacto que a viuva do coronel Gentil, cansada de esperar em vão os amigos do seu finado esposo, recorresse ao deputado Arthur Torres, a quem casualmente lobrigou na rua. A respeitavel senhora procedeu de accordo com aquelles amigos, entre os quaes, de longa data, se contava o referido deputado, conterraneo e intimo de Gentil.

— Fôstes imprudentes e temerarios, — argüemos, por fim. Não devieis ter tolerado que o coronel descesse ao Rio de Janeiro, ou, pelo menos, devieis tel-o cercado de cautelas e precauções.

Desgraçadamente, raciocinios e avisos deste jaez costumam externar-se depois de consummados os acontecimentos. É facil demonstrar *à posteriori* que taes ou taes medidas haveriam obviado a este ou áquelle successo. Como prover de antemão sobre os accidentes da surpresa?

A verdade é que envidámos o maximo esforço para demover Gentil de ir á capital no dia da catastrophe. Não attendeu. Sabem quantos com elle privavam que era inabalavel em suas resoluções. No Rio de Janeiro não o abandonámos um minuto até o instante sinistro. Levára Gentil ao Rio o prohiboso intuito de velar pelos bens alheios, sob a sua gerencia. A violencia das paixões em acção só a conheceu plenamente, quando inexequivel era retroceder. Tranquillo em sua consciencia, convencido de que exercia, além de elevado direito, sacrosanto dever de patriotismo coadju-

vando a propaganda monarchista, pelos meios legais, imperterrito por indole, nada temia. Pensava que se restringissem a estragos de materiaes, não se allucinando até ao derramamento de sangue, os abusos da multidão ignara, illudida e açulada por levianos ou perversos mentores.

Pensava, sobretudo, que o governo, posto de sobreaviso pelos attentados da vespera, houvesse tomado medidas efficazes para garantir a vida dos cidadãos. Confiava, em summa, na força e no zêlo da administração republicana.

Chegando ao Rio, absteve-se dos pontos frequentados, conservando-se todo o dia numa chácara retirada, occupando-se em escrever moderadissimo manifesto ao publico, e, embarcando, a fim de regressar ao seio da familia, numa estação pacifica, de escasso movimento, no common.

Onde a imprudencia? Onde a temeridade?

Não lhe era dado imaginar, porém, que a policia dos assassinos sobrelevasse em vigilancia e actividade a do governo, de modo que esses assassinos, conhecendo todos os passos da victima condemnada, desembaraçadamente a encurralassem e trucidassem dentro de um comboio, prestes a partir.

Na hora extrema não foi absolutamente provocadora a attitude de Gentil. Accommettido por um bando minaz, cujas intenções se traduziam á evidencia nos instrumentos de morte que empunhava,

elle buscou defender-se, sacando da arma que trazia. —

Não fez uso dessa arma; não disparou um só tiro. Se disparasse, feriria, sem duvida, alguém da mó dos assaltantes, agglomerada a dois passos.

O certo é que se achava decretada a sua extinção, bem como a de meu pai e outros brasileiros carregados de serviços ao Brazil. Peior do que durante o *terror* da revolução franceza, nenhum simulacro de processo precedera a secreta sentença e multiplos carrascos anonymos se incumbiram da execução. Expediram-se telegrammas para S. Paulo, Juiz de Fóra e outros pontos, participando o homicidio do coronel e de meu pai duas horas antes do crime!

Passou sem averiguação policial o arrombamento nocturno, perpetrado dias antes da morte de Gentil, na sua residencia do Alto da Serra. Andaram grupos suspeitos á cata delle na barca de Petropolis. Consta que outros o aguardavam em Cascadura e na Barra do Pirahy, caso se retirasse pela Estrada de Ferro Central para Minas ou S. Paulo. Não havia fugir. Era um forte, um pertinaz, um intemerato monarchista. Causava medo. Urgia supprimil-o a todo o trance. Supprimiram-n'o afinal, de maneira ignobil, na phrase do Sr. Ruy Barbosa.

E somos nós os cobardes, elles os valorosos; nós os máos, elles os puros; nós os causadores do **des**credito nacional, elles os regeneradores das

virtudes, os representantes immaculados do character brasileiro...

Ratificará a posteridade este conceito? Será então veridica a conclusão de Renan: a historia não é mais do que uma serie ininterrompida de immoralidades e injustiças?!

Mas então procede o pessimismo anarchico: somos titeres inconscientes de uma divindade abominavel; a vida é uma ignominia; insurjamos-nos contra a ordem geral das cousas; viva a destruição completa; erija-se o desespero em unica philosophia; torne-se-nos o aniquilamento o exclusivo ideal!...

No que toca ao confronto do procedimento de meu pai e do meu com o observado pelos militares em Canudos, é realmente curioso.

Operavam lá em acção de guerra bastos batalhões de soldados, de que a coragem constitue obrigação professional, aparelhados para combater, avezados ás peripecias bellicas, — que para tanto a nação generosamente os remunera, os exalça e rodeia de isempções. Iam assaltar um reducto, com o sangue-frio conferido pela deliberação meditada. Deviam estar habilitados para quaesquer eventualidades. Importaria o contrario confessar incuria ou inepecia por parte dos seus chefes, mórmente em se tratando de expedição destinada a vingar insuccessos anteriores, cuja experiencia lhes deveria aproveitar.

Nós eramos dois ou tres paisanos, inermes

colhidos de momento, diante de fanaticos, bem semelhantes aos de Antonio Conselheiro, ou antes, menos justificaveis do que estes, pois não os desorientavam a ignorancia e a miseria do sertão.

Pois bem! A tropa de linha debandou em Canudos, — fugiu, digamos o termo. Proclamam-n'a, entretanto, heroica, benemerita, immortal. Nós, porque fômos coagidos a expediente analogo, ou melhor, porque não annuimos, impassiveis, a que nos assassinassem, somos acoimados de misera-veis, votados ao motejo popular...

Longe de mim depreciar as armas brazileiras, que considero tão respeitaveis e gloriosas, como as que mais o são. O desastre de Canudos não as desabona. Scenas identicas, não raro mais tristes, se enumeram nos fastos das grandes nações. A bandeira da Patria não se maculou : o seu prestigio surdirá illeso do fugaz eclipse.

Assignalo apenas a diversidade de apreciações, a parcialidade, o *parti-pris* dos nossos censores. Apotheóse para os derrotados de Canudos, injurias e escarneos para mim e meu pai, por não termos succumbido com Gentil.

Que o exercito fugiu ante o bando de Antonio Conselheiro, attestam-n'o insuspeitos testemunhos.

Diz a “ *Republica* ” de 13 de Março :

« A proposito das circumstancias que determinaram o insuccesso da ultima expedição militar contra os fana-

ticos de Canudos, o quartel general do exercito nos forneceu hontem a seguinte nota :

« Está verificado que das forças do commando do coronel Moreira Cesar, compostas de 1.200 a 1.300 homens, apenas atacaram Canudos de 700 a 800 homens; pois tendo ficado na capital cêrca de 300, em Queimadas e Monte Santo mais de 100, verifica-se com effeito aquelle effectivo.

Do pessoal que entrou em acção, já se tem apresentado mais de 500 praças. »

Equiparados estes algarismos ao das mortes certificadas, — muitissimo inferior ao que a principio se affixou, — verifica-se a dispersão, o panico de que foi presa a expedição Moreira Cesar.

Ainda é mais explicito o capitão Manuel Benicio, correspondente especial do “ *Jornal do Commercio* ” na Bahia. A missiva desse official, datada de 26 de Março e estampada na “ *Gazetilha* ” daquella folha, encerra estes trechos :

« — Sobe até hoje *officialmente* a mil oitenta e um o numero de officiaes e praças que têm apparecido em Queimadas, Monte Santo, Gerimoabo, Bahia e até Sergipe, debandados de Canudos no dia 3 de Março.

— Tenho entrevistado diversos officiaes que tomaram parte no ultimo ataque aos jagunços. Escolho de preferencia os feridos, alguns por chumbo, vidro, pregos e até fivellas, havendo-os tambem por bala redonda, de chuchú e armamento aperfeiçoado.

O ultimo que entrevistei e que é moço républicano exaltado, bom e valente patriota, que já serviu e se distinguuiu durante a revolta em Nitherohy e no sul, disse-me syntheticamente as seguintes e textuaes palavras, consentindo que dellas eu faça uso :

— No combate de 3, muitos correram; muitos morreram, porque correram e muitos morreram de correr. Ora ali está! »

Quanto ao famigerado cabo Roque, cujo procedimento o jornal de S. Paulo, transcripto pela “ *Republica* ”, invocava para estigmatizar o de meu pai e o meu, apontando-o como sublime modelo de abnegação republicana...

Convem recordar os termos com que a imprensa governista o endeusava.

Veja-se a “ *Republica* ” de 15 de Março :

« Moreira Cesar, disciplinador inexoravel, era de tal modo querido que ao lado do seu cadaver surge uma figura ideal de abnegação e de heroismo — a da sua ordenança, a desse Arnaldo Roque, nome que deve ser ensinado a nossos filhos, e aos filhos de nossos filhos, como uma legenda republicana.

Tão nobre, tão fulgurantemente bella é a historia desse soldado, obscuro hontem, hoje immortal, que preferimos repetil-a nos proprios termos em que a referiu o telegramma de um diario de hontem :

Leia, decore a mocidade brasileira, esta estrophe magnifica da epopéa republicana :

«... ajoelhado junto ao cadaver (de Moreira Cesar) que era conduzido em padiola nesta occasião, em defeza

do corpo inanimado de seu valoroso chefe, fez fogo sobre os inimigos que queriam tomar o corpo. Depois de queimar o ultimo cartucho, cahiu morto sobre os restos do seu amado coronel, que ficaram entregues á furia dos bandidos. »

Quando a gratidão nacional erguer na praça publica o monumento que deve á memoria de Moreira Cesar, não ha de faltar, no bronze glorioso, a figura épica de Arnaldo Roque.

Paz e gloria aos vossos corpos mutilados, grandes mortos queridos da republica! a vossa vingança ha de ser completa e solemne. »

Consulte-se “ *O Paiz* ” de 26 do dito mez :

« Para a familia do denodado e valente cabo Arnaldo Roque, o heroico soldado que recebera a morte quando guardava o corpo inanimado do bravo coronel Moreira Cesar, recebemos a quantia de 101\$600, enviada pelas seguintes pessoas :

Miguel do Valle . . . . .	10\$000
Tiberio Mineiro. . . . .	10\$000
Feliciano Penna Sobrinho . . . . .	10\$000
João Moreira . . . . .	5\$000
Pedro Bosisio. . . . .	2\$000
Um republicano . . . . .	2\$000
Mariano de Oliveira . . . . .	2\$000
	<hr/>
	41\$000
Quantia publicada . . . . .	60\$600
	<hr/>
Total. . . . .	101\$600

Essa importancia deve ser augmentada com a de

120\$. recebida dos alumnos do ultimo anno do curso de engenharia civil da Escola Polytechnica, os quaes fizeram parte da turma de exercicios praticos da cadeira de machinas.

Assim temos em nosso poder, para tão piedoso fim, a quantia de 221\$600. »

Neste genero, ou ainda mais enthusiasmadas, ha centenas de apologias, não se esquecendo em nenhuma os autores, já se sabe, — de vituperar concomitantemente a baixeza dos monarchistas. A Intendencia Municipal do Rio de Janeiro mudou o nome tradicional de uma das vias mais centraes da cidade — a rua Nova do Ouvidor — para o de — *Travessa do cabo Roque*.

Eis agora o que ácerca do mencionado cabo Roque publicou o mesmo “ *Paiz* ” de 26 de Março:

« Está vivo o cabo Roque, ordenança do heroico Moreira Cesar. Não sacrificou a vida do bravo soldado a jagunçada que lhe retirou dos braços os restos mortaes do seu estimado commandante.

Ferido na luta que sustentou para que lhe não roubassem os despojos preciosos confiados á sua guarda, o cabo Roque foi abandonado na estrada, onde a sua situação o forçou a consentir que os fanaticos arrebatassem a cubiçada presa.

Ante-hontem poudo afinal o cabo Roque chegar a Queimadas, onde se apresentou ao general Arthur Oscar. Com elle, tambem se apresentaram um official e mais 22 praças, que pertenceram á columna massacrada no dia 3 do corrente. »

O citado capitão Manuel Benicio, na correspondencia do “*Jornal do Commercio*”, ainda de 26 de Março, assim se exprime :

« O cabo Roque, o glórioſo cabo Roque, morto depois de ter acabado a munição, defendendo como um cão fiel o cadaver de Moreira Cesar, o cabo Roque glorificado pelos jornaes de todos os quatro ventos da America do Sul, que já tem uma praça em *Campos* com o seu nome — praça cabo Roque — em cuja esquina em letras brancas a Camara mandou fixar uma placa memoravel, o cabo Roque acaba de apparecer são como um pêro e salvo como um arrependido em Queimadas !

Sem duvida que a inexactidão da primeira noticia enche a gente de agrado. E' mais um valente cabo de guerra que apparece para morrer pela patria republicana, mas... sinceramente, o caso é de fazer-nos andar com a mosca por detraz da orelha a respeito de umas tantas *pressas* em dizerem-se e fazerem-se certos actos. Se não fôſſem ellas talvez que não tivessesmos occasião de lastimar (é voz corrente aqui) o prejuizo insolvavel no inicio do combate do dia 3, assim como fôram as mesmas pressas que na retirada de Canudos deram azo á trucidação de feridos. »

.....  
— Esta é boa ! E' boa, dizia um cidadão a rir-se com um numero da “*Bahia*” na mão.

— Mas o que é? perguntaram-lhe curiosos.

—E' boa ! E' mesmo de *cabo de esquadra* !

E mostrando o jornal apontava uma local em que se noticiava o apparecimento do *cabo* Roque. »

E a “ *Gazeta de Noticias* ” de 4 de Abril insere este telegramma :

*Bahia, 3*

« O engenheiro Teive Argollo encontrou-se em Queimadas com o cabo Roque, com quem conversou a respeito do ataque de Canudos.

O cabo Roque declarou que fazia parte do grupo que conduzia em uma padiola o cadaver do coronel Moreira Cesar, quando os jagunços atacaram o grupo, sendo obrigado com os seus companheiros, para escapar á morte, a abandonar o corpo no matto.

Disse que não se abraçou com o cadaver do coronel ; o que fez foi fugir com os seus companheiros. »

.....

Oh ! quantos e quantos cabos Roque, — muitos ainda não desmascarados — depois da republica !

-----

## VII

### A grande calúmnia

Nenhuma ligação, directa ou indirecta, jámais tiveram os monarchistas com os bandos fanatizados de Antonio Conselheiro, que desbarataram a expedição Moreira Cesar. É a verdade historica. Não conspiraram, — assistindo-lhes, aliás, para fazel-o, direito identico ao de que usaram os derubadores do imperio e fundadores da republica.

De longa data, muito antes do 15 de Novembro, infesta a gente do Conselheiro o sertão bahiano. Dizem que presentemente se declara propensa á restauração. Mas para avaliar a comprehensão que têm desse ideal politico basta o seguinte factó : queimam todas as cédulas bancarias ou do Theouro que não tragam a effigie do Sr. D. Pedro II, isto é, prestam assignalado serviço á republica, concorrendo para a amortisação das enormes emissões de papel moeda com que o novo regimen arruinou as finanças publicas. A realidade inconcussa é que Antonio Conselheiro age por sua conta

e risco, sem receber inspirações ou subsídios de quem quer que seja, e muito menos dos chefes monarchistas residentes no Rio de Janeiro. Provem o inverso, se são capazes.

Nunca o coronel Gentil se communicou com a horda de Canudos; não a conhecia absolutamente; nenhum recurso, em tempo algum, lhe remetteu.

Nem, quando o quizesse, estaria o coronel em situação pecuniaria de enviar munições, armas ou dinheiro para a luta civil.

O seu inventario patenteará quão exaggeradamente lhe computavam a fortuna. Em condições de pobreza fica a sua illustre familia. Não passam as affirmações em contrario de affrontosas mentiras, que os factos irão pulverisando a pouco e pouco.

Qual o meio pratico, qual o caminho para as remessas?

Como se sacariam as fortes sommas necessarias para uma campanha? Como se acondicionariam ás occultas mantimentos destinados a um exercito? Como se transportariam os fardos dos generos e as pesadas caixas de armamento, centenas e centenas de legoas, pelas rudes estradas do interior?!

Só extraordinaria ignorancia, absoluta ausencia de criterio, desconhecimento radical da nossa topographia, dos nossos costumes, dos nossos elementos explicam taes versões, ou então, refinadissima má fé, estupenda perversidade.

Prova evidente da irresponsabilidade monar-

chista no desastre de Canudos e da total innocencia desse partido em qualquer manejo criminoso; fornece-a o procedimento das autoridades fluminenses e das federaes para commigo e meu pai.

Se algum fundamento existia para se presumir a collaboração dos monarchistas com Antonio Conselheiro, corria áquellas autoridades o dever de nos tratar como indiciados, como delinquentes, como sediciosos, promovendo o nosso processo. Espontaneamente, entretanto, patrocinam-nos, dispensam-nos especial consideração, facilitam-nos a retirada dos pontos arriscados, cuidadosas de que não nos aconteça mal. Demonstraram, portanto, ássim, a falsidade das accusações irrogadas contra nós, quiçá pelos proprios jornaes seus correligionarios.

Sim ! Ou somos criminosos, ou não. Na primeira hypothese, protegendo-nos, trahi u o governo o seu mandato, mentiu á sua missão, tornou-se criminoso tambem. Como, na segunda hypothese não impediu a destruição dos nossos jornaes, o assassinato de Gentil, o assalto e o saque da casa particular deste ? Como permittiu que as folhas governistas nos metralhassem de calumnias, desfechassem contra um grupo de innocentes inermes a sanha de sanguinarios desvairados ? Como não orientou ou reprimiu os seus partidarios ? Como não puniu os verdadeiros criminosos, após os attentados ?

Em qualquer dos casos, conseguintemente, não

preencheu a administração republicana a sua missão social, mostrou incapacidade, fraqueza, **impotencia**, falta de idoneidade para as sagradas funções que lhe incumbem.

Conheço pessoalmente o Sr. Prudente de Moraes, de quem tive a honra de ser collega na Camara dos Deputados, naquella ominosa phase em que os inimigos das instituições se faziam eger, externavam, sem o minimo receio ou embaraço, e propagavam a sua fé. Rendo justiça ás intenções do honrado presidente da republica, á sua hombridade, ao seu patriotismo. Julgo mesmo que S. Ex.<sup>a</sup>. concretisa o mais nobre esforço de que é susceptivel o systema dominante. Não vejo quem vantajosamente o substitua, quem mais apta, elevada e escrupulosamente possa encarnar o poder executivo.

Pois, sob a inspecção do Sr. Prudente de Moraes, coadjuvado por varões graves, intelligentes, altruisticos, como o Sr. Porciuncula, dão-se os successos que relatamos, — successos virgens em nossos annos, — destroçam-se de uma só feita, não uma, mas varias typographias; atea-se uma fogueira na praça mais central do Rio de Janeiro com os livros e materiaes dessas typographias, fogueira que leva horas a arder; assaltam-se e devastam-se casas de familia; assassina-se em pleno dia, numa estação de estrada de ferro, um illustre brasileiro: ameaçam-se outros: commettem-se mil tropelias...

E diante de tudo isto reduz-se a acção governamental a, por linhas obliquas, occultar os ameaçados ao punhal assassino!

Qual a consequencia ?

A consequencia inelutavel é que o systema não presta, a despeito da melhor vontade e das virtudes de seus adeptos.

Forçado a transigir com a tyrannia demagogica, sempre que ella se agitar (e no Brazil essa agitação tornar-se-ha permanente) é incapaz de assegurar, não já a prosperidade e a felicidade da Patria, mas a liberdade, a propriedade, a vida dos cidadãos.

Comprometteu-se peremptoriamente a “ *Republica* ” a exhibir provas de que o coronel Gentil, em conluio com os chefes monarchistas, remettera armas e munições aos facciosos da Bahia. Taes provas, que deveriam ser apresentadas no correr do processo de calumnia intentado pelo coronel áquelle jornal, não appareceram até agora (já lá vão cêrca de 3 mezes), nem hão de apparecer pela decisiva razão de que não existem. Conjuramos a redacção da “ *Republica* ” a confundir-nos. Acreditamos, entretanto, que não emitiria proposição daquella gravidade, — proposição de que se originaram a destruição de quatro typographias e a morte de um homem; — sem um vislumbre de apoio, um pretexto qualquer.

Qual poderia ser o pretexto ?

Indagámos, e informaram-nos de que a policia se apoderára (ignoramos por que meios) de uma carta endereçada ao coronel Gentil, na qual alguém de Minas lhe participava, mais ou menos: « *A obra vai bem encaminhada, mas faltam-nos aqui operarios e material; você tem facilidade em mandal-os d'ahi; maude depressa; obrigado pelo que já tem mandado.* »

— A obra, — interpretaram, com a logica do lobo, interpellando o cordeiro da fabula, — a obra significa a sedição de Canudos; material e operarios significam munições e dinheiro!

D'ahi a demonstração palpavel da connivencia de Gentil com os fanaticos; d'ahi as accusações formaes levantadas contra elle na imprensa republicana; d'ahi a animosidade, a ira, o assassinato...

Mas, em primeiro logar, essa carta — que, de resto, consta vagamente que existe, mas não chegou ao destinatario, nem ainda foi vista por pessoa digna de fé, — essa carta deve ser datada de Arassuahy, antigo Calláu, á margem do Jequitinhonha, norte de Minas Geraes. Quando Gentil dispozesse de recursos e quizesse remetel-os a Antonio Conselheiro, não o poderia effectuar por via de Arassuahy. Basta conhecer pela rama a Geographia de Minas, basta lançar olhos distrahidos sobre um mappa da região, para se convencer a gente de que o itinerario de Arassuahy nunca seria o escolhido a fim de se communicar alguém com Canudos.

Dista um ponto do outro centenas e centenas de legoas de bronco sertão. Encerra tremendo dilate a asserção que refutamos.

Na cidade de Arassuahy, terra natal de Gentil, estava elle construindo, ha annos, uma casa de caridade. Adquirira para isso o predio habitado outr'ora por seus finados pais. Custava-lhe pesado sacrificio a philantropia.

Era uma das causas da restricção pecuniaria que o inhabilitaria de coadjuvar os fanaticos. Na coroação desse emprehendimento via Gentil sagrado empenho de honra. Empregava nelle, mais do que as sobras, boa parte do seu orçamento. Mandou, de facto, para Arassuahy materiaes e trabalhadores, difficeis na localidade. Mandou igualmente grande copia de livros para uma bibliotheca publica. A carta subtrahida dizia respeito ao piedoso edificio.

Subscreve-a, certamente, o Juiz de Direito da comarca, antigo republicano, com quem o coronel se correspondia sobre a materia.

Do que vai referido póde dar testemunho o deputado Arthur Torres, ao qual a "*Republica*" qualifica de correligionario dedicado e amigo. Supponho que S. Ex<sup>a</sup>. auxiliou a Gentil com importantes serviços. Igual testemunho prestal-o-hão quantos viajam pelo norte de Minas ou entretêm relações com os respectivos moradores. Facilima a verificação.

O numero de 1 de Novembro de 1896 da

“ *Nova Philadelphia* ”, órgão republicano, publicado na cidade de Theophilo Ottoni, consigna o seguinte :

### Estado de Minas. Cidade do Arassuahy.

« Em homenagem aos relevantes serviços prestados pelo illustre Dr. Olintho Augusto Ribeiro, Juiz de Direito desta Comarca, na administração das obras do importante edificio para hospital de S. José, ora em construção nesta cidade a exclusivas expensas do benemerito arassuahyense e<sup>el</sup> Gentil José de Castro, foi installado no dia 8 de Outubro, por ordem deste cidadão, com toda a solemnidade perante selecto auditorio o « Club Olintho Ribeiro », para cuja bibliotheca fez o mesmo e<sup>el</sup> doação de edrea de 600 volumes de importantes obras litterarias e scientificas. »

A carta, entretanto, não apparece. Talvez nem os seus termos autorisem equivococ, como acima se imaginou. Talvez haja sido fabricada de proposito para prejudicar o coronel Gentil. Costumam os monarchistas soffrer embustes desse teor por parte dos seus leaes adversarios. Em principios de Abril ultimo, alarmou-se a população da capital com a noticia, profusamente espalhada e arteiramente commentada pelas folhas republicanas, unicas a que é licito funcionar, — de que as autoridades tinham apprehendido um *jagunço*, agente de Antonio Conselheiro, *jagunço* vindo adrede ao Rio de Janeiro a fim de entregar a varios

monarchistas eminentes missivas importantes. Os nomes de alguns destinatarios fôram publicados: o visconde de Ouro Preto, D. Veridiana Prado, a nobre matrona paulistana. Com essas revelações, — escusa-se accrescentar, — recrudesceram o odio e as ameaças contra os indigitados, inibidos de defeza. Procedeu-se a inquerito e, ao cabo de uma semana de anciedade e perigos, reconheceu a propria policia ter sido victima de formidavel logro. Não passava o *jagunço*, o emissario sertanejo, de um ex-caixeiro portuguez, pago para representar o papel. As famosas cartas haviam-n'as grosseiramente forjado no Rio de Janeiro, com malvados intentos.

Não procederá de identica origem a epistola em que se estriba a accusação contra Gentil?

Pullulam as provas e as confissões, — infelizmente tardias, — de que o partido monarchista é de todo estranho aos successos de Canudos.

Na correspondencia estampada no "*Jornal do Commercio*" de 4 de Abril, escreve o capitão Manuel Benicio:

« *Bahia, 29 de Março.* — Sobre Antonio Conselheiro muito se tem escripto em nossos jornaes e houve até quem fantasiasse lendas e romances que aureolavam a figura sinistramente penitente do homem com resplandores de martyr.

De resto, no emtanto, elle não vale mais do que um missionario do mal que cresce dia a dia na opinião publica em valor, coragem e importancia na proporção

das distancias, digo, na razão directa da distancia. E' assim que este povo bahiano, tendo mais á mão do que o da capital federal o vulto do chefe dos jagunços, encara-o como cousa de pouca valia e não lhe dá o merecimento em que é tido entre os cariocas. Parece que deve haver razão neste modo indifferente em que é tido aqui o Conselheiro.

Se a voz publica é uma verdade, o propheta criminoso dos sertões bahianos, ainda olhado atravez do prisma vermelho de sangue, desastres de que tem sido autor, não é tomado a serio por este povo que mais proxima-mente deve sentir-se com a sua nefasta e perniciosa missão.

Assim não é, entretanto, o que dá a pensar aos que veem da capital federal que Canudos fica mais perto da rua do Ouvidor do que da cidade de S. Salvador.

A exaltação é portanto noutro canto que não aqui e se ella com motivo proveiu pelo desastre insolvível da morte do bravo Moreira Cesar, este desastre deve ser tomado á conta de um caso cuja explicação compromette aos que já não são desta vida e que pagaram bem caro, uns a bravura, outros a falta della.

Ahi, na capital, sem intento de menosprezar o patriotismo de verdadeiros republicanos, é que se explora Antonio Conselheiro e seus actos protegidos por uma destas fatalidades benevolentes e criminosas.

O homem existe façanhudo e merecedor de uma punição com todos os seus, exemplar e unica, porque para salteadores e homicidas não deve haver commiseração; mas, pelo que tenho notado, será elle, na verdade, o portador de uma bandeira politica com visos de uma reforma de regimen ou um obcecado mental explorado

pelos reclames, alarmes e preconceitos do patriotismo exaltado ?

A objecção que muito naturalmente salta deve ser a de — como um sujeito ignorante pôde cercar-se de tão grande numero de dedicados que não se rendem nem o atraioam, embora não tenham aonde cair mortos ?

Ora, quem conhece o fundo dos sertões do norte não se admira da facilidade destes agrupamentos em derredor de um missionario qualquer.

Os missionarios que conheci até certo tempo, quando viajei em Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte, Piauhy e Ceará, eram acompanhados de villa a villa, povoação a povoação, por milhares de criaturas, especialmente mulheres, e todas estas familias abandonavam as lavouras e bens para seguirem durante semanas os prégadores nomades de nosso sertão. Em frente ás igrejas nas noites da santa missão armavam-se latadas (choupanas) e em uma promiscuidade primitiva dormiam todos.

.....

Não é, pois, de admirar que Antonio Conselheiro, fixando ha tanto tempo a sua missão em Canudos, haja em seu derredor uma multidão de 5, 6, ou 8 mil pessoas, incluindo mulheres e crianças.

Aquellas em caso de um agravo aos santos missionarios eram de um fanatismo indizivel, abandonavam filhos, maridos, tudo ! Devem ser temiveis tambem em Canudos, já excitando os parentes, já por sua vez no manejo dos bacamartes e facões, quando periclitarão seu milagroso Antonio.

Na razão directa da protecção que o acaso favoreceu ao Conselheiro contra as tropas legaes, cresce o seu

prestígio, sua fama de milagroso pelos sertões do norte, e o povo do Ceará, Piauí, Pernambuco affluirá em ondas de bacamarte e facas em torno do que tres vezes não foi derrotado.

Muito peor do que o crescimento desta fama pelo sertão é o mal de ser encarada a questão do Conselheiro debaixo de um ponto de vista differente ahí na capital do d'aquí. Torno a repetir, a desordem é mais na rua do Ouvidor do que na Bahia e se ha quem a faça aqui não são os conselheiristas que os não ha.

Não encontrei ainda um bahiano que não fôsse contra o *bandido* como elles o chamam. E' de bom aviso, pois, antes de adiantarmos um passo mais nesta questão, sabermos—se estamos sendo explorados ou se somos nós republicanos que estamos explorando. »

Noventa e quatro estudantes das escolas superiores da Bahia publicaram, a proposito de Canudos, um manifesto, no qual se encontram estes trechos :

« Scenas de violencia, desmandos que reprovamos com indignação, fôram praticados, em outros centros, contra um partido que vive de recordações saudosas e de censuras amargas, por aquelles que levam até o exaggero desvairado a sua dedicação á republica, como se fôra possível servil-a menosprezando a justiça e quebrantando a lei.

.....  
E, no meio de toda essa agitação do paiz, quando os republicanos de todos os matizes criam chegado o momento de combaterem unidos o commum inimigo, e

a mocidade das academias, a flôr das esperanças de nossa nacionalidade, affirmava mais uma vez por toda a parte, como sóe sempre fazel-o, que o trato dos livros é o mestre por excellencia do amor á liberdade; só a Bahia, o theatro mesmo das perversas explosões da ignorancia obcecada, se conservou relativamente calma, como tomada de soturno pavor daquelle grande desastre da ultima expedição.

Ella não se levantou de uma só vez, como era de esperar, para oppôr, com a coragem heroica e tradicional de suas populações, um dique poderosissimo ao improbo desenvolvimento do bando alarvé, que só o fanatismo estupidô congregou, mas que, visto de longe, tem sido tomado como obra planeada de monarchistas em acção. Nem mesmo a mocidade das escolas superiores, a fibra nacional que primeiro estremece ao simples aceno de mãos aggressoras, prorompeu naquellas manifestações de enthusiasmo com que o destemor da juventude acode sempre aos chamamentos da Patria!...

.....

— Muito antes da proclamação da republica, quando ainda ninguem poderia prever que a arvore exotica da monarchia havia de ruir tão cedo, por não poder aprofundar raizes no seio das livres terras americanas, um homem, um degenerado, — producto natural da hereditariedade psychica, abalava o rude espirito das populações incultas, ao nordeste da Bahia, com a sua palavra ardente, sempre retemperada na leitura exclusiva da celebre — Missão abreviada —, tão subversiva e perniciosa a quanto ignorante a manuseia.

De todos os lados accorriam discipulos e o bando avolumou-se, agremiando todos os humildes entre os

mais humildes filhos do povo. O estranho propheta encontrára terreno propicio á germinação do joio daminho que ia semeando.

Clima rigoroso, selvas extensas de cardos e de espinhos, ausencia completa de todo o elemento civilizador, religião grosseira — um quasi fetichismo — eis os reaes auxiliares daquelle funesto evangelizador.

A asperzeza da terra, a ignorancia miseranda, os habitos e as naturaes tendencias de seus habitantes, que soem combater as seccas frequentes com preces e procições rusticas, onde não raro o ruido das disciplinas se casa, em lugubres cadencias, ao chôro e ás lamentações das mulheres e dos velhos; — tudo isso cabalmente explica o rapido successo do louco-beato, cujo novo evangelho fazia a apotheose da pobreza incuriosa, apontando ás turbas semi-selvagens o suilismo repugnante da miseria desleixada como o primeiro degráo a subir para a conquistagloriosa das ineffaveis delicias celestiaes.

. . . . .

Agora, oppondo-se loucamente ao regimen da lei, que houve mistêr impôr-se pela força das armas, os conselheiristas não cogitam de certo em restaurar a instituição decahida. Nutrem, sim, a insana pretensão de se conservarem independentes, livres de toda a acção governamental; mas no egoismo caracteristico daquelle ignorancia invencivel, nunca pensaram em destruir a republica.

Para isso seria necessario que o comprehendessem, que tivessem consciencia da solidariedade nacional, que soubessem estremeecer ao sagrado nome da Patria, que o Brazil não fôsse para elles apenas um nome vago, sem

significação intelligivel e que finalmente conhecessem alguma cousa mais do que a estreita religião agreste, quasi barbara onde assentaram os seus arraiaes.

Outros fôsem os intuitos da horda brutal, tivessem elles realmente os auxilios e os chefes que andam denunciando falsos boatos sem fundamento — e teriam sabido (díl-o o raciocinio mais elementar) colher as vantagens da victoria ultimamente conseguida, em vez de, com inepcia notabilissima, conservarem-se ali obstinadamente como á espera da inevitavel destruição, que desta vez se ha de realisar, para desaggravo da nossa civilisação e da honra do exercito brasileiro, gravemente offendido pelas desastrosas, mas naturaes consequencias da morte infeliz do bravo commandante da ultima expedição.

Não!

O fanatismo rebellado em Canudos é uma nodoa, uma vergonha que cumpre extinguir de prompto e por completo; mas em todás as phases que tem atravessado, desde a resistencia opposta aos primeiros contingentes policiaes contra elle enviados até o ultimo encontro em que, já quasi vencido, se viu de repente salvo e, ainda mais, victorioso, em consequencia da morte de um valente, nem uma só vez chegou a ensombrar com a ameaça sequer de um perigo as instituições republicanas!

Eis ahi porque não partiu da Bahia o grito de alarme, para que se pozessem em guarda os amigos verdadeiros da republica; eis ahi porque ella se não deixou arrastar na corrente das injustas violencias, em outros logares praticadas. »

Os estudantes da Escola Agricola da Bahia,

**adherindo ao manifesto dos alumnos dos cursos superiores, publicaram por seu turno :**

« Um estudo calmo dos factos, que aliás se têm ali pavorosamente desdobrado, dos habitos de vida a que se têm entregado, vai para vinte annos, os fanaticos de Antonio *Conselheiro* e as peripecias das duas ultimas mal succedidas expedições, deixam ver claramente que o movimento que se opera em Canudos não obedece a nenhum plano traçado por mão segura, e que, pois, está longe de ser a resultante necessaria de esforços intelligentemente combinados e habilmente dirigidos em favor da restauração do regimen que se esboroou, inopinadamente, ao embate luminoso das idéas democraticas que dominam o immenso e livre continente americano, onde fructéa a arvore dadivosa da liberdade.

.....

Completa a nossa solidariedade de vistas, intuitos e idéas com os signatarios daquelle importante e patriotico manifesto deparam os estudantes infra assignados a **oportunidade** de consignar neste documento a sua dedicação e apoio á causa da Patria, que apesar das temerosas difficuldades que ora a sitiam, não está ainda em perigo, em ordem a pedir-lhes o abandono dos livros pela espingarda do soldado.

Canudos é o ponto para onde, no momento, convergem as vistas de todos: mais ainda é tão sómente o centro de acção, não dos restauradores do antigo regimen, porém de um grande e perigoso grupo de allucinados fanaticos, que a indifferença, a tolerancia e a imprevidencia dos governos ao lado da mais estúpida ignorancia uma parte não pequena das populações sertanejas

têm alimentado e deixado medrar e commetter toda a sorte de desatinos e depredações, sem repressão efficaz nem freio. »

Na mensagem enviada a 5 de Maio pelo Sr. Prudente de Moraes ao Congresso Federal, limita-se o presidente da republica a dizer quanto aos successos da Bahia :

« Durante o intervallo das vossas sessões, o facto de maior gravidade quanto á ordem publica, pela repercussão que teve em todo o paiz, foi sem duvida o revez soffrido a 3 e 4 de Março proximo findo pelas forças que formavam a brigada expedida contra os fanaticos e bandidos acastellados na povoação de Canudos, Estado da Bahia.

Lamentavel pelas victimas que fez, entre as quaes avulta a figura denodada e patriotica de Moreira Cesar, que succumbiu honrando o posto que lhe foi confiado, o desastre de Canudos tornou-se notavel pela sensação que a sua noticia produziu nesta capital e nos Estados, sensação aggravada *pela supposição* de que os revoltosos dos sertões da Bahia não são simplesmente impulsio-nados pelo fanatismo religioso, mas tambem instrumentos dos que ainda sonham com a restauração da monarchia, apezar de estar esta definitivamente condemnada pela Nação. »

Finalmente, a 27 de Maio, a legação brazileira em Londres communicou á agencia Reuter, que o espalhou pelo mundo, que « *Antonio Conselheiro não obedecia a plano algum politico, nem a fór-*

*uma alguma de governo.* » Assim o declarou o “ *Brésil* ”, jornal de Paris, a 30 de Maio.

Para justificar a derrota de Moreira Cesar engendram os homens da situação, afóra a intervenção monarchista, mil explicações, qual mais abstrusa: commando das forças de Conselheiro por antigos officiaes revoltosos, direcção das mesmas por abalisados estrategistas estrangeiros, remessa de dinheiro e armas por parte da familia Orleans, de que é membro S. A. R., o Sr. Conde d’Eu.

Mas está na consciencia de quem quer que reflecta um instante com calma sobre os acontecimentos, ter sido a causa unica do desastre o pouco cuidado que presidiu á organização da columna expedicionaria. O governo ignorava a verdadeira situação de Antonio Conselheiro, os elementos que elle manejava, o caminho que cumpria seguir para atacal-o.

Deixou que se exercesse funesta influencia supersticiosa sobre o moral dos soldados, — filhos do norte, no geral, incumbidos de bater outros filhos do norte fanatisados. Nada se apparelhou convenientemente. Além de tudo, o chefe, cuja bravura ninguem contesta, mas que nunca dirigira expedição de guerra, propriamente dita, o chefe marchava gravemente enfermo. Conforme assevera “ *O Paiz* ” de 21 de Março, soffria continuados insultos epilepticos, asseveração corroborada por telegramma da Bahia inserto na “ *Gazeta de Noticias* ” de 30.

O Sr. capitão de mar e guerra, José Carlos de Carvalho, em artigo publicado na “ *Gazeta* ” de 13 daquelle mez, mostra o atropello com que se preparou a columna de Moreira Cesar.

Ainda assim, a despeito de tantos factores desfavoraveis, — capaz cada um por si só de determinar o insuccesso, — consta das partes officiaes que as tropas do governo chegaram a penetrar em Canudos, só debandando quando, ferido de morte o commandante, faltou official de prestigio que o substituisse.

E são os monarchistas o bode expiatorio, os culpados e responsaveis por tudo... Toca a perseguil-os, a abafar-lhes a voz, a supprimil-os por meio do ferro e do fogo!

A chave do occorrido ministra-a o seguinte dialogo que dizem ter tido logar entre o Sr. general Francisco Glycerio e um monarchista, amigo de S. Ex.<sup>a</sup>, que os conta em todos os partidos :

— Pois você, — interpellava o ultimo, — acredita seriamente na connivencia dos chefes restauradores com Antonio Conselheiro e que houvessem remettido aos fanaticos armas, dinheiro e munições?..

— Estou certo do contrario, — replicou o eminente republicano. Mas os monarchistas andavam falando muito alto e o povo ia-os escutando. Era preciso obrigar-os de qualquer maneira a calarem a bocca. Veiu a talho de foice o negocio de Canudos. Nem de encommenda...

## VIII

### Como se fundaram e se mantiveram os órgãos monarchistas na capital.

Restabeleça-se também sobre estes pontos a verdade adulterada por nescios ou perfidos narradores.

Alheio não é o assumpto ao plano do presente opusculo, porque a fundação de órgãos monarchistas na capital brasileira mais uma vez pôz em prova uma das qualidades salientes do coronel Gentil : — não poupar sacrificios na sustentação das suas crenças, — espontaneamente fazel-os, antes de lhe serem pedidos.

Eis, succintamente, o que se passou :

No manifesto publicado em Janeiro de 1896, expenderam os chefes do partido monarchista os valiosos motivos que os impelliam a deixar a attitude de completa abstenção que até então haviam guardado, para, pelos meios exclusivamente legais, especialmente pela discussão impessoal,

calma, elevada, assignalar os erros commettidos, e conjurar a pratica de outros, numa situação erriçada de difficuldades e perigos de tal ordem que ainda aos animos mais robustos não era dado, sem dolorosas apprehensões, encarar o futuro da Patria.

Assim se exprimiram o visconde de Ouro Preto e os conselheiros João Alfredo Correia de Oliveira, Domingos de Andrade Figueira, Lafayette Rodrigues Pereira e Carlos Affonso de Assis Figueiredo:

« Cada vez mais firmes em nossas crenças politicas, com as quaes o Brazil fez tudo quanto tem de bom e honroso, parecerá que nos move a propaganda monarchica.

Dessa propaganda não cogitamos. Quem a faria é a mesma republica; é a evidencia dos factos; é a força da verdade.

O que queremos e empreendemos resolutamente é a discussão larga, isenta, calma, escrupulosamente justa e impessoal dos grandes interesses brazileiros, no seu mais alto ponto de vista, muito contentes e felizes se deste modo, por esta unica acção que nos propomos dentro da lei, no circulo que ella traça as pejeas pacificas da opinião, pudermos contribuir para que este grande e esplendido paiz tome no mundo o logar que lhe compete.

Apresentando-nos como um centro, já constituido nesta capital, de intuitos que acreditamos condizerem, com o sentimento nacional; de trabalhos que consideramos dever imprescindivel para com Deus e a Patria

e de responsabilidades que assumimos com toda a consciência, esperamos que todas as classes ou pessoas, sem distincção de partidos antigos e novos, que communiquem nas graves apprehensões que nos attribulam o espirito, nos prestem o seu apoio, individualmente ou por meio de organizações locais, de modo que opponhamos a resistencia de uma opinião compacta e numerosa ás calamidades do presente, á completa desorganisação do paiz.

As boas causas têm força intrinseca, de si mesma impulsiva, que lhes assegura o triumpho.

A nossa é primordialmente sagrada no que se refere á consciencia moral da nação e é tambem a causa da soberania dos povos, da qual depende a legitimidade dos governos modernos.

Devemos confiar nella e defendel-a, porque vai nisto a nossa dignidade de nação christã e livre, com a fé paciente que não conta o tempo e inabalavel que não cede aos perigos. »

Perfeitamente conscientes dos dissabores que os esperavam, entenderam aquelles chefes que, exigindo a felicidade do paiz a actividade de todos os cidadãos, deviam contribuir da forma indicada com o contingente unico que a firmeza e dignidade das suas convicções lhes permittiam prestar. Decidiram criar um jornal.

A meu pai coube parte predominante nessa criação. Além das razões externadas no manifesto, procurou elle realisar dest'arte o eventual compromisso contrahido ao regressar em 1891

da Europa, onde estivera durante mais de um anno banido pela republica.

Na Bahia, primeiro ponto do territorio nacional em que pisou, após a cessação do banimento, em festa intima de amigos, que o cumularam de calorosas demonstrações de acatamento, e respondendo a um brinde, o visconde de Ouro Preto manifestou, como na occasião se fez publico, os sentimentos de que vinha possuido, traçando a linha de procedimento que seguiria e na qual escrupulosamente se conservou.

Fôram estas as suas palavras :

« Sem duvida a Patria deve contar com os meus serviços, assim como com os de todos os filhos que a amam, e eu os prestarei leal e dedicadamente, mas de accordo com as minhas convicções, na esphera de actividade e na ordem de interesses em que eu pôssa digna e honestamente cooperar.

Ora, no actual scenario politico do Brazil não ha lugar para mim, não ha papel que eu possa desempenhar,

Venho de cumprir uma pena, que a consciencia me diz ter sido injusta; mas venho sem resentimentos, sem paixões, e tão perfeitamente calmo que no intimo de meu coração não recusaria bençãos aos que a decretaram, se houvesse sido o preço da felicidade da Patria, que elles tivessem promovido.

Do que me diz respeito pessoalmente não me restam no espirito mais vestigios do que no mar sulcos do navio que me conduziu; tudo esqueci quando me coube a fortuna de contemplar de novo a esplendida con-

stellação do nosso hemispherio, que é symbolo sacrosanto de perdão, de paz e de liberdade.

Venho de cumprir uma pena, mas se ella, no entender dos que m'a impozeram, remiu as minhas faltas, não teve a virtude de me regenerar; eu penso hoje, como pensava a 15 de Novembro; sou um vencido, que não guarda rancor da derrota, mas não um penitente ou convencido.

Que viria, pois, fazer, volvendo á vida politica? servir a republica? Impossivel. Eu não tenho fé na republica, nem a republica pôde tel-a em mim. Os que a desejavam e a fizeram são os unicos que a devem dirigir. A epoca é dos *novos*.

Conspirar contra a republica? Tentar derrubal-a pelos mesmos meios por que foi destruido o imperio? Impossivel tambem; o meu character, os meus precedentes, o decoro do meu nome não me permitem ser conspirador. Sómente sei combater á luz do dia. Demais, a causa a que me dediquei não pôde, não deve, nem quer triumphar por essa fôrma. Os legitimos representantes da monarchia constitucional no Brazil não voltariam ao solio senão pelo voto expresso pacifica e legalmente da maioria da Nação.

Poderia, é certo, fazer propaganda das minhas idéas, demonstrar á luz dos factos que o paiz nada ganhou, antes muitissimo perdeu com a mudança operada, levantando para esse fim minha tenda nos arraiaes da **Imprensa**, onde ensaiei as primeiras armas e feliz serei se terçar as ultimas. Mas deveres igualmente imperiosos reclamam o meu incessante esforço na obscuridade e soego da vida privada, na qual unicamente poderei **Satisfazer** os. Ahi mesmo prestarei serviços á Patria.

Effectivamente, não será bom serviço dar exemplo de obediencia ás leis? Não o será, e de grande valia, educar os filhos de modo a tornal-os cidadãos prestantes e mais uteis ao Brazil do que pude sel-o? Eis a minha unica ambição, as aspirações com que volto.

Nada mais quero senão que me consintam trabalhar pela vida, depois de ter occupado as mais elevadas posições sociaes.

Parece-me que não é pretender muito e que haveria mesmo incoherencia em vedar-m'o, quando tantos sacrificios se fazem para mandar vir emigrantes. Eu, ao menos, nasci aqui, tenho familia numerosa e falo a lingua da terra.

Não me inspiram paixões, nem resentimentos, repito, mas dóc-me profunda magoa, causada pelo abatimento do credito do paiz nas praças europeas, nas quaes ha tão pouco tempo ainda os titulos de nossa divida eram considerados valores de primeira ordem.

Esse desconccito é immerceido e injusto : é absurdo mesmo, porque ainda não prejudicámos a nenhum de nossos credores, nem, mercê de Deus, jámais os prejudicaremos, perseverando sempre na religiosa fidelidade com que solvemos nas epocas mais difficéis os nossos compromissos; mas é o facto; é a realidade das cousas, e diante de tal situação não póde deixar de contristar-se nenhum brasileiro.

Se me punge esta magoa, nem por isso desanimo do futuro da nossa Patria; ao contrario, quanto mais observei o que se passa em outros paizes e o comparei com as nossas condições tanto mais se me robusteceu a confiança nos altos destinos que nos estão reservados.

Apezar de todos os erros commettidos, e elles têm

sido graves, seremos poderosa nação desde que nos conservemos unidos, mantendo integro o grande todo que se chama Brazil. Essa é a condição essencialissima de um porvir grandioso; e votado á execração publica deve ser quem attentar contra ella.

A heroica provincia da Bahia, que nunca poupou sacrificios na defeza da causa nacional será, estou certo, incansavel propugnadora da união, e, pois, erguendo bem alto um brinde sincero e fervoroso ao destemido povo bahiano, peço aos amigos presentes que me acompanhem n'outro, que deve consubstanciar os votos de todos os brasileiros dignos desse nome — á integridade da Patria. »

Os deveres imperiosos a que alludia o ex-banido eram o resgate das responsabilidades assumidas a fim de manter-se, com a familia, durante 19 mezes, na Europa, para onde o obrigaram a partir a expensas proprias. Fôra mais constrangido a pagar avultada indemnisação ao paquete que o conduziu, para que esse paquete alterasse a sua derrota, não tocando, por ordem do Governo Provisorio, em nenhum porto brasileiro.

Resgatadas, á custa de vivo trabalho, taes responsabilidades, mas não podendo, em consequencia da saude enfraquecida levantar nos arraiaes do jornalismo a sua propria tenda, empregou o visconde de Ouro Preto o maximo esforço para offerrecer uma condigna a lutadores mais fortes. Foi principalmente, senão exclusivamente, a meu pai, — posso dizel-o, — pedindo, aliás, escusa,

por não lhe ter impetrado venia, — foi principalmente a meu pai que se deve a montagem da officina da “*Liberdade*” e a publicação da folha. Começando por contribuir com quantia superior talvez ao que toleravam as suas posses, appellando para alguns correligionarios amigos pessoaes, reuniu, elle só, mais de dois terços do capital que se julgou necessario. Nada, absolutamente nada, veio de fóra do paiz. Avisado da resolução tomada, o coronel Gentil immediatamente respondeu :

— Concorrerei com a somma que o visconde de Ouro Preto mandar.

Instado para fixar a sua quota, redarguiu :

— Darei o mesmo que dér o visconde, — tão certo estava de que este jámais exigiu dos amigos sacrificio, que previamente não houvesse imposto a si proprio.

Com effeito, o coronel Gentil entrou para a “*Liberdade*” com a segunda das duas quotas maiores e iguaes.

Mezes depois, sabendo que os fundos colligidos se iam esgotando e o producto das assignaturas e publicações não chegava para o custeio, obrigando o visconde a novo sacrificio, duplicou o coronel, sem solicitação alguma, a sua primitiva entrada.

Mais tarde, como se ausentasse, por motivo de molestia, o digno gerente da empresa, Dr. Luiz Bezamat, propòz-se Gentil, ainda de *motu proprio* a gratuitamente substituil-o, não cogitando de

que assim procedendo renunciava á immuni-  
dade de mero commanditario, já quite, para tornar-se  
socio solidario, isto é, chamar a si quaesquer  
debitos e obrigações, que nem curou de averi-  
guar.

Do insano labor, da extraordinaria actividade  
que desenvolveu naquelle periodo são testemunhas  
o pessoal das officinas, fiscalizadas por elle em  
pessoa dia e noite, e os illustrados e dedicadissi-  
mos redactores, os quaes sempre o viram, prete-  
rindo os seus negocios individuaes, consagrar-se  
de corpo e alma ao desinteressado serviço do  
jornal.

Ainda assim, porém, era precaria a existencia  
da "*Liberdade*". Bem podem avalial-o quantos  
saibam como pôde viver uma folha de opposição  
radical, mórmente quando se tornou tal o respeito  
pela liberdade de pensamento que em festa official  
não se trepida em exclamar : *para monarchistas  
só ha um argumento — a bala!*

Não obstante haverem os dignos redactores da  
"*Liberdade*" dispensado vencimentos, já se previa  
a data em que o orgão monarchista suspenderia a  
publicação, quando o coronel Gentil se dirigiu a  
casa do visconde de Ouro Preto :

— A nossa folha não morrerá. Tive uma inspi-  
ração salvadora.

— Qual? — inquiriu meu pai, em cuja com-  
panhia se achava o genro do coronel, capitão  
Antonio Ferreira de Barros Junior.

— Comprarei a “*Gazeta da Tarde*” que me foi offerecida e tem vasta circulação, que lhe deixa lucros. Tratarei de augmental-os e d’ahi virão recursos para a “*Liberdade*”. Uma folha creada pelo senhor não pôde desapparecer á mingoa.

— Agradecido, mas não faça tal. Basta de sacrificios.

Em vão buscou meu pai dissuadil-o, mostrando-lhe os inconvenientes e perigos a que se arriscava. Pertinaz, não attendeu o coronel a nenhuma das ponderações, fechando a discussão :

— Já estou compromettido com o proprietario da “*Gazeta*”.

— Pois bem! — concluiu o visconde — Externei o que pensava : vai dar um máo passo, mas como o dá para salvar a “*Liberdade*”, não consentirei que fique só. Se effectuar a transacção, assumo a responsabilidade pela metade do que despende.

Assim se fez. A responsabilidade de meu pai foi logo desempenhada. Começaram a funcionar reunidas as duas folhas, cuja tiragem quotidianamente augmentava.

E eis como o coronel Gentil se tornou homem da imprensa, — o que lhe acarretou a morte.

. . . . .  
 Demonstram os factos que os monarchistas brasileiros são assás numerosos : — constituem a grande maioria da Nação. Mas, pacificos por indole e principios, inermes, não dispõem de garan-

tia alguma em seu paiz. Tyrannisa-os uma minoria ousada, e munida de todas as forças materiaes. Em começo, lançava-se-lhes em rosto a ignominia de haverem adherido em massa ás novas instituições. Adheriram muitos de boa-fé, suppondo que a revolução corrigisse os erros e os defeitos do Imperio. No meio, porém, da caudal adhesista, não raros protestos e resistencias por parte delles attestaram a dignidade nacional. Houve sempre uma phalange de monarchistas confessos e irreductiveis, brandindo contra o systema republicano as armas da intelligencia. Basta recordar a "*Tribuna*", destruida no tempo de Deodoro, e o "*Brazil*", amordaçado no inicio da presidencia de Floriano, jornaes que desassombradamente desfaldaram o pendão restaurador e valorosos o defenderam enquanto lhes foi dado viver. Jámais se calaram algumas vozes. Mesmo sob o terror florianista, appareceram opusculos e artigos de franca reacção. Não havia, porém, partido monarchista organizado. Muitos republicanos arguiam aos estadistas do Imperio : « commetteis um crime de lesa-patria com a abstenção ; deveis intervir nos negocios da republica discutindo-os, analysando-os, censurando-os, contrapondo-lhes as vossas idéas. »

Opinavam ameaçadores outros : « os monarchistas nada fazem ; logo conspiram. »

Surdiu o almejado governo civil. Fecundo em promessas de tolerancia e liberdade mostrou-se o

Sr. Prudente de Moraes. Ia-se cumprir emfim a constituição democratica, garantidora de todos os direitos! Credulos, os monarchistas arregimentaram-se, dispostos a combater de viseira erguida, a auxiliar a administração por meio da opposição leal, da critica inexoravel dos actos publicos. Fundaram-se clubs, folhas; associações monarchistas. Nas academias, numerosos moços se agremiaram em torno á velha bandeira que proporcionou ao Brazil tantos annos de paz, civilisação e gloria. Inequivocos indicios indicavam forte corrente favoravel á restauração, que correspondia ao intimo sentimento nacional. A republica assustou-se. São susceptiveis dos maiores excessos os fracos que sentem medo e estão armados. Encetaram-se as violencias.

Fôram varejados em S. Paulo os clubs monarchistas, apprehendidos os seus bens, dissolvidas pela policia simples reuniões em casas particulares. Recorreram os perseguidos aos tribunaes. Viram-se vilipendiados nesses tribunaes, onde se prégavam doutrinas de feroz intolerancia. Negou-se-lhes comesinha justiça. Aconselharam os juizes que elles fôsem tratados como outr'ora tratavam os despotas a escravos vencidos. Juntem-se ao exposto as calumnias constantes, as imputações aleivosas a cada minuto, a excitação por todos os meios dos máos instinctos das massas. « Crucificai-os, crucificai-os! » bradavam dia e noite os dominadores, certos do quanto estas instigações

actuum sobre a turba, fazendo-a preferir Barrabás ao filho de Deus.

Eis que surge um pretexto adequado para que a furia e o despeito republicanos se exerçam á vontade : — Canudos! Devastam-se então, de uma assentada, as typographias monarchistas (1).

Campeiam o incendio e a pilhagem. Organizam-se verdadeiras caçadas humanas. Friamente premedita-se e livremente executa-se o assassinato. E vituperios ás victimas innocentes, palmas, corôas, homenagens submissas aos algozes ensanguentados!

Que fazer diante disto? Montar ainda imprensa? Figurar nas farças eleitoraes?

Abstenção absoluta?

Succeda o que succeder, aos monarchistas brazileiros caberá sempre um grande papel : provar ao mundo que persiste no Brazil um avul-

---

(1). Lê-se no artigo de fundo da “ Republica ” de 28 de Junho :

« Quando o Sr. Amaro Cavalcanti chegou ao governo, a situação era outra. Não havia então desconfianças, nem receios. e S. Ex.<sup>a</sup> era o que se pôde chamar um *jacobino de bon aloi*. Recordamo-nos de que por esse tempo a “ Republica ” batia-se, como podia, contra dois jornaes monarchistas que aqui se publicavam ; e o applauso de S. Ex.<sup>a</sup> a essa campanha tinha taes excessos que, certo dia, S. Ex.<sup>a</sup> aconselhou a um dos redactores desta folha que a levasse até arrebentar os sobre-  
 los jornaes, cousa de que elle prudentemente se absteve, graças a Deus! — Façam-n'o bem feito, explicara S. Ex.<sup>a</sup> A policia chegou duas horas depois!

O jornalista que isso ouviu na propria secretaria d'Estado — e sem reposteiro corrido, nem guarda á porta, — bem que

tado grupo inabalavelmente fiel a seus principios, coherente com as suas tradições, firme no seu posto, grupo abnegado a que não abatem difficuldades nem descoroçoam perigos, nem desesperançam inseguridades ou traições do destino. Podem tudo contra esse grupo os detentores da autoridade. Não podem, nunca poderam, jámais hão de poder uma só cousa : deshonral-o.

D'ahi para elle a compensadora certeza de que cumpre galhardamente o seu dever para com a Patria e a Humanidade.

---

fazendo todas as restricções mentaes quanto ao criterio de tão bellicoso guarda da justiça, retirou-se certo de que havia homem ao leme. »

Como é certo o proloquio: » *brigam as comadres, descobrem-se as verdades!*.. »

Registre-se o que a " *Republica* " entende por *homem ao leme*.

---

## A victima

Martyr da liberdade de imprensa, immolado em virtude da independencia e coragem da sua fé politica, — eis o que foi o coronel Gentil José de Castro.

Perante a sua memoria devem curvar-se todos quantos veneram as convicções fortes, as instituições livres, a nobreza d'alma, o ideal.

Para os amigos se tornará legendario o seu nome. Incutirá admiração e respeito aos mais ferrenhos adversarios.

O coronel Gentil nunca lucrou com a politica. Sacrificou-lhe, ao contrario, bens angariados á custa de extraordinaria actividade e indefesso labor. Nenhum favor mereceu da monarchia, por cuja bandeira succumbiu. A abastança de que em sua vida gozava a familia, adquiriu-a após o 13 de Novembro de 1889.

A sua existencia é um compendio de actos de dedicação e energia, intervallados de soffrimentos sem par.

Para só falar de periodo recente, vemol-o, durante a revolta da armada, trabalhando pacificamente na sua fazenda de S. Carlos do Pinhal, quando de lá o arrancam os delegados da dictadura ; prendem-n'o ; dão-lhe busca na casa, com immenso apparatus de força ; levam-n'o escoltado ao Rio de Janeiro.

Nada encontram que o podesse accusar. Sem embargo, conservam-n'o detento. Não o processam ; nem sequer o interrogam. Tiram-lhe as joias e o dinheiro ; mandam-n'o para a Ilha das Cobras ; mettem-n'o na *escura*, — calabouço subterraneo, abaixo do nivel do mar, onde, em eras remotas, sómente por 24 horas, se encarceravam, como extremo castigo, os marinheiros que, cumprindo sentença, se portavam mal.

Jazeu o coronel Gentil semanas e semanas nesse calabouço. O deputado José Mariano, aprisionado com outros num cubiculo proximo, — tambem horrivel, mas muito mais supportavel, — narrou na Camara os supplicios que elle padeceu. São cousas incriveis, inimaginaveis, mais atrozes que as torturas cuja lembrança avilta a inquisição. Quasi nas trevas ; alimentando-se ás vezes de um pedaço de pão, atirado por entre as grades ; numa humidade constante ; impossibilitado de andar, pois raras mudanças de posição lhe permittia a estreiteza do ambito ; dormindo no solo viscoso ; respirando o fetido das fezes guardadas em receptaculo contiguo ao deposito da

agua salobra — despegou-se-lhe do corpo a roupa, aos farrapos, que lhe serviam ainda para indispensaveis cuidados de limpeza. Emquanto duraram as botinas, descalçava uma para fazer della travesseiro ; conservava a outra, e sobre ella collocava o pé nú, a fim de preserval-o um tanto da frialdade e garantil-o contra as baratas e os ratos. Cresceram-lhe as unhas e o cabello, de um modo selvagem. Foi para elle uma felicidade quando o constrangeram, sob a ameaça de guardas, armados de varas, a carregar e ir despejar na praia, em companhia de José Mariano, o vaso das dejecções. Tinha, assim, ao menos, alguns momentos de ar e luz! Ha quem affirme que determinaram fuzilal-o, chegando-se a cavar a cova, destinada a receber-lhe o corpo. Affirma-se mais que a execução não se effectuou, por esperarem que Gentil se esgotasse e morresse naturalmente, sob o regimen da prisão. De facto, só organismo de excepcional robustez, como o d'elle, resistiria a tamanhos rigores. Ficou meio cego, comtudo, e o *beriberi* o prostrou.

Certa madrugada estremunharam os presos ao som de estrondosos tiros de peça nas baterias, em cima de suas cabeças. Que seria? Era a 14 de Julho. A republica brazileira commemorava festiva a tomada da Bastilha. — o sinistro reducto, onde, entretanto, não conheciam os perseguidos do absolutismo tratos tão duros como os infligidos ali, um seculo depois. na democratica America,

no suave Brazil, a innocentes cidadãos qualificados, a representantes da Nação...

Aggravando-se as molestias de Gentil, foi transportado exanime para a enfermaria da Ilha, e, mais tarde, para a fortaleza da Lage.

Soltaram-n'ò, um bello dia, sem explicações, da mesma fórma por que o haviam prendido. Costumava responder galhofeiro aos que lhe perguntavam o motivo do encarceramento: « Fui preso, porque estava solto; fui solto, porque estava preso. »

Parecia nessa occasião outra criatura: debilitado, velho, livido.

Breve, reagiram a sua força vital e o seu temperamento de lutador. Recompôz-se; volveu á faina habitual.

Liquidados seus negocios em S. Paulo, achou-se possuidor de alguma fortuna, que os seus desafectos malignamente exaggeravam. Fixou-se no Rio de Janeiro. Podia levar existencia folgada, devotando-se á familia e explorando os cabedaes, honesta e custosamente accumulados. Não lh'ò consentiu o infatigavel espirito de iniciativa e acção. Tomava corpo então a propaganda monarchista, ingenuamente capacitada de que se convertera afinal em realidade a garantia a todas as opiniões, consagrada na constituição vigente.

Gentil sempre fôra ardente monarchista. Conseguiu fervoroso culto ao Sr. D. Pedro II. Coubera-lhe a honra de hospedar uma vez em Minas ao

glorioso Soberano e á santa Imperatriz. A 13 de Novembro, recolheu-se á vida privada, — elle que, desde menino, militára apaixonadamente na politica. Conservou, pelas suas relações de parentesco e amizade e pelos passados trabalhos, vasta influencia eleitoral. Arredado permaneceu, como o geral dos seus correligionarios, durante o periodo dictatorial e militar do novo regimen, — mas firme, inabalavelmente fiel aos seus principios. Voltou á arena com o advento do governo civil e suas promessas de tolerancia e liberdade.

Ninguem se avantajou a elle em serviços e sacrificios, quando se tratou de organizar o partido monarchista. Empenhou consideraveis sommas, — o melhor do seu patrimonio, — na fundação das folhas desse partido. Como faltasse a uma delias — “ *A Liberdade* ” — administração efficaz, por molestia do digno gerente, prestou-se espontaneo o coronel a substituir esse funcionario, sob a condição de não perceber remuneração alguma. Adquiriu, em seguida, auxiliado, como já se narrou, a “ *Gazeta da Tarde* ”, no intuito de auferir proventos que sustentassem e desenvolvessem a “ *Liberdade* ”. Isto tudo com incomparavel abnegação, preterindo elevados interesses, entregando-se a exhaustivo labor, violentando os seus habitos e expondo-se á ira dos pontendores, que o temiam, enxergando nelle — e avaliavam bem — mais do que um homem, uma legião. Entraram a injurial-o, a calumnial-o.

a ameçal-o, calculando talvez que elle se intimidasse.

Que engano! Arrombaram, alta noite, a sua residencia de verão em Petropolis. Com que fim? Os successos ulteriores o patentearam.

Gentil constituirá-se um baluarte contra o regimen dominante, — regimen afeito, por indole e tradição, a não soffrer opposição vigorosa e tenaz. Urgia arrazar tal baluarte.

Inventaram a ballela da cumplicidade com os fanaticos bahianos. Exploraram as animosidades estupidas da plebe. Veiu a proposito a catastrophe de Canudos. *A quelque chose malheur est bon.* Toca a ajustar contas com o ousado Gentil. A 7 de Março, destróem o material das redacções e typographias que giravam sob a firma delle, saqueiam-lhe a casa particular, quebram os crystaes, rasgam os quadros, arrojam á rua pelas janellas o que não despedaçam, damnificam o predio do qual desaparecem objectos, papeis, joias, titulos de valor. Como remate, assassinam-o na tarde seguinte. A sua familia, sobre perdel-o em condições dolorosissimas, vê-se, de repente, em precaria situação. Enormes os prejuizos da casa saqueada!

E, além de tudo, grandes obrigações de curto vencimento, contrahidas para a manutenção dos dois jornaes!

A singela narrativa destes factos dispensa commentarios.

Não ha, acredito, brasileiro de intelligencia e

coração que, no fundo da consciencia deixe de considerar o homicidio de Gentil como um dos actos mais degradantes da nossa moderna historia. Raros assassinatos por motivo politico ensanguentam os fastos nacionaes. O de Badaró, rodeado de circumstancias mysteriosas, excita até hoje, depois de cêrca de 70 annos, geral indignação. Classificavam-n'o os propagandistas da republica, com tanta ignorancia quanta injustiça, entre as razões justificativas da guerra contra a monarchia.

Pois ainda peor do que o trucidamento de Gentil foi a pilhagem da sua casa particular. Nas mais tresloucadas convulsões sociaes, nas crises revolucionarias mais tumultuosas, sempre se guardou um supremo respeito pelo lar domestico do cidadão. Pavorosos os attentados dos terroristas francezes em 1793 e dos communistas parisienses em 1871. Queimaram os ultimos a casa de Thiers, que o Estado, depois, reconstruiu a expensas suas. Thiers, porém, que estava em Versailles, era o chefe do governo que movia guerra de exterminio á communa. Mas perante o asylo sagrado das familias parece que se arrefecia e estacava a sanha de tamanhos scelerados. No Brazil, suppunha-se tambem, até ha pouco, inviolavel esse santuario. Mais uma illusão desvanecida pela nova ordem de cousas! No officio, endereçado, a 8 de Março, ao chefe de policia da Capital Federal, sobre os acontecimentos da noite anterior,

pelo delegado Moura Carijó, relata essa autoridade :

« Acontece, porém, que, pelas 5 horas da tarde, esta onda popular, sempre crescente, fraccionando-se em numerosísimos grupos, inopinadamente assaltou as redacções e typographias dos jornaes “ *Gazeta da Tarde* ”, “ *Liberdade* ” e “ *Apostolo* ”, e mais tarde, á rua Nova do Ouvidor, uma officina pertencente á empreza da “ *Liberdade* ”, inutilizando-as. A força publica, requisitada para impedir os impulsos da multidão, empregou todos os esforços para salvaguardar as redacções e officinas desses jornaes, o que lhe foi impossivel, devido á grandeza do numero de individuos que atacavam, conseguindo a muito custo acalmar o povo e evitar scenas de sangue.

*Devido a essas medidas promptas, prudentes e energicas, não foi tambem de todo inutilizado o predio onde reside o coronel Gentil de Castro, proprietario da “ Gazeta da Tarde ”, á rua do Passeio, ficando guardado por uma força da brigada policial, medida esta que se estendeu aos demais predios atacados. »*

*Devido ás promptas, prudentes e energicas medidas da policia, não foi tambem de todo inutilizado o predio onde reside o coronel Gentil de Castro...*

Omitte a parte official que a mobilia do coronel, despedaçada e arremessada á via publica, ahi permaneceu longo tempo exposta, como um trophéu, aos olhos de quantos transitam por aquelle animado ponto da capital. Omitte tambem que a

casa *não de todo inutilisada* se acha situada na rua do Passeio; entre a do Senador Dantas e a do barão do Ladario, antiga das Marrecas. O fundo dessa casa deita para a rua Evaristo da Veiga; outr'ora Barbonos, em face do quartel da brigada policial. Tão perto o alojamento da força, que do quarto de Gentil escutavam-se as musicas, os toques, as vozes de commando, o nitrir dos cavallos.

Quer isto dizer que do predio saqueado ao quartel levar-se-hiam, quando muito, cinco minutos em passo vagaroso. A brigada policial, composta actualmente de milhares de soldados valentes e bem armados, estava de promptidão. Chegou-lhe aos ouvidos, de certo, o barulho do demorado arrombamento (as portas e janellas forçadas eram solidas, munidas algumas de grades de ferro), o estrepito produzido pela invasão e pela destruição dos trastes e da louça. Ninguém incommodou os assaltantes, que operaram á vontade, á farta, desfructando de amplas facilidades para consummar até á perfeição a sua tarefa. Nenhum foi capturado; responsabilidade alguma se apurou. Mas, attento ás *promptas, prudentes e energicas medidas tomadas pela policia*, não ficou de todo inutilisado o edificio de pedra e cal. Ainda bem!

E pereceu o coronel Gentil de Castro, em plena vitalidade, exuberante de energia, repleto de saude, de alegria, de esperanza, de fé, sacrificado por inimigos a quem nunca fizera mal e que

sómente lhe increpavam este crime: — discordar delles relativamente á fórma do governo nacional. Depois de morto, cospem-lhe ultrages sobre os despojos sanguejantes. Assimilam-n'o ao hediondo facinora da Bahia, João Abbade, individuo de cuja existencia mal suspeitava e que o “*Paiz*” apresenta como instrumento delle. Turbulento, provocador, *jagunço*, inimigo da Patria, eis os epithetos com que o designam, emquanto se arvoram os seus algozes em benemeritos heroes. Profligal-os, punil-os... impossivel. Só para protegelos se desembainharia a espada da lei: O passamento de Gentil não mereceu da imprensa um só trivial adjectivo, laudatorio ou saudoso, dos que se dispensam aos mais obscuros e antipathicos finados. Falou-se da sua agonia como de um incidente insignificante, sem interesse, banal. « Cahiu justificado pelos populares » — escreveu um jornalista. Suicidou-se, foi executado, — annunciaram cartazes. Em S. Paulo, na Bahía, em Juiz de Fóra, em varias localidades do interior receberam-se telegrammas noticiando a sua morte violenta, bem como a de outros monarchistas eminentes, horas antes da perpetração do attentado. Houve manifestações de regozijo. Na rua do Ouvidor, hoje Moreira Cesar, bebeu-se *champagne* congratatorio. Consta que do cadaver, quando jazia em miseravel colchão na estação de S. Francisco Xavier, aproximou-se um moço conhecido, apalpou-lhe a testa, tomou-lhe o pulso e bradou,

radiante : « está morto, emfim ! Não de acabar desta maneira todos os infames bandidos restauradores ! »

Esse homem, assim tratado pelos seus contemporaneos, não era uma vulgaridade. Era um bello exemplar da especie humana. Figuraria com relevo em qualquer nação culta. Physicamente, cumulára-o de dons a natureza : alto, sadio, musculoso, physionomia varonil, feições correctas, modos donairosos, gestos rasgados, conjuncto sobremaneira attrahente e dominador. No intimo, os seus defeitos contrabalançava-os, excedia-os, apagava-os longa serie de preciosas qualidades. Era alegre, communicativo, insinuante. Perto delle a gente sentia-se bem, animava-se, confiava na vida. Escassa instrucção lhe ministraram seus modestos pais, mas a sua intelligencia perspicaz, lucida, prompta, o habilitava para se occupar de qualquer assumpto. Com que pittoresca eloquencia, com quanta graça picante ás vezes se externava ! Sempre disposto para o trabalho, de uma vontade inflexivel, activo até á irrequietação, nenhuma difficuldade o assoberbava, nenhum contratempo o abatia. Generosidade, cavalheirismo, beneficencia, prestabilidade, formavam outros aspectos do seu moral. Constantemente cheia de hóspedes e convidados a sua casa. Quasi uma mania nelle o desejo de obsequiar e servir. Como adorava o seu paiz ! Quão magnificamente menosprezava o dinheiro ! Que magnanimo e terno

coração ! Enthusiasmado por suas idéas, provido de soberba coragem, dir-se-hia que apreciava o perigo. Aquecia-lhe a alma alta a flamma dos paladinos. O seu nome de baptismo fornecia o mais adequado qualificativo para o seu espirito. No meio do geral egoismo, sabia ser amigo ás devéras. Revelava nos seus affectos estes dois predicados rarissimos : desinteresse e dedicação.

Vencido pelo numero, numa cilada de sicarios, ferido de morte, sósinho entre estranhos, não articulou uma queixa, um protesto, uma recriminação. Expirou calmo, digno, com estoica simplicidade, murmurando apenas : « Meu filho ! » Oh ! assistem ao pequeno orphão sobejos titulos para erguer altivo a cabeça, quando chegar á idade da razão. Seu pai foi um heroe. Semelhante a Saldanha da Gama, offereceu a vida em holocausto no altar da Patria. Lembrando Savonarola, João Hus, Giordano Bruno, os christãos primitivos, a quem a Igreja reserva os summos grãos da sua hierarchia, soffreu por uma idéa, cahiu martyrizado pela brutalidade, pela intolerancia facciosa, pela superstição.

Quem haverá que, meditando na biographia da nobre victima, não se incline para ella, levado de dolorosa sympathia, intensa piedade, viva admiração, de mistura com impetos de revolta contra as iniquidades do destino ? Nesses sentimentos consiste a gloria. Dest'arte, suscitás talvez inveja, inolvidavel amigo. Um raio glorioso te ha de doi-

rar a campa. A gloria, bem o sabes, ainda é o que de sublime se nos depara'na terrena condição. Subiste, estou certo, á mansão da verdade, das reparações, da justiça. Emquanto de novo te não vejo, paga-me esta immensa saudade que me deixaste inspirando-me, como é proprio de ti, a utilizar as minhas exiguas forças em honra do nosso tão desgraçado (mas ha de levantar-se, — não é assim?) e, por isso mesmo, tão querido Brazil.

*Paris — 4, Avenue de Friedland — Junho e Julho de 1897.*

---

## APPENDICE

**O assassinato do coronel Gentil José de Castro, segundo os jornaes do Rio de Janeiro que o noticiaram.**

Versão do “ *Jornal do Commercio* ”

### **Coronel Gentil de Castro**

« Às 5 horas da tarde de hontem, na estação de S. Francisco Xavier, na occasião em que aeabava de embarcar para Petropolis, no trem da estrada de ferro do norte, foi assassinado, a tiros de revólver, o Sr. coronel Franciseo Gentil de Castro.

O Sr. coronel Gentil de Castro, que ante-hontem á tarde fôra para Petropolis, onde tinha uma filha enferma, regressára a esta Capital hontem, de manhã, desembarcando naquella estação, onde era esperado por tres agentes de policia, que o acompanharam, por isso que corria o boato de que se projectava tentar contra a sua existencia.

Sempre acompanhado por esses agentes o Sr. coronel Gentil deu varias voltas nã eidade, indo á sua casa, na rua do Passeio, afim de verificar dos estragos que ali

lhe haviam feito, por ocasião do assalto praticado ante-hontem á noite.

Tambem esteve o Sr. coronel Gentil na Repartição Central de Policia e á tarde seguiu, como acima dissemos, para a estação de São Francisco Xavier, de onde tencionava seguir para Petropolis.

Foi então que dispararam tres tiros contra elle, resultando ficar mortalmente ferido com uma bala na cabeça e outra no peito. Pouco tempo depois exhalava o Sr. coronel Gentil o ultimo alento.

O cadaver do Sr. coronel Gentil foi recolhido em uma sala da estação, sendo mais tarde dada a ordem para a sua remoção para o necroterio.

Os agentes, que acompanhavam o Sr. coronel Gentil, declaram não terem podido prender o autor ou autores do assassinato, pelo facto de terem acudido tarde.

Na estação de S. Francisco Xavier reuniu-se grande multidão de populares, commentando o acontecimento.

Compareceram ali varios representantes da autoridade e, entre elles, o Sr. Dr. Elysio de Araujo, delegado da 2ª circumscripção urbana, que tomou as providencias que o caso reclamava. »

### Versão d' " O Paiz "

« Às 5 1/2 horas da tarde de hontem tomava o trem do norte, em S. Francisco Xavier, com destino a Petropolis, o coronel Gentil de Castro, proprietario da " *Gazeta da Tarde* " e gerente da " *Liberdade* ".

Acompanhavam-n'o os Srs. visconde de Ouro Preto, Drs. Affonso Celso e José Horta e o Sr. Moura Brito, ex-proprietario da " *Gazeta da Tarde* ".

Na occasião em que devia partir o comboio, um grupo de individuos penetrou no vagon, disparando dois tiros contra o coronel Gentil que recebeu ferimentos na cabeça e na região abdominal esquerda, fugindo em seguida os autores desse facto.

O ferido recebeu os primeiros socorros dos Drs. Xavier Rabello e Bettamio, vindo, entretanto, a fallecer uma hora depois, sendo conduzido para a estação de S. Francisco, da estrada central.

No momento de ser agredido, o coronel Gentil de Castro fez uso de um revólver, disparando varios tiros que não attingiram pessoa alguma.

Logo que a policia teve conhecimento do facto, fez seguir para o local uma força de cavallaria, tendo ali comparecido os delegados da 5ª e 8ª circumscripção, Dr. Elysio de Araujo e capitão Candido Barreto.

Essas autoridades arrecadaram um relógio e corrente de ouro, botões do mesmo metal, uma carteira com algum dinheiro em moeda-papel, tendo testemunhado essa arrecadação o agente da estação, Joaquim Ribeiro, o inspector da 16ª circumscripção Pedro Joaquim de Lima Bayrão, a praça da brigada policial Tiberio de Souza Monteiro, Manuel Alves dos Reis, Antenor Thomaz de Souza e Lucio Ribeiro.

O cadaver do coronel Gentil de Castro, que vestia calça de caçimira azul escura e paletot preto, foi recolhido á capella do cemiterio de S. Francisco Xavier, onde será hoje, ás 6 1/2 horas da manhã, autopsiado pelos medicos legistas da policia. »

Versão da “ *Gazeta de Noticias* ”

« Foi hontem victima de sua imprudencia e temeridade o coronel Gentil de Castro.

Sciente com certeza do que na vespera succedera, como sciente tambem deveria estar da animosidade contra a sua pessoa, o coronel Gentil nem por isso procurou evitar o encontro com os seus adversarios e pelo contrario affrontou-os, resultando ser morto na occasião em que esperava, no carro, a partida do trem de S. Francisco Xavier para Petropolis.

Eram 5 horas e 10 minutos da tarde. Estavam no carro esperando a partida do trem, como dissemos acima, além de outras pessoas, o coronel Gentil de Castro, os Srs. visconde de Ouro Preto, Dr. Affonso Celso Junior e Moura Brito, quando, por esta mesma hora, um grupo de cêrca de 30 individuos aos gritos de *viva a republica e abaixo a monarchia*, apeava-se na estação de S. Francisco Xavier e corria para a estação do norte.

Ahi, um bradou — *ao Gentil*. Este, segundo nos referiram, longe de intimidar-se, sahi ao encontro do grupo de revólver em punho, mas reconhecendo a superioridade do numero correu para o trem, quando dispararam tres tiros, attingindo apenas um o hypocondrio esquerdo.

Os Srs. visconde de Ouro Preto, seu filho e Moura Brito fugiram, sendo perseguidos até grande distancia, quando entraram em uma casa da rua João Rodrigues.

Passado o primeiro sobresalto fôram retirar do carro o coronel Gentil, verificando-se que apresentava um profundo golpe na cabeça, o que sem duvida foi a causa

da morte. Com vida ainda, pedia que lhe dessem agua, e depois de bebel-a apenas se lhe ouviu dizer : — *meu filho!* E morreu.

Vieram prestar seus soccorros medicos os Srs. Drs. Xavier Rabello e Bettamio que nada mais poderam fazer.

Dada a noticia, pelo telephone, para a policia, partiram immediatamente para o local do crime os Srs. delegados Dr. Elysio de Araujo e capitão Candido Barreto, seguidos depois por uma patrulha de seis praças de cavallaria.

Presente a autoridade, começou o arrolamento das testemunhas, que nada adiantaram, pois não reconheciam a nenhum dos aggressores; comtudo o Sr. Dr. Elysio intimou a comparecerem hoje na estação central da policia Joaquim Ribeiro, chefe da estação do norte, Pedro J. de Lima Bayrão, inspector seccional; Tiberio de Souza Monteiro, soldado da 10ª companhia, nº. 339; Manuel Alves dos Reis, conductor do trem; e os trabalhadores da estação Antenor Thomaz de Souza e Lucio Ribeiro. »

### Versão da “ *Republica* ”

#### Coronel Gentil

« Às 6 horas da tarde, de hontem, correu pela cidade a noticia de que o chefe monarchista, coronel Gentil José de Castro, proprietario da “ *Liberdade* ” e da “ *Gazeta da Tarde* ”, havia sido ferido gravemente com dois tiros de revólver.

Dizia-se que o factio occorrera na estação de S. Francisco Xavier da estrada de ferro do norte.

Immediatamente para ali seguiu um dos nossos companheiros afim de verificar a verdade do facto.

No mesmo trem em que iam o nosso representante e o d' "*O País* " e o capitão Moniz Barreto, ia tambem o Dr. Elysio de Araujo, delegado da 5ª circumscripção, que fôra enviado pelo Dr. Moura Carijó, o qual recbbera pelo telephone a noticia de que se travára grande conflicto nessa estação.

Ali chegados, sobre uma cama de ferro, recostado em um colchão de palha dobrado ao meio, jazia o coronel Gentil, de bruços sobre o leito, na posição em que alguns minutos antes fallecera.

Aquella autoridade tratou immediatamente de arrolar as testemunhas do facto, arrecadando após os objectos encontrados nos bolsos do morto.

Trajava calça de casimira cinzenta, escura, collete e fraque de diagonal preto e gravata escura.

Nos bolsos fôram encontradas duas carteiras, muitos papeis, relógio e corrente de ouro, nos punhos botões de ouro com o monogramma G. C., e um masso de dinheiro no bolso da calça, do lado direito.

O Dr. Elysio de Araujo, pelas perguntas que fez ao agente da estação, poude reconstruir a scena do funebre acontecimento.

Ninguem, porém, podia indicar um ou mais dos aggressores.

Parece que o facto succedeu do modo seguinte :

Em um carro de 1ª classe do trem que devia partir ás 5 horas e 15 minutos, tomaram logar pouco antes os Srs. Affonso Celso, Affonso Celso, filho, o coronel Gentil e um outro amigo que, pelas informações dadas, pen-

samos ser o ex-proprietario da "*Gazeta da Tarde*", Moura Brito.

Conversavam elles em alta voz, quando uma grande massa popular, que descera do trem de suburbio, e ao passar pelo trem em que elles se achavam, travou a principio uma troca de palavras, a que os do trem responderam puxando dos revólvers e fazendo fogo sobre o povo, que replicou com tiros de revólver.

Sahiram os monarchistas, descendo pelo lado opposto á plata-fôrma.

Vendo, porém, que o povo os cercava, voltaram de novo para o trem, sendo nessa occasião ferido o coronel Gentil, que tombou sobre um banco. Os companheiros fugiram pela outra porta do trem.

A multidão, vendo cahir o coronel Gentil, dispersou-se em varias direcções.

Transportado o ferido para o deposito de bagagem da estação, ali falleceu hora e meia depois, apesar dos socorros immediatos que lhe fôrão prestados pelos Drs. Xavier Rabello e Bettamio.

Fôrão intimados a depôr na Repartição da Policia, hoje, ás 11 horas da manhã, o agente da estação, Joaquim Ribeiro, o inspector da 16ª circumscripção Joaquim de Lima Bayrão, a praça da brigada policial Tiberio de Souza Monteiro, Manuel Alves dos Reis, conductor do trem e os empregados da estação Antenor de Souza e Lucio Ribeiro.

O cadaver foi removido para o cemiterio de S. Francisco Xavier onde os medicos legistas da Repartição da Policia farão hoje ás 10 horas da manhã a respectiva autopsia. »

### Versão da “ *Cidade do Rio* ”

Pela manhã chegou de Petropolis, desembarcando do trem da estrada de ferro do norte, na estação de S. Francisco Xavier, o Sr. coronel Gentil de Castro, proprietario da “ *Gazeta da Tarde* ” e gerente da “ *Liberdade* ”.

Tendo conhecimento deste facto, a policia entendeu do seu dever mandar que o acompanhassem varios agentes á distancia, a fim de garantir a sua vida, talvez ameaçada pela indisposição popular.

A’ tarde, quando o Sr. coronel Gentil de Castro tomava de novo o trem para Petropolis, deu-se um conflicto em que o mesmo senhor foi ferido mortalmente na cabeça e no peito, por tiros de revólver.

Tres quartos de hora mais tarde o coronel Gentil de Castro era cadaver.

O seu corpo foi removido para a capella de S. Francisco Xavier.

---

## Carta da viuva do coronel Gentil

---

Ex<sup>o</sup>. e prezado compadre, Sr. visconde de Ouro Preto.

Tenho feito sinceras preces a Deus para que conserve a preciosa vida de V. Ex<sup>a</sup>., agora mais do que nunca necessaria á patria, á familia e aos amigos.

Regressei quinta-feira (11) do Rio, para onde havia partido na terça-feira a fim de reclamar o cadaver de meu infeliz marido, o qual com difficuldade m'o entregaram. Encontrei-o já collocado em um toseco esquife, que mandei abrir, e presenciei então o mais horrivel espectáculo que os meus olhos já contemplaram! O corpo do mallogrado Gentil, que outr'ora exhalava tal abundancia de vida que a sua presença parecia afugentar a idéa de morte, não era nesta occasião mais do que um amontoado de carnes ensanguentadas!

Os ferozes assassinos não se limitaram a tirar-lhe a vida, mutilaram-lhe o cadaver!

Pela cabeça, pela testa, por todo o corpo existiam signaes de balas, de pauladas; das roupas só existiam fragmentos, o que denotava a heroica resistencia que elle offereceu aos assassinos!

Taes feras escaparão á justiça dos homens? Certamente não escaparão á de Deus!

Eu propria tive a triste coragem de incumbir-me dos ultimos e piedosos deveres para com meu marido.

Cumpridos elles, acompanhei-o com mais doze amigos á sua ultima morada, sendo o seu corpo sepultado em um carneiro do cemiterio de S. Francisco Xavier.

Procurei relaver os objectos encontrados nos bolsos do cadaver, os quaes não me fôram ainda entregues por, dizem, não estar terminuado ainda o inquerito.

Recusei-me a recber a casa da rua do Passeio.

Constou-me hoje que d'ali têm sido retirados objectos de facil conducção, não obstante estar o predio, segundo se diz, guardado pela policia. Ignoro quaes os estragos que fizeram no predio, pois lá não entrei, nem entrarei, sem serem procedidas as formalidades da lei para a entrega do mesmo. A V. Ex<sup>a</sup>. entrego a iniciativa não sômente sobre este como sobre quaesquer outros negocios do meu fallecido marido, que tão profunda dedicação tinha pela pessoa de V. Ex<sup>a</sup>.

Rogo-lhe, pois, que me aconselhe e me instrua sobre as providencias que V. Ex<sup>a</sup>. julgar deverem ser tomadas.

Ocioso me parece dizer a V. Ex<sup>a</sup>. a desolação em que se acham todos os meus. Sinházinha, cujo estado reclama cuidados, e que, como V. Ex<sup>a</sup>. sabe, está em vespersas de dar á luz, acha-se, do mesmo modo que eu, inconsolavel.

Meu filho, cuja pouca idade não lhe permite felizmente medir a perda immensa que acaba de soffrer, está bom de saude.

Meu genro procura dar-me coragem e resignação.

Rogo a V. Ex<sup>a</sup>., meu prezadissimo compadre, que não venha por aqui enquanto durar a agitação que ora domina os espiritos. Evite V. Ex<sup>a</sup>. ter a desgraçada sorte que coube ao nosso infeliz Gentil.

Os assassinos continuam sedentos de sangue e pedem mais victimas.

Acceite V. Ex<sup>a</sup>. os votos de todos os meus e lance a sua benção sobre o meu filhinho. Sou

De V. Ex<sup>a</sup>.  
Criada e Comadre

Maria M. de Castro

Alto da Serra, 14 de Março  
de 1897.

---

## INDICE

I. — Fins deste opusculo. . . . .	5
II. — Na vespera do crime. . . . .	7
III. — No dia do crime . . . . .	21
IV. — O crime. . . . .	51
V. — Um nobre republicano. . . . .	65
VI. — Destruição de infames aleives. . . . .	86
VII. — A grande calumnia . . . . .	110
VIII. — Como se fundaram os orgãos monarchistas. . . . .	120
IX. — A victima. . . . .	143

### Appendice

#### O assassinato do coronel Gentil, segundo a imprensa

— Versão do “ <i>Jornal do Commercio</i> ” . . . . .	156
— Versão d’ “ <i>O Paiz</i> ” . . . . .	157
— Versão da “ <i>Gazeta de Noticias</i> ” . . . . .	159
— Versão da “ <i>Republica</i> ” . . . . .	160
— Versão da “ <i>Cidade do Rio</i> ” . . . . .	163
— Carta da viuva do coronel Gentil. . . . .	164









## Obras de Affonso Celso

---

- |   |                                  |
|---|----------------------------------|
| — Prelúdios..                                     | — O Imperador no Exílio.         |
| — Devaneios.                                      | — Notas e Ficções.               |
| — Télas Sonantes.                                 | — Rimas de Outr'ora.             |
| — Camões.   | — Um Invejado.                   |
| — Poemetos.                                       | — Guerrilhas.                    |
| — Discursos Parla-<br>mentares.                   | — Contradições mo-<br>narchicas. |
| — Vultos e Factos.                                | — Giovannina.                    |
| — Minha Filha.                                    |                                  |
| — Lupe.   |                                  |
| — O assassinato do coronel Gentil José de Castro. |                                  |
-









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).